

**Sentidos sobre Beleza Feminina no *Blog*
Blogueiras Feministas**

Thaís de Camargo Oliveira

Orientadora: Lenise Santana Borges

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

GOIÂNIA, 2016

Sentidos sobre Beleza Feminina no *blog*

Blogueiras Feministas

Thaís de Camargo Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Banca Examinadora:

Dra. Lenise Santana Borges (PUC/Goiás)
Presidente da banca: Professora-supervisora

Dra. Eliane Gonçalves (UFG)
Professora Convidada

Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes (UFG)
Professora Convidada

Dra. Kátia Barbosa Macêdo (PUC/Goiás)
Membro Suplente

Data da Avaliação: 19/02/2016

Avaliação final: Aprovada

**Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)**

O48s **Oliveira, Thais de Camargo.**
 **Sentidos sobre beleza feminina no blog Blogueiras
Feministas [manuscrito] / Thais de Camargo Oliveira –
Goiânia, 2016.**
 136 f. ; 30 cm.

**Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto
Sensu* em Psicologia, 2016.**

“Orientadora: Profa. Dra. Lenise Santana Borges”.
 Bibliografia.

**1. Corpo humano. 2. Beleza feminina (Estética). 3.
Feminismo. 4. Psicologia Social. 5. Mídia digital. I. Título.**

CDU 316.6(043)

À minha família, que me impulsiona e me motiva sempre.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido durante o mestrado não pode ser resumido apenas na dissertação que o encerra. O aprendizado, as relações construídas, as desconstruções de paradigmas e os novos sentidos produzidos vão muito além do que foi transposto para este trabalho e acompanharão a pesquisadora para sempre.

Todo o processo só foi possível com o apoio de muitos, das mais diversas e lindas formas, ajuda financeira, sorrisos, olhares de compreensão e cumplicidade. A todas essas pessoas que estiveram presentes na minha vida nesses dois anos, minha gratidão e homenagem.

Agradeço especialmente ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, em especial à equipe da Reitoria, que não apenas concedeu a licença para que fosse possível a dedicação exclusiva ao curso, como ofertou uma bolsa parcial que auxiliou em todo processo. Sem tanto apoio, jamais seria possível. A minha expectativa é de retribuir tal feito realizando um trabalho de qualidade.

À minha tia Denise Oliveira, pelos inúmeros exemplos de vida, pela inspiração e pelo indispensável apoio financeiro.

À minha mãe, que me ensinou o valor do conhecimento como fator de mudança e crescimento.

Ao meu marido, pela parceria, apoio e amor. Aos meus filhos, pela paciência de compreender minha atenção sempre dividida entre eles e os estudos.

À minha orientadora, Lenise Santana Borges, pela paciência, pelos ensinamentos, por saber o momento certo de cobrar e de nos deixar livres para criar, por sua dedicação aos alunos e ao Grupo de Estudos Construção de Fatos Sociais, que não será nunca em vão, pois, mais do que um diploma a mais no currículo, esta relação nos oferece possibilidades de ressignificações e crescimento.

Aos meus colegas e especialmente à Sirlei, companheira ao longo de todo o processo, pelo companheirismo, pelas trocas, pelos debates e por cada olhar de cumplicidade, que tornou todo esse processo, muitas vezes doloroso, mais leve.

RESUMO

Oliveira, T. (2016). *Sentidos sobre beleza feminina no blog Blogueiras Feministas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

O presente estudo propõe uma análise dos discursos sobre beleza feminina de um dos *blogs* feministas mais acessados no Brasil, o *Blogueiras Feministas*, e objetivou identificar os sentidos produzidos sobre os corpos das mulheres e os padrões sociais de beleza impostos, por meio da análise da produção discursiva das autoras do *blog* e dos comentários suscitados ao longo de 2014. Para tanto, na metodologia, foram utilizados o arcabouço teórico do Construcionismo Social, das teorias feministas, de mídia e de práticas discursivas, entendendo, portanto, o discurso como ação que produz e modifica realidades por meio das interações discursivas. Os resultados indicam produções de sentidos de corpo e beleza feminina que materializam os mecanismos de controle social, gerando discursos de resistência e transgressão, semelhantes, muitas vezes, aos discursos acadêmicos feministas atuais.

Palavras-chave: Corpo. Beleza Feminina. Controle social. Feminismos. Mídias Digitais. Psicologia Social, Construcionismo Social.

ABSTRACT

Oliveira, T. (2016). Senses about female beauty on Blogueiras Feministas blog *Sentidos sobre beleza feminina no blog Blogueiras Feministas*. Dissertation (Psychology Master's Degree). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

This study proposes an analysis of discourse about feminine beauty of a feminist blogs more accessible in Brazil, the Feminist bloggers, and aimed to identify the meanings produced about women's bodies and the social standards of beauty imposed by means of production analysis discourse of blog authors and comments raised throughout 2014. Therefore, as methodology, we used the theoretical framework of social constructionism, feminist theories, media and discursive practices, understanding, so the speech as action that produces and modifies reality through discursive interactions. The results indicate productions body senses and feminine beauty that materialize the mechanisms of social control, generating discourses of resistance and transgression, like, often to current feminist academic discourses.

Keywords: body, feminine beauty, social control, feminism, digital media, social psychology, social constructionism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPÍTULO 1 – APRESENTANDO A PESQUISA..... | 15 |
| 1.1 Os Percursos da Pesquisa | 15 |
| 1.1.1 Objetivo Geral..... | 19 |
| 1.1.2 Objetivos Específicos..... | 19 |
| 1.2 Construcionismo Social: Uma Forma Diferente de Olhar para o Mundo | 20 |
| 1.3 Discursos e Práticas Discursivas | 22 |
| 1.4 Documentos de Domínio Público Como Fonte | 25 |
| CAPÍTULO 2 – OS CORPOS DAS MULHERES E SEUS INESGOTÁVEIS SENTIDOS..... | 28 |
| 2.1 Da Invisibilidade aos Holofotes, mas Sempre Sob Controle | 29 |
| 2.2 Sentidos Sobre os Corpos e os Padrões de Beleza das Mulheres Brasileiras | 36 |
| 2.3 Reflexos da Pós-Modernidade nas Noções de Corpo e Beleza Feminina | 41 |
| 2.4 Corpos Encurralados: Entre a mídia, a indústria Estética e o Controle Social | 46 |
| 2.5 Focos de Resistência: Discursos Feministas Questionando e Apontando Caminhos | 55 |
| CAPÍTULO 3 - FEMINISMOS NA REDE: MAIS UMA FERRAMENTA OU UM NOVO CAMINHO?..... | 60 |
| 3.1 Ativismo de Sofá?..... | 60 |
| 3.2 Movimento Feminista nas Mídias Digitais: Multiplicando o Alcance de Diferentes Discursos sobre Corpo e Beleza Feminina | 63 |
| 3.3 Blogs Feministas..... | 67 |
| 3.4 Quem são as Mulheres que Escrevem e Frequentam Blogs Feministas?..... | 69 |
| 4 ANÁLISE..... | 72 |
| 4.1 O <i>Blog</i> Blogueiras Feministas | 72 |
| 4.2 Quem são as Blogueiras Feministas?..... | 76 |
| 4.3 Repertórios e Sentidos sobre Corpo e Beleza | 82 |
| 4.4 O Papel dos Comentários..... | 89 |
| 4.5 Entre Subordinar-se, Resistir e Transgredir | 93 |

| | |
|--|------------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 105 |
| REFERÊNCIAS..... | 109 |
| ANEXO A – POSTS E COMENTÁRIOS..... | 115 |
| ANEXO B – LICENÇAS DE USO DOS <i>POSTS</i>..... | 136 |

INTRODUÇÃO

A escolha pela compreensão dos discursos feministas na contemporaneidade, certamente, não foi a esmo. Não existe uma única justificativa ou causa motivacional, assim como um só feminismo ou uma só pauta de luta. Não há verdades absolutas e conceitos que façam sentido sem um contexto histórico, social e cultural.

O fato de ser mulher e vivenciar as desigualdade de gênero, e também por ter, na família e ao redor, mulheres que sofreram violências em seus diversos formatos, relacionadas ao fato de serem mulheres, de lutarem a favor da liberdade de serem o que são, rejeitando o papel de vítimas sociais, motivaram esta pesquisa.

Apesar de muitas vezes as mulheres que povoam e influenciam esta história demonstrarem posturas e ideais compatíveis com o Movimento Feminista, ao longo da vida, e até o início do mestrado, conceitos, blogs ou teorias feministas referentes a essa temática eram desconhecidos. Tal aproximação se deu no grupo de estudos e pesquisas Construção de Fatos Sociais, vinculado ao Núcleo de Estudos em Psicologia Social da Universidade Católica de Goiás e mediado pela Prof.^a. Dr.^a. Lenise Santana Borges.

Assim, foi possível observar de maneira mais crítica os discursos sobre os corpos das mulheres, todo seu valor social, muitas vezes reduzidos à forma corporal, ao tamanho da barriga, dos seios, ao formato dos cabelos, à cor da pele. O incômodo gerado com esses discursos, e também sua reprodução, guiaram alguns passos e decisões. Afinal, as pessoas em geral, em especial as mulheres, querem ter algum valor social, ser aceitas em grupos, almejar

parceiros, empregos, e essas coisas estão, sim, em diferentes níveis, atreladas à aparência física.

Muitos caminhos conduzem a esclarecimentos para essas questões. Dentre eles, acreditamos que as mídias digitais sejam o mais privilegiado, já que ampliam e amplificam os discursos, dando visibilidade aos diferentes grupos e vertentes, além de oportunizarem a discussão, a organização e a divulgação de temas, encontros, movimentos e protestos em todo o mundo.

Diante desse cenário, das discussões e pesquisas feministas, notamos múltiplas referências ao corpo feminino. Desnudo ou coberto, abordando sua forma ou função, o corpo aparece como marca básica de diferenciação, autoafirmação e enquanto categoria de diferenciação. Como assinalam as autoras feministas Piscitelli e Gregori (2000), na apresentação do caderno especial da *Revista Pagu*, o corpo, uma das categorias relevantes nas discussões feministas, tem se tornado foco crescente de atenção da produção acadêmica, estimulando estudos orientados pelas mais diversas abordagens, explorando as maneiras como os corpos são moldados por formas de poder, além de discutir como os impactos da mercantilização os fragmentam.

O controle dos corpos femininos por meio de legislações e, principalmente, de padrões sociais continua sendo assunto importante nas agendas feministas, chegando a ser tema principal do Encontro Feminista da América Latina e Caribe de 2014, que aconteceu em Lima, no Peru. E a necessidade de resistência contra a imposição de modelos estéticos parece ser uma reivindicação comum às diversas vertentes do Movimento.

Por meio do grupo de estudos e pesquisas Construção de Fatos Sociais, do Mestrado em Psicologia Social, tivemos contato com Construcionismo Social,

que passou a guiar e embasar minhas reflexões e práticas como psicóloga. A principal proposta do Movimento Construcionista na psicologia social foi a desconstrução de ideias e conceitos tidos como verdades universais, inquestionáveis, naturalizadas e transformadas em fatos sociais, através de autorxs¹ como Keneth Gergen e Mary Jane Spink, para citar alguns.

Entendendo o mundo social e a produção do conhecimento como uma construção da própria sociedade, xs autorxs integrantes do Movimento Construcionista buscaram na história os caminhos percorridos pelos conceitos para compreender de que forma, com que forças, poderes e interesses eles se tornaram como os conhecemos na atualidade.

Dessa forma, acreditamos que a opção pelo referencial teórico alinhado à psicologia socioconstrucionista seja a melhor escolha para compreender de maneira crítica a luta feminista pela desconstrução de conceitos e padrões sociais que regem e controlam os corpos das mulheres, já que, ao questionarem a naturalização da opressão e afirmarem a possibilidade de mudança social, as teorias feministas questionam e desafiam as formas tradicionais de produção de conhecimento.

Como defendem Borges e Cordeiro (2007), "[...] a crítica lançada à ciência pelo feminismo indaga sobre como o contexto social interfere na produção científica e como a produção científica reproduz e ressignifica as representações sobre o gênero" (p. 606).

Dentre as diversas fontes de pesquisa disponíveis, a escolha pela análise dos discursos dos *blogs* feministas se deu pela sua crescente utilização e

¹ A troca da vogal o/a pelo x na referência aos autores caracteriza a escolha por um vocabulário não sexista e permanece ao longo de todo o trabalho.

circulação nas discussões, divulgações e construções de conhecimento em conjunto, além de servirem como campo de atuação e organização de movimentos sociais, especificamente do Movimento Feminista, propiciando um espaço de construção coletivo e aberto.

Assim, com o intuito de contribuir para a compreensão deste cenário, buscamos investigar quais os repertórios, os sentidos e posicionamentos construídos pelos discursos feministas sobre os corpos das mulheres e identificar os padrões de beleza dominantes na sociedade atual descritos no *blog* “Blogueiras Feministas”².

A escolha dos *blogs* como veículo de informação dentro do imenso universo de possibilidades que a internet proporciona se deu pela possibilidade de termos acesso a discursos mais desenvolvidos, elaborados, já que oferecem mais espaço de escrita, variando normalmente de cem a seiscentas palavras ou caracteres, enquanto outros suportes como *Twitter* e o *Facebook*, por exemplo, são voltados para textos curtos, no caso do *Twitter*, limitado a cento e quarenta caracteres. Além disso, os textos dos *blogs* podem ser lidos nos seus endereços eletrônicos e compartilhados via e-mail e redes sociais diversas, obtendo, assim, um alcance de divulgação incalculável em todo o mundo.

Escolhido por ser coletivo, nossa hipótese é de que este *blog* possibilite o acesso a diferentes vozes e discursos em um mesmo espaço feminista, um dos mais acessados no rol de *blogs* com essa temática.

As seguintes questões nortearam a pesquisa: como as mulheres que escrevem e interagem no *blog* significam corpos femininos? Como elas lidam com

² Não há uma ferramenta disponível que seja capaz de medir e ranquear os acessos aos sites em todos os navegadores de internet disponíveis. De acordo com a ferramenta Alexa, que mede os acessos de dois dos principais navegadores, este está entre os *blogs* feministas mais acessados do país (www.blogueirasfeministas.com.br).

os padrões sociais de beleza? Que sentidos têm sido produzidos sobre estética e padrões de beleza nos discursos desses espaços virtuais?

A proposta do Construcionismo Social, que influencia não apenas a Psicologia, mas diversas áreas de saber, entre as quais, as teorias feministas de gênero e as teorias de mídia, ambas indispensáveis para a compreensão desse cenário, serão apresentadas e discutidas ao longo do trabalho.

Sendo assim, o Capítulo 1 traz um panorama sobre o Construcionismo Social, seus principais postulados e conceitos, seguido de uma breve caracterização dos objetivos e caminhos percorridos na pesquisa. O Capítulo 2 apresenta uma discussão sobre as produções discursivas a respeito do corpo da mulher e dos padrões sociais ocidentais de beleza. O Capítulo 3 aborda as características e discussões sobre o Movimento Feminista nas mídias digitais, o ciberfeminismo e os *blogs* que se denominam feministas.

Por fim, o Capítulo 4 descreve as singularidades do *blog* “Blogueiras Feministas” e traz uma análise dos discursos sobre a estética do corpo das mulheres, publicados no ano de 2014 no blog, buscando compreender os sentidos construídos por essas mulheres feministas para os seus próprios corpos e o das mulheres contemporâneas e para os padrões estéticos vigentes na sociedade atual, trazendo uma reflexão sobre os efeitos de sentidos no relacionamento dessas mulheres com o próprio corpo e com a sociedade.

CAPÍTULO 1 - APRESENTANDO A PESQUISA

Toda pesquisa parte de um lugar, de um contexto, de uma perspectiva teórica e tem uma história particular, assim como um ou vários objetivos. Utilizando as palavras da filósofa feminista Donna Haraway (1995), todo saber é localizado e parcial.

Partindo dessa concepção de ciência, em consonância com os pressupostos do Construcionismo Social, optamos por nos posicionar como parte do trabalho, utilizando a primeira pessoa do plural, evitando a impessoalidade geralmente utilizada na ciência.

Outra importante implicação dessa concepção é que se torna necessário relatar os caminhos percorridos ao longo da pesquisa, as principais escolhas, os processos e as dificuldades enfrentadas. Este primeiro Capítulo é dedicado a isso.

1.1 OS PERCURSOS DA PESQUISA

Nos estudos e discussões do grupo de pesquisas Construção de Fatos Sociais, o campo-tema é compreendido da forma proposta pelo psicólogo social Peter Spink (2003), como argumento para o qual nos atentamos ao resolvermos estudar um determinado tema.

Dessa forma, tratar do campo-tema inclui todas as interações sobre o recorte da pesquisa, conversas, leituras, observações, ou seja, tudo o que aproxima do argumento em questão, não restringindo a um local específico de coleta de dados. Para isso, a relação com o campo-tema e, portanto, com a

pesquisa deu-se através da aproximação teórica dos conceitos e percursos históricos do Movimento Feminista, do Construcionismo Social e das teorias de mídia, principalmente as relacionadas à mídia digital.

Assim, ao buscar outras pesquisas e publicações sobre relações sociais na/por meio das mídias digitais e discursos a respeito dos corpos nas mulheres, percebemos a pouca atenção que a Psicologia tem dado a esses assuntos. Afinal, a internet hoje permeia toda nossa vida e as relações sociais.

Em uma pesquisa na base de dados *Scielo*, que reúne importantes publicações científicas, incluindo as revistas *Psicologia e Sociedade*, *Psicologia, Ciência e Profissão*, *Psicologia USP*, entre outras, foram encontrados somente 21 (vinte e um) artigos sobre mídias digitais, sendo que a grande maioria tratava da sexualidade através da internet; outros abordavam a possibilidade de terapias psicológicas à distância; e 4 (quatro) deles falavam sobre blogs: 3 (três) sobre a utilização destes como diários por adolescentes e 1 (um) a respeito das relações sociais estabelecidas através dos blogs.

Por ser esta ferramenta midiática um importante e carente campo de pesquisa em Psicologia, sobretudo no campo da Psicologia Social, diferentes enfoques foram abordados, trazendo interessantes compreensões sobre a nossa sociedade atual e a que ainda está por vir. Deste modo, este estudo aproximou-se de autorxs relevantes da Sociologia, da História e da Comunicação para uma melhor compreensão da temática.

Houve também, desde o início, uma aproximação com os blogs feministas, mesmo que a leitura desses não fizesse parte do cotidiano. Ao acompanhar as postagens ao longo de alguns meses, percebemos os assuntos e as discussões mais frequentes nos diferentes meios, de modo que, um deles se mostrou

recorrente e importante na maioria das discussões: o corpo, seu uso, sua forma, a autonomia sobre as decisões relacionadas a ele.

Dessa forma, surgiu o interesse de saber mais sobre os diferentes sentidos atribuídos a esse corpo nas discussões e os desdobramentos desses significados nos discursos construídos por essxs autorxs.

Entendendo o discurso como ação, contendo posicionamentos, jogos de poder e produção de sentidos, como descrito a seguir, notamos que, ao discursar sobre os corpos das mulheres, xs autorxs estão a todo o momento produzindo efeitos na vida das pessoas, construindo e desconstruindo maneiras de existência e de relações para esse corpo e, assim, para as mulheres.

A escolha dos blogs a serem pesquisados foi precedida de um levantamento de blogs feministas brasileiros, suas características, quantidade de autorxs participantes, comentários, visualizações e seus principais assuntos tratados.

Inicialmente, optamos por utilizar dois dos blogs mais acessados do país (escrevalolaescreva.blogspot.com e blogueirasfeministas.com), por serem compostos de múltiplxs autorxs e assuntos mais gerais e variados, buscando, assim, diferentes e múltiplas vozes para a pesquisa.

Os corpos das mulheres, figuras importantes em quase todos os textos e discussões desses suportes virtuais, apesar dos temas variados, aparecem nas discussões sobre sexualidade, aborto, violência, feminilidade, padrões de beleza. Por esse motivo, foi necessário estabelecer um tema específico, e o escolhido foi os discursos explorando relações entre corpos femininos e padrões de beleza dominantes na sociedade Ocidental, no ano de 2014.

Posteriormente, foi necessário ler, selecionar e transcrever os posts dentro do recorte escolhido. Ao fazer uma pré-análise, verificamos que as trocas discursivas, ou seja, a interação entre os discursos dos posts e os comentários não poderia ser ignorada. Desta forma, selecionamos os cinco mais comentados de cada blog e a eles foram juntados os comentários.

Dezenas de comentários, chegando a centenas (140) em alguns posts, fogem ao tema ou não trazem nenhuma informação, apenas elogiando ou até trazendo propagandas. Por isso, aqueles que trouxeram contribuições à discussão, com informações novas, controvérsias, complementações que integraram tabelas (disponíveis no Anexo A) foram selecionados juntamente aos posts.

No entanto, ao iniciar de fato a análise dos discursos, surgiram dois dilemas: em um primeiro momento, observamos que, apesar da nossa esperança de alcançar diferentes vozes e discursos utilizando dois blogs, a princípio tão diferentes, na prática os discursos se mostraram bastante parecidos. Nossa hipótese foi a de que as pessoas que interagem nos dois espaços possuem perfis parecidos, sendo, algumas vezes, inclusive, as mesmas que interagem nos diversos blogs feministas, produzindo discursos próximos; houve, ainda, a preocupação ética com a divulgação de discursos anônimos publicados no blog escrevalolaescreva.blogspot.com. Isto porque, diferente das Blogueiras Feministas que divulgam a autoria e as regras para a utilização do material, na página da Lola, muitos dos posts incluem e-mails anônimos recebidos com casos pessoais.

Para tanto, estabelecemos um contato com a responsável pelo blog, que autorizou a utilização deste na pesquisa. Todavia, a utilização desses discursos

anônimos causou diversos questionamentos acerca de sua real utilidade na pesquisa.

Durante a análise, notamos a importância de se relacionar os discursos com quem os produziu, o que seria impossível no caso descrito do blog *escrevalolaescreva*, pela não identificação dxs autorxs. Por fim, levando em conta todos esses fatores, optamos por utilizar apenas a página das Blogueiras Feministas para a análise final dos discursos.

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender os sentidos atribuídos aos corpos das mulheres e aos padrões de beleza atuais no blog Blogueiras Feministas.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender de que forma os corpos das mulheres são apresentados, nomeados, qualificados, valorados e compreendidos nos discursos do *blog*;
- Identificar sentidos construídos sobre beleza nos discursos do *blog*;
- Analisar possíveis implicações dos sentidos atribuídos aos corpos das mulheres nos posicionamentos e relações de poder presentes nos discursos.

1.2 CONSTRUCIONISMO SOCIAL: UMA FORMA DIFERENTE DE OLHAR PARA O MUNDO

Como uma vertente da Psicologia Social Discursiva, o Construcionismo se difere das outras abordagens da Psicologia Social ao romper radicalmente com as perspectivas representacionais e cognitivistas, ou seja, não entende o conhecimento como algo composto por representações internas. Seu campo de investigação é o discurso, que constrói constantemente o conhecimento.

De acordo com o psicólogo social Kenneth J. Gergen (1985), o foco do Construcionismo é a compreensão dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem, enquanto a também psicóloga social Carla Guanaes (2006) ressalta que:

Sua principal diferença em relação a outros diferenciais é que, não clamando para si o *status* de verdade, ele se coloca naturalmente em uma posição autorreflexiva, de crítica de suas próprias descrições, mantendo-se atento aos valores que sustentam os seus pressupostos e, sobretudo, aos efeitos que suas descrições geram na criação de práticas sociais (p. 26).

Compreedemos, assim, a dificuldade de se estabelecer uma definição única e amplamente aceita para o Construcionismo Social. Ainda nos dizeres de Guanaes (2006), “É importante ressaltar, contudo, que o termo construcionismo social não traduz um campo homogêneo, constituído por estudos que partilham o mesmo conjunto de sentidos. Ao contrário, existe uma grande variedade de propostas construcionistas, nem sempre concordantes entre si” (p. 23).

Dessa forma, o Movimento Construcionista não possui um único teórico de base que tenha iniciado o movimento ou que o sustente, mas uma junção de teorias de diversas áreas do conhecimento, como a Linguística, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia Social, que, mesmo com estilos e focos diferentes, partilham de uma mesma postura crítica ao pensarem a ciência e o conhecimento.

Tal postura se caracteriza pela recusa de ideias e explicações essencialistas e naturalizantes, propondo, assim, uma ruptura com a visão positivista da ciência, compreendendo todos os fatos sociais como construídos socialmente nas relações sociais.

Nesse sentido, o Movimento Construcionista se aproxima do Movimento Feminista, que têm lutado de diversas formas pela desconstrução de justificativas naturalizantes para a submissão ou suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens.

De acordo com a psicóloga social Lenise Santana Borges (2014), “Alguns pontos compartilhados entre as abordagens feministas e uma psicologia social crítica referem-se à crítica ao projeto de ciência moderna, à centralidade na discussão sobre o essencialismo, à ação política, aos debates sobre sexualidade, corpo e poder” (p. 282).

Muitos estudos feministas têm se utilizado de pressupostos construcionistas para buscar uma compreensão mais crítica e abrangente dos fenômenos sociais, além de contribuir com a desconstrução de conceitos, padrões e fatos sociais. Nesse mesmo percurso teórico, a bióloga feminista Donna Haraway (1995), ao falar sobre os caminhos de uma ciência sob a perspectiva feminista, afirma que “Precisamos do poder das teorias críticas

modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (p. 16).

Diante dessa abordagem, a presente pesquisa busca compreender discursos e significados sobre os corpos desde uma perspectiva feminista e localizada.

1.3 DISCURSOS E PRÁTICAS DISCURSIVAS

Estabelecer como foco principal o discurso, conforme discutido anteriormente, significa buscar a compreensão dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou apresentam o mundo em que vivem. Ao falar de práticas discursivas, Spink e Medrado (2013) as definem como “[...] as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (p. 45), dizendo, ainda, que sua análise pode ser feita do ponto de vista de sua dinâmica (enunciados orientados por vozes), de sua forma (gêneros de discurso) e de conteúdos (repertórios), sendo estes últimos, as vozes e os posicionamentos, o foco desta pesquisa

O repertório linguístico diz respeito ao aparato de termos e conceitos que permeiam os discursos e torna possível a produção de sentidos – aqui entendidos como aquilo que as pessoas utilizam para nomear e explicar o mundo à sua volta – e também como produtos da interação, sempre em movimento e em construção, relacionados com a história, a cultura as possibilidades sociais, familiares e a interação imediata.

A produção de sentidos, portanto, não se dá de maneira solitária, pois está permeada de interlocutores de diferentes vozes. Primeiramente, por ser sempre endereçada a alguém, produto de uma interação, as vozes são também as lembranças, a rememoração dos discursos de outras pessoas, que interferem no discurso. Uma lembrança da fala de alguém, de um livro, de um discurso midiático atravessa a interação por meio de vozes que se fazem presentes. Spink (2010) faz um alerta sobre a importância e as dificuldades de se identificar e analisar todas essas vozes presentes no discurso, o que requer bastante atenção.

Outro conceito importante utilizado na análise desta pesquisa é o de posicionamento. Assim, é possível assumir diferentes posições ao longo de um mesmo discurso, ressaltando aspectos e mostrando outros elementos, dependendo de nossas intenções e das interações, já que, de acordo com os filósofos e psicólogos sociais Davies e Harré (1990), nos posicionamos mas também somos posicionados, de acordo com os posicionamentos dos outros interlocutores. Este importante conceito auxiliará na compreensão das dinâmicas presentes nos discursos.

Os estudos de Spink (2010) têm foco no cotidiano, na linguagem em ação, buscando compreender e contribuir com fenômenos específicos, não com generalizações. Isso não quer dizer, entretanto, que o contexto e a história devam ser desconsiderados. A autora propõe uma divisão didática do tempo em tempo longo, que compreende toda a história da civilização, tempo vivido, compreendendo a história dos indivíduos e o tempo curto, que é da interação. Sendo assim, ainda segundo Spink (2010):

Essa proposta torna a pesquisa com práticas discursivas mais complexas por ser ela, concomitantemente, uma microanálise (o Tempo Curto da

interação), uma pesquisa das estruturas sociais geradoras de hábitos (o Tempo Vivido) e uma exploração da história das ideias (o Tempo Longo).
(p. 19)

Diante disso, buscamos compreender as construções discursivas sobre o corpo nos três tempos propostos, tanto na etapa de fundamentação teórica, quanto na etapa da análise dos discursos dos *blogs*, que também seguirá o método proposto, enfocando a linguagem em ação, por meio das disputas discursivas entre textos e interações sobre o que é considerado corpo feminino legítimo.

Tal análise será realizada com auxílio de uma ferramenta para dar visibilidade aos processos de variabilidade discursivas - os mapas propostos por Spink (2010), que “possibilitam preservar o contexto interativo” (p. 38), evitando recortes de texto que desconsiderem o contexto, a ordem e o ritmo do discurso. Por meio dos mapas, verificamos uma melhor visualização dos elementos que constituem as práticas discursivas, facilitando o trabalho do pesquisador e a compreensão dos leitores.

Disposto na forma de uma tabela, em colunas definidas por temas, o mapa respeita a ordem do discurso. Os temas foram definidos pela pesquisadora na hora de organizar e analisar os discursos, podendo não coincidir exatamente com os propostos no início, já que dependem não apenas da seleção da pesquisadora mas dos rumos tomados pelo discurso ao longo da interação.

Spink (2010) propõe como ferramentas de análise a transcrição sequencial (que difere da transcrição propriamente dita, por ser um curto resumo da fala ou de texto que possibilita a escolha mais consciente das partes que serão utilizadas

na análise, dependendo dos objetivos da pesquisa), as árvores de associação (que dão mais visibilidade ao encadeamento dos repertórios a serem explorados) e as linhas narrativas (que dão visibilidade à ordenação temporal).

O estudo das práticas discursivas pôde ser feito, basicamente, por meio de duas fontes: entrevistas/conversas com participantes da pesquisa e investigações de documentos de domínio público (textos, imagens, músicas, por exemplo).

Os textos publicados (*posts*) no blog *Blogueiras Feministas* e os comentários foram utilizados como fontes, ressaltando que ambos são considerados documentos de domínio público, por terem sido produzidos para serem utilizados em ambiente virtual pelo público em geral e estarem disponíveis para tal uso na internet.

1.4 DOCUMENTOS DE DOMÍNIO PÚBLICO COMO FONTE

Analisando os textos escritos em blogs feministas, esta pesquisa faz uso de materiais de domínio público para compreender a construção de sentidos, valores e suas implicações nas relações. Segundo Mélo (2006), os documentos, sejam eles oficiais, textos jornalísticos, livros acadêmicos, relatórios, diários, leis, filmes, fotos etc., constituem fontes importantes de análise do uso de noções que circulam na sociedade e geram debates temáticos.

Diferente de uma abordagem que os considere matéria de prova, dentro da lógica construcionista e da análise das práticas discursivas, os documentos são fontes de compreensão equivalentes a entrevistas, observação ou qualquer outra forma de discurso, e sua importância depende dos objetivos de ocupar o papel principal ou complementar. Assim, conforme afirma Mélo (2006), “[...] a

pesquisa que toma como base de análise fontes documentais faz com que elas saiam da sombra, deixem de ocupar o lugar de ‘fontes secundárias’” (p. 60).

Para Peter Spink (2014), os documentos de domínio público “[...] são – em si mesmos – produtos sociopolíticos de uma ideia radical: a própria noção do público enquanto esfera de ação e discussão, um lugar onde é possível ter e expressar opiniões” (p. 213). Tal característica fica ainda mais evidente ao se pensar nos espaços de discussão da internet, como blogs, fóruns e redes sociais. O autor salienta ainda que, ao falarmos de documentos de domínio público, não falamos apenas de documentos gratuitos, mas de toda comunicação destinada ao público, entrando nessa lista jornais, livros, revistas, etc. que podem, inclusive, ter algumas restrições de divulgação, como revistas que restringem a veiculação de fotos ou os trabalhos acadêmicos que possuem regras específicas de citação, devendo ser respeitadas e explicitadas.

Durante a análise de documentos, alguns cuidados importantes foram tomados para aproveitar todo potencial. Peter Spink (2014) ressalta que documentos são “[...] partes e também produtos de conversas compridas” (p. 212). E esse contexto da conversa deve ser considerado na análise, da mesma forma que o contexto de uma entrevista. É preciso, ainda, considerar os documentos em sua articulação com quem os produziu, em que ocasiões, que interesses estavam em jogo, como são lidos, quem os lê, que propósitos e negociações estão em jogo.

Como o Movimento Feminista têm produzido, ao longo de sua história, importantes discursos e documentos que influenciaram e continuam influenciando e modificando de maneira importante as relações sociais (por meio de panfletos, livros, discursos transcritos, artigos, jornais, revistas, *blogs*), de alguma forma,

isso tem desconstruído verdades cristalizadas, pré-conceitos e violências em todas as suas formas.

Sendo assim, trabalhar com tais fontes implica, portanto, ter consciência e responsabilidade política de que iremos torná-los mais públicos e que, mesmo estando ao alcance de todos, ainda podem permanecer escondidos ou pouco evidentes para as pessoas interessadas.

Portanto, ao tornar “mais públicas” as discussões feministas sobre o corpo e as tendências normalizadoras dos padrões estéticos na vida das mulheres, buscamos publicizar também os *blogs* como ferramentas de informação e discussões importantes e, muitas vezes, como porta de entrada das pessoas para temas relevantes e até para o próprio Movimento Feminista.

CAPÍTULO 2 – OS CORPOS DAS MULHERES E SEUS INESGOTÁVEIS SENTIDOS

O corpo pode ser definido de diversas maneiras e enfoques, como um conjunto de órgãos que permite as funções necessárias à vida (Durozoi, 1996), que constitui o animal (Dicionário Aurélio, 2009), objeto de controle social (Foucault, 1994), fator de individuação (Durkheim, 1970), signo do indivíduo (Le Breton, 2013) etc.

É tudo isso ao mesmo tempo, sendo mais complexo e importante do que se pode imaginar quando se ouve a palavra ‘corpo’ de forma pouco atenta. Le Breton (2013) afirma que “[...] o corpo parece óbvio. Mas a evidência é frequentemente o mais curto caminho do mistério” (p. 8). Já a historiadora Denise Sant’anna (2000) fala de um corpo “[...] constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado” (p. 237).

O corpo nos torna semelhantes e nos diferencia, comunica e limita, e está constantemente sendo modificado, desconstruído e reconstruído, tanto nos sentidos produzidos por e sobre ele, quanto nas suas formas, que, a partir dos sentidos vigentes nas relações sociais, são transformadas e modificadas por meio de alterações de peso, pelos, cabelos, adereços, marcas.

Os efeitos de sentido são produzidos a todo momento, no tempo curto das interações sociais face a face, na mídia, nas políticas e legislações; no tempo vivido, a partir de valores apreendidos ao longo da nossa vida; e também no tempo longo, durante toda a história da civilização, utilizando as classificações de tempo propostas por Spink (2010) e exploradas no Capítulo 1.

A compreensão e percepção deste processo geralmente acontece de maneira diferente para homens e mulheres, já que os sentidos e valores do corpo,

suas formas e utilizações são diferenciadas pelos discursos sociais, ocasionando construções distintas acerca dos corpos das mulheres. É muito mais comum, por exemplo, encontrar discursos sobre padrões de beleza femininos do que masculinos na sociedade ocidental.

Para compreendermos um pouco mais sobre esses corpos, torna-se necessário abordar o tempo longo, ou seja, os discursos construídos sobre os corpos das mulheres ao longo da história da civilização ocidental.

2.1 DA INVISIBILIDADE AOS HOLOFOTES, MAS SEMPRE SOB CONTROLE

Na História da Civilização Ocidental, o corpo sempre esteve em destaque. Inúmeros registros culturais pré-históricos retrataram corpos de homens e mulheres com tamanhos e formas parecidos, sem protagonismo entre eles.

Na Grécia Antiga, os registros culturais são de admiração ao corpo do homem, retratado em sua nudez. Para o historiador Thomas Laqueur (2001), nessa época acreditava-se que homens e mulheres tinham a mesma genitália, só que invertida, ou seja, a das mulheres era para dentro do corpo, como se algo tivesse dado errado no desenvolvimento delas, retendo os órgãos para dentro do corpo. Esse discurso sobre os órgãos sexuais de homens e mulheres permaneceu inalterado até o final do século XVIII.

O historiador Fábio Lessa (2001), em seus estudos sobre as mulheres de Atenas, explica que as de origem grega dos séculos V a VII a.C. eram preparadas pela família para terem um conjunto de virtudes que incluía o exercício das atividades domésticas, a submissão ao homem, a abstinência aos prazeres do corpo, considerados como masculinos, o silêncio, a fragilidade e a

debilidade, a reprodução de filhos legítimos - preferencialmente do sexo masculino. Deveriam ter, ainda, um corpo forte para que fossem capazes de gerar e cuidar dos filhos, mas não o suficiente para ameaçarem a dominação masculina.

Os Romanos também sofreram influência dos ideais gregos e davam destaque ao corpo masculino, mas com menos ênfase na celebração da beleza e na exposição do nu, e mais doutrinação do corpo – utilizado como instrumento para o prazer e para a guerra. O corpo das mulheres deveria aparentar capacidade de gerar e criar filhos, mas também fragilidade e submissão à força masculina. É fácil perceber os efeitos dos princípios romanos e, principalmente, gregos nos padrões corporais de beleza da atualidade.

A importância do corpo e de sua forma estava relacionada aos papéis sociais a serem desempenhados. Os homens deveriam ser fortes, firmes, ágeis, para estarem preparados para a guerra, enquanto os corpos das mulheres deveriam estar prontos para procriar e criar novos guerreiros, evidenciando a existência de um corpo social mais individual. Em outras culturas também é possível observar noções de corpo ligadas à natureza, ao grupo social, ao papel nesse contexto, mais do que a uma satisfação ou vaidade pessoal. O controle social do corpo, portanto, estava presente de forma natural.

Com o avanço da religião Católica, a Igreja passou a assumir o controle social. O corpo da mulher foi cada vez mais relacionado ao pecado, ao proibido, devendo, portanto, ser escondido, renunciado, controlado.

Em artigo sobre a História do Corpo no período medieval ocidental, Diogo da Silva Roiz (2009) afirma que, nesse período, “Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser

uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade” (p. 408). E, ainda, que esse controle dos corpos não se limitasse apenas às mulheres, era sempre mais severo com elas e com os demais grupos considerados minoritários.. Ao oferecer as possibilidades de inferno e paraíso, vinculadas à conduta das pessoas, a religião ditava regras de “boa” conduta social, que poderia levar ao paraíso – que incluía, além de respeito e submissão, cuidados com higiene, dieta, comportamento sexual e exposição do corpo. Assim, “[...] os cuidados com o nu, os excessos de alimentos, a ‘gula’, as práticas corporais (particularmente, o sexo) e esportivas (a exibição do corpo em público) igualmente marcavam o tipo de conduta a ser respeitada” (Roiz, 2009, p. 412).

Discursos e interpretações das diferenças biológicas e do corpo têm sido utilizados para justificar e legitimar uma hierarquia entre homens e mulheres na história. No entanto, os estudiosos sobre o corpo humano não são os únicos responsáveis pelas diferentes formas de interpretá-lo. Segundo Laqueur (2001), importa os aspectos sociais e políticos relacionados aos discursos sobre os corpos, como a ascensão da religião evangélica, a teoria política do Iluminismo, a Revolução Francesa, o Movimento Feminista, as novas formas de organização econômica e diversos outros acontecimentos.

Na concepção do filósofo Michel Foucault (2004), e seu elucidativo estudo sobre as formas de poder atuantes, a sociedade disciplinar apostava nas punições, na imposição clara de regras e na disciplina como forma de controle social, disciplina essa incidida no/para o corpo. Essa forma de poder foi sendo gradualmente substituída pela sociedade de controle, de forma implícita, motivando a vigilância dos corpos e de certos padrões, sobretudo no se refere à noção de saúde, de sexualidade e de bem-estar social.

Le Breton (2013) ilustra a influência cultural na construção dos corpos ao citar a noção de corpo ligada à natureza do povo Canaque:

[...] o corpo não é concebido pelos canaques como uma forma e uma matéria isoladas do mundo; ele participa em sua totalidade de uma natureza que, ao mesmo tempo, o assimila e o banha. A ligação com o vegetal não é uma metáfora, mas uma identidade de substância” (p. 23).

Assim, Le Breton (2013) narra a transformação da noção de corpo para a ideia de corpo individual, a partir da conquista e da evangelização desse povo, deixando de ser entendido como parte da natureza, do meio ambiente e da sociedade, para ser visto como algo individual, um direito, uma fronteira do eu. Por isso, importa compreender na contemporaneidade o corpo atual e os padrões de beleza dominantes no Ocidente.

É fácil perceber como os valores gregos e romanos estão presentes na forma como entendemos e valorizamos o corpo hoje, influenciando, sobretudo, as noções de beleza ligadas à forma física, a um corpo musculoso, talhado com exercícios, e sempre alerta. Estão também presentes os sentidos construídos ao longo da Idade Média e da Idade Moderna, produto de uma construção histórica. Mas o enfoque individualista dos corpos modificou de maneira profunda os sentidos sobre os corpos como os conhecemos.

A modernidade trouxe a noção do corpo como fronteira do eu. Para Le Breton (2013), a sociedade moderna é caracterizada pelo despontar do individualismo, principalmente nas sociedades ocidentais. O desenvolvimento da ciência, junto à religião cristã, colocou as pessoas e os corpos no centro do

mundo. A partir disso, o corpo deixa de unir indivíduos e passa a servir como demarcador de barreiras e limites entre a liberdade individual e o grupo social.

Ainda conforme os dizeres de Le Breton (2013), “[...] o corpo da Modernidade, aquele que resulta do recuo das tradições populares e do advento do individualismo ocidental, marca a fronteira entre um indivíduo e outro, o encerramento do sujeito em si mesmo” (p. 33).

Essa forma de significar o corpo apoiava-se principalmente no avanço dos estudos biomédicos – as dissecações e o corpo como objeto – e na filosofia mecanicista, que, junto à religião, trouxe ainda uma nova cisão, baseada no dualismo cartesiano entre corpo e alma. O corpo não fazia mais parte da natureza, da sociedade e nem de nós mesmos. Não éramos mais um corpo, mas possuíamos um, no caso dos homens, objeto de estudo e admiração, enquanto ao corpo das mulheres continuava reservado o papel de coadjuvante, interessando apenas a função reprodutora.

A indiferença em relação ao corpo das mulheres prevaleceu sem muitos questionamentos até o início do século XX, quando Sigmund Freud passou a tratar o corpo como linguagem e expressão dos efeitos das relações sociais. Freud inova, também, ao mudar o foco para o corpo da mulher e suas expressões, estudando casos de histeria comuns às mulheres da época e relacionando-os às intervenções psicossociais.

O corpo retorna como objeto de estudo para as Ciências Sociais por meio de pesquisas sobre suas influências e usos sociais, período em que o Movimento Feminista passa a debater, discutir e questionar as relações entre os gêneros, inserindo a mulher na história.

Sant'anna (2000) chama a atenção para os últimos quarenta anos do século XX, considerado um período de redescoberta do corpo na arte, na política, na ciência, na mídia, e nos movimentos de reivindicação do fim de tabus e da liberação sexual. As feministas foram parte essencial desses movimentos, questionando as justificativas biológicas de submissão da mulher ao homem e lutando pela liberação e autodeterminação do corpo das mulheres.

Com o lançamento do livro "O segundo sexo" e a sua máxima "[...] não se nasce mulher, torna-se mulher", Simone de Beauvoir tornou-se uma importante representante feminista, junto a muitas outras autoras e militantes que trouxeram à pauta discussões importantes, questionando e desconstruindo discursos como o destino único de mãe e dona de casa, a exigência de ter filhos e se casar, a inferioridade física e intelectual atribuída às mulheres, entre muitos outros.

Sant'anna (2000) ressalta que, depois das *pin-ups*³ dos anos 1950, o corpo feminino ganhava em leveza, rebeldia e mergulhava de cabeça na busca de autenticidade. Por vezes, o mergulho não incluía nada além da cabeça e de suas idéias, mas, muitas vezes, ele foi profundo o suficiente para criar "pontos de mutação" irreversíveis na histórica luta pela conquista de um mundo desembaraçado de coações morais de inspiração misógina.

Junto à crescente individualização, aumentam os discursos sobre a necessidade de se cuidar do corpo, da forma física, da aparência. Tais enunciados passam a ocupar espaços maiores na mídia, em reportagens, revistas, propagandas, ampliando as áreas de conhecimento sobre o corpo da mulher, como a Medicina, a Educação Física, a Moda, a Farmacologia e a

³ Estilo de mulheres sensuais e levemente eróticas, famosas a partir da década de 1920, que se tornaram referência seguida por algumas mulheres ainda hoje.

Estética, e tudo que personalize o corpo, imprimindo e expressando uma marca pessoal, especial, singular.

Segundo Le Breton (2011), o corpo não é mais a encarnação irredutível de alguém, mas uma construção pessoal, um objeto transitório, suscetível a muitas metamorfoses, de acordo com as experiências do indivíduo. A aparência alimenta uma indústria ilimitada, sem fim, impulsionada pelo *marketing* e pelas ofertas de mercado ou pela criatividade do sujeito.

Além disso, destacamos o papel da mídia nesse processo, pois as revistas voltadas às mulheres e as campanhas de marketing disseminam uma vergonha difusa de sermos quem somos, dando ênfase constante a supostos defeitos que, se não fossem discursivizados por meio de curas milagrosas, não seriam notados como tal.

O filósofo Francisco Ortega (2008) denomina de biossociabilidade a criação de critérios e valores de avaliação das pessoas, baseados em higiene, desempenho físico, forma física, e os discursos de controle social vinculados à forma física e à saúde, incluindo nas conversas e interações do dia-a-dia um novo vocabulário, antes reservado ao meio médico, com repertórios como controle de colesterol e pressão arterial, do Índice de Massa Corporal (IMC), de glicose, chamados pelo autor de discursos de risco.

Ainda segundo o autor, a biossociabilidade propicia o surgimento de novos tipos de identidades, as bioidentidades, baseadas no autocontrole e autogoverno que trazem o foco das vidas e dos controles sociais para os sujeitos. O corpo passa não apenas a expressar a individualidade, mas a empoderar-se de uma personalidade singular. Assim, cada um de nós torna-se responsável por tornar o próprio corpo o mais saudável e belo possível, ocasionando incessantes buscas

de melhorias e índices que comprovem os efeitos dos sacrifícios feitos em nome dessa suposta saúde. Também nos responsabilizamos por controlar os corpos dos outros, principalmente através de olhares aprovadores ou desaprovações e de discursos sobre risco, saúde e bem-estar.

De acordo com Sant'anna (2014), o embelezamento virou “[...] uma prova de amor por si mesmo e pela vida” (p. 16), principalmente a partir da segunda metade do século XX. Cuidar do corpo, para as mulheres, transformou-se em um dever e um prazer, assumindo uma dimensão individual sem abdicar da social.

Os discursos são semelhantes em todo o mundo, mas os sentidos construídos para os corpos das mulheres não são os mesmos nas diferentes culturas. Mesmo que todos assistam aos mesmos filmes, propagandas, tenham acesso aos mesmos tratamentos e cosméticos, bombardeando a todos com um mesmo padrão de beleza, a produção de sentidos é perpassada por múltiplas vozes, histórias e temporalidades que a diferenciam. Faz-se importante, portanto, observar as construções discursivas referentes aos corpos e aos sentidos da beleza para as brasileiras.

2.2 SENTIDOS SOBRE OS CORPOS E OS PADRÕES DE BELEZA DAS MULHERES BRASILEIRAS

A aparência física tem ocupado papel de destaque nos discursos das brasileiras. A preocupação com a impressão passada através da aparência e da beleza é nítida e acompanha muitas delas desde o nascimento, tendo em vista os ensinamentos e os cuidados transmitidos. Del Priore (2000) aponta que “[...] uma radicalização compulsiva e ansiosa a empurrou [a mulher brasileira] nos últimos

dez anos, e a segue empurrando para a tríade abençoada pela mídia: ser bela, ser jovem, ser saudável!” (p. 20).

Tal impressão é confirmada pelos estudos das historiadoras Denise Sant’anna e Iara Beleli, que analisaram discursos midiáticos sobre os corpos das mulheres brasileiras a partir da década de 1950. Sant’anna (2014) faz uma interessante pesquisa sobre os anúncios comerciais no Brasil ao longo da segunda metade do século XX, que retrata também as diferentes construções sobre os corpos das mulheres no Brasil. Afinal, a mídia produz sentidos e, também, reproduz aqueles que são dominantes em uma determinada sociedade e época.

Tal análise discursiva mostra um corpo cada vez mais vigiado e “necessitado” de ajuda e tratamentos externos para se tornar aceito, bom e bonito. Os anúncios, de maneiras diferentes em cada período, têm em comum a vinculação do embelezamento do corpo à felicidade, à inclusão social e à saúde. Na década de 1950, de acordo com Sant’anna (2014), a beleza estava relacionada com uma boa escolha de vestidos, com o corte e a cor certa. Aos poucos, passou a ser necessário muito mais. Produtos, suplementos, técnicas de massagens, novas dietas e uma gama de práticas e atividades físicas tomaram conta dos anúncios das revistas.

Beleli (2007), analisando a publicidade brasileira no período de 1975 a 2007, ressalta a contínua utilização da sexualidade nas propagandas, de forma evidente ou apenas sugerida, sempre marcando a diferença entre papéis masculinos e femininos, vinculando o homem à virilidade, à força, à conquista, e a mulher a um objeto de consumo, ou então à fragilidade e instabilidade. Ao discutir

o papel das publicidades na imposição de padrões sociais em contraposição, muitos argumentam estar apenas retratando a sociedade e o que ela quer ver.

A História da Beleza no Brasil mostra, ainda, a relação entre uma crescente independência das mulheres e o aumento dos cuidados com os seus corpos. No início do século XX, no Brasil, para as mulheres, utilizar maquiagem, ressaltar o corpo de qualquer forma, destacar-se pela aparência eram severamente reprovados. Elas deveriam ser submissas aos homens, cuidando para não chamarem para si a atenção que deveria ser deles.

Se a aparência dos corpos das mulheres brasileiras, com suas roupas, cabelos, formas, por um lado, retrata o controle e a submissão a um padrão social; por outro lado, representa um processo de autonomia, resistência e empoderamento, uma tomada gradual de controle sobre o próprio corpo, que não precisa mais ser escondido e exclusivo do marido, e pode ser exibido e ressaltado, se assim a mulher desejar.

Tal autonomia, entretanto, é questionada por Del Priore (2000), ao afirmar que, no início do século XXI, as mulheres eram obrigadas a se colocar a serviço dos próprios corpos. Isso é, sem dúvida, uma outra forma de subordinação, pior do que a que se sofria antes. Diferentemente de quando quem mandava era o marido, hoje o algoz não tem rosto, pode ser a mídia, os cartazes de rua, o bombardeio de imagens na televisão, os próprios grupos sociais.

Trata-se de mais uma característica do novo modelo de sociedade, que vêm, ao longo das últimas décadas, abandonando o modo disciplinar, de vigilância explícita, para apostar em outras formas de controle social mais sutis, abrangentes e mais eficientes, como afirma o filósofo Gilles Deleuze (1992). Isto se dá de forma mais individualizada sobre os corpos com base nos avanços da

tecnologia, com os telefones celulares, as formas de interação através da internet, fazendo com que tenhamos a sensação de nunca estarmos sozinhos. Os discursos sobre o que devemos ou não fazer com os nossos corpos nos acompanham sempre.

Assim, a individualidade nos estilos e formas torna-se mais aparente, tornando, ainda hoje, o controle e a reprovação social a cada desvio do padrão de corpo e beleza evidentes. Não estar “na moda”, com a roupa “certa”, o peso “ideal”, o cabelo “alinhado ao perfil”, a idade “jovial”, ter o corpo tatuado, ornamentado de uma forma não convencional, pode interferir na conquista de um emprego, na escolha por um(a) parceiro sexual, ou até no acesso a determinados lugares.

Le Breton (2013) assinala que, nas sociedades ocidentais, modernas e industrializadas, se existe um “corpo liberado”, deve ser um corpo jovem, belo e fisicamente impecável. Do mesmo modo, no Brasil, o valor social das mulheres está intimamente atrelado à aparência do corpo, e a busca de modificação dos corpos permanece em ascensão. “Comparado aos países europeus, o Brasil ainda é uma sociedade majoritariamente jovem; por isso, a concorrência para adquirir e manter tanto empregos quanto cônjuges é extremamente violenta, especialmente para quem tem mais de 40 anos e é mulher” (Sant’anna, 2014, p. 170).

A competição por espaço no mundo atual é evidente e não se restringe à busca de empregos ou cônjuges, incluindo a visibilidade, o pertencimento e a socialização. Tal disputa se reflete nos corpos das mulheres de diferentes maneiras, dependendo do grupo social em que estão inseridas e do nível de acesso que possuem a influências culturais do restante do mundo.

Ainda de acordo com Sant'anna (2014), é possível perceber hoje, no Brasil, ao menos dois padrões dominantes de beleza, permeados pelas classes sociais, acesso aos tratamentos e cosméticos, mídias diferentes e pelas funções que o corpo pode desempenhar nas vidas dessas pessoas.

Em um extremo, os corpos como capital, como instrumento de acesso a uma vida melhor, a melhores condições financeiras, a grupos sociais, fugindo de uma invisibilidade social. Para tanto, essas mulheres utilizam todos os recursos para preparar os seus corpos para seduzir, chamar a atenção através das curvas, da sensualidade, das peles bronzeadas etc. Em outro, a busca por um padrão europeu de beleza, preparado para mostrar seu *status*, atendendo a um ideal de magreza, peles e cabelos claros.

Entre esses extremos há, entretanto, diversas maneiras e padrões de embelezamento dos corpos das mulheres e dos grupos das que não se sentem representadas por esses padrões e reivindicam espaço e aceitação social, mostrando que o embelezamento dos corpos é uma questão bastante complexa e repleta de sentidos discordantes na sociedade atual. Sendo assim, o acesso cada vez maior a informações e referências culturais múltiplas por meio da mídia, sobretudo a internet, além do acesso aos diferentes discursos e pessoas de todo o mundo torna mais possível diversificar as maneiras de ser e se apresentar das mulheres, assim como diminui as fronteiras do controle social local, numa época de novas possibilidades e novas formas de controle social, como pode ser verificado a seguir.

2.3 REFLEXOS DA PÓS-MODERNIDADE NAS NOÇÕES DE CORPO E BELEZA FEMININA

Marcado por diferentes formas de convivência, de organização social, de relações sociais e comerciais, de produção de conhecimento, este novo período social reflete na análise discursiva de textos e interações textuais de *blogs*, com diferentes sentidos sobre os corpos das mulheres, baseados no arcabouço teórico da psicologia socioconstrucionista.

Ao analisar a interação totalmente virtual entre as pessoas, verificamos que os discursos podem vir de todas as partes do mundo e a necessidade de considerar a parcialidade dos posicionamentos presentes e também da pesquisadora, como integrante da pesquisa. Não há, entretanto, consenso quanto à forma de nomear e compreender este momento da história como fazem alguns estudiosos: sociedade de risco e modernidade reflexiva (Beck, Guiddens & Lash, 1995), modernidade tardia e pós-modernidade (Hall, 2006), pós-tradicional (Guiddens, 1991), modernidade líquida (Bauman, 2001).

Nesse sentido, optamos por considerar o período atual como pós-modernidade, haja vista algumas características consensuais da maioria dos autores citados. Diante dessa época de incertezas, ou de menos certezas, de mais questionamentos e desconstruções, alguns sociólogos têm discutido e buscado compreender a civilização nos dias de hoje complementando suas análises.

Stuart Hall (2006) aponta um processo de fragmentação de bases teóricas e conceituais que até então garantiam segurança e estabilidade, como *classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade*, causando insegurança e

desorientação às pessoas e desfragmentando as noções de identidade. Ao não poder mais contar com a sociedade para saber o que fazer, resta aos sujeitos voltarem-se para si mesmos, para suas experiências e, em última instância, para seu próprio corpo como guia, espelho e fronteira.

É o que defende o sociólogo Anthony Giddens (1991) ao apontar para um encolhimento do poder das tradições e para mudanças profundas nos relacionamentos entre as pessoas. O avanço do individualismo, o distanciamento das tradições familiares e comunitárias está intimamente relacionado com o avanço da globalização e da internet. As culturas locais, muitas vezes, não resistem ao poder das informações que chegam a todo momento via televisão, internet e todos os tipos de mídia. Da mesma forma, nos relacionamos virtuais com pessoas do mundo todo, privilegiamos e idealizamos as interações virtuais em detrimento das relações sociais com a comunidade real, que está mais próxima de nós.

Zygmunt Bauman (2001) aborda o advento de novas forças de poder, que se alimentam da ausência de barreiras e da liquidez de limites e costumes para se expandirem, e traz a internet como grande campo de disputa, tendo em vista sua forte presença na vida e na intimidade das pessoas hoje, de modo que qualquer outro meio jamais esteve. A virtualidade torna-se, assim, um campo aberto de mensagens e interações ininterruptas no cotidiano de cada um. *Smartphones, tablets*, computadores, e até relógios de pulso, possuem acesso à internet e nos acompanham em todos os momentos, influenciando claramente as interações sociais e as produções de sentidos do cotidiano.

Desse modo, as noções sobre corpo e beleza tendem a ser modificados nessa nova configuração social. A importância do corpo individual aumenta na

mesma proporção do distanciamento entre as pessoas. Divulgações midiáticas do mundo todo apresentam mulheres com corpos supostamente perfeitos, receitas de uma beleza idealizada, com padrões homogeneizadores, sem levar em conta as diferenças culturais e as características regionais, sempre relacionadas aos ideais de saúde, felicidade e qualidade de vida.

Tais discursos fazem parte de outra importante característica da pós-modernidade indicada por Beck, Guiddens e Lash (1995), o avanço da cultura do risco, entendido tanto como insegurança quanto como desafio, talvez, até como um guia externo, um limitador social, mas que se reflete nos corpos de forma intensa, seja por meio dos discursos de proteção, saúde, bem-estar e beleza, seja para desafiar e ultrapassar supostos limites do corpo, para aperfeiçoá-lo, enfeitá-lo, torná-lo mais forte, belo e poderoso.

Todo esse processo, intimamente ligado a uma individualização, um afastamento do indivíduo dos grupos sociais tradicionais (família, religião, tradições), representa esta busca de expressão individual e necessidade de demarcar uma identidade, cada vez mais fluída, sujeita a atualizações e mudanças ao sabor dos ventos, discursos, modismos. Tudo isso é evidente neste corpo, que precisa estar em constante transformação de formas e estilos, coagido continuamente a comunicar, informar e expressar uma identidade (Sant'anna, 2001).

A diminuição da influência das tradições e dos grupos sociais tradicionais, trazendo à tona formas de viver que, de acordo com Beck, Guiddens e Lash (1995), transforma o sujeito pós-moderno em “[...] ator, planejador, prestigiador e diretor de cena de sua própria biografia, identidade, redes sociais, compromissos e convicções” (p. 25), afeta as mulheres intensamente. As pressões sociais e as

tradições reservavam a elas um papel atrelado aos cuidados com a família e ao ambiente doméstico, enquanto aos homens ficava reservado o espaço da individualidade e da autonomia, contribuindo para constituição dos efeitos de sentido de maneira distinta sobre eles.

Talvez por isso os corpos dessas mulheres tenham se tornado tão suscetíveis às novidades, promessas e alternativas transformadoras, como as cirurgias e diversos outros “melhoramentos” que possam demarcar essa individualidade idealizada. Cuidar desse corpo e se expressar através dele, não representa o sentido apenas de se adequar aos padrões, torna-se um direito recém-conquistado.

O processo de individualização do sujeito pós-moderno pode ser facilmente interpretado, de maneira errônea, como um caminho para o isolamento social. No entanto, um olhar mais atento à sociedade atual nos mostra que não. A Globalização, o advento e a crescente influência da internet e das novas tecnologias de informação, o enfraquecimento das instituições e grupos sociais tradicionais e das tradições como um todo estão abrindo espaço para novas formas de interação e interdependências, sem fronteiras físicas, mais relacionadas a compatibilidades de interesses e discursos.

Surgem, portanto, novas formas de relacionamentos, conforme assinala Guiddens (1991), transformando noções de amizade, erotismo e intimidade, levando a consequências tanto positivas como negativas. Relações que antes necessitavam da constante presença física e se baseavam em ajuda mútua, honra, convivência, lealdade, hoje podem existir entre pessoas que nunca se encontraram e talvez nunca se encontrarão. Baseadas em novos valores e alicerces como confiança, não apenas em pessoas que não estão presentes, mas

em sistemas abstratos sobre os quais não se tem controle ou informações, discursos e interesses em comum e autenticidade, as interações também demonstram fragilidade e insegurança.

Aparências em comum não são mais importantes, o que libera os indivíduos para exibirem seus corpos a partir de certa autenticidade individual. Relações sociais continuam sendo importantes e estabelecidas a todo momento, mesmo que não haja tantos encontros físicos, mesmo que as relações se deem de maneiras diferentes.

O individualismo, muitas vezes mencionado como fator determinante da sociedade atual, de acordo com Beck, Guiddens e Lash (1995), também não quer dizer falta de envolvimento político, e sim uma nova forma de fazer política, a subpolítica, que não necessariamente depende das organizações políticas formalmente estabelecidas. Cada indivíduo atua e se sente responsável politicamente, o que tem gerado, inclusive, um encolhimento do poder político formal. Trata-se, sobretudo, de uma nova forma de fazer política, não vinculada a pragmatismos e escolhas por lados. Podemos ser de direita, esquerda e centro, por exemplo, dependendo da situação, não há cobranças por embasamentos sólidos, levantamento de bandeiras e vinculações sólidas a grupos ou partidos, característica condizente com um mundo sem bases sólidas de apoio, fluido e incerto, como o pós-moderno.

Este clima de aparente liberdade e incerteza, entretanto, leva a uma intensa disputa política por “verdades”, na qual cada grupo social emprega todos os recursos que possui para afirmar e disseminar suas convicções. Acontece que as instituições tradicionais possuem à sua disposição mais recursos para a disseminação e manutenção das suas “verdades”, fazendo dessa disputa algo

desigual. Na internet, por exemplo, os *sites* mais acessados são aqueles vinculados à grande mídia. Mesmo assim, há espaço para outras versões, outras “verdades”, e esse espaço vem sendo, aos poucos, ocupado e aproveitado pelos movimentos sociais.

O corpo emerge como objeto importante dessa forma de fazer política, de se envolver e se responsabilizar pelo mundo à sua volta. A liberação e o controle destes é pauta essencial de disputa política, especialmente para as mulheres, não apenas em confronto aos controles formais e legais do corpo, mas também à imposição dos padrões de beleza da sociedade em geral, pela mídia e pela indústria.

Afinal, em uma sociedade de tantos controles e tanta vigilância, leis que regem cada passo, câmeras de vigilância nas ruas, escritórios, comércios, casas, o corpo passa a ser a nossa última fronteira de individualidade, de privacidade, e essa fronteira tem sido incansavelmente disputada.

2.4 CORPOS ENCURRALADOS: ENTRE A MÍDIA, A INDÚSTRIA ESTÉTICA E O CONTROLE SOCIAL

Na análise dos discursos das mulheres sobre as razões que as levam a buscar produtos e tratamentos estéticos, seja em conversas nas ruas, círculos familiares e de amizade, programas de televisão, revistas e propagandas em geral, a percepção provavelmente será a mesma do sociólogo Pierre Bourdieu (2002):

Tudo, na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite

da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros (p. 77).

Essa necessidade de aprovação nos é imposta pela sociedade de maneira contínua desde o nascimento. Aos bebês do sexo feminino são impostos laços na cabeça, brincos, cabelos cuidadosamente arrumados ou presos, muitos enfeites e brilhos, enquanto aos meninos relegamos o uso de roupas confortáveis, sem adereços ou enfeites.

Conforme vão crescendo, as meninas precisam aprender a controlar seus gestos, seu corpo, como exigência para que se tornem graciosas e delicadas, enquanto se espera dos meninos mais energia e menos cuidado com o mundo à sua volta. Desde cedo, as meninas usam roupas justas, muitas vezes parecidas com as das mães, evidenciando o corpo em detrimento do conforto.

Em seguida, muitas dessas crianças costumam ganhar *kits* de maquiagem, sapatos de salto, pintam as unhas, e vão parecendo “mocinhas” que precisam aprender a “se cuidar”. Não podem sentar de pernas abertas, gritar, engordar, se descabelar. Como objetos em exposição, elas aprendem que precisam estar sempre apresentáveis, admiráveis, sob controle.

Bourdieu (2002), ao analisar a dominação masculina, explica como a imposição social de uma moral feminina exige uma disciplina incessante sobre o corpo, que “[...] se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados” (p. 38). Dessa forma, os padrões sociais de beleza vão sendo seguidos, desejados e reproduzidos por mulheres de todo o mundo.

Ronda na sociedade o pânico de não se encaixar nos padrões sociais que controlam a vida e a rotina de muitas mulheres, muitas vezes, em prol da saúde e do bem-estar. Para a teoria da dominação masculina de Bordieu, a autonomia das mulheres quanto à escolha de tais padrões não é considerada, o que as coloca como passivas em todo o processo de dominação.

No entanto, sabemos que as mulheres não são simples reprodutoras e seguidoras de padrões, estão a todo momento construindo discursos e sentidos que justificam tais modificações corporais como um direito, um agrado para si mesmas, em uma vida tão voltada ao cuidado com os outros. Podemos, de fato, escolher não fazer dietas alimentares, cirurgias, não utilizar as roupas da moda, maquiagens, enfeites, mas tais escolhas costumam cobrar um preço de censura social e até de baixa autoestima, o qual muitas não estão dispostas a pagar.

A resistência torna-se mais fácil em grupo, e muitos grupos de resistência à imposição social de padrões de beleza têm sido formados pela internet, como os *blogs*, objetos de estudo desta pesquisa. Temas como gordura corporal, utilização de cosméticos, alistamento ou não de cabelos, são bastante discutidos e comentados nesse meio.

A gordura corporal tem sido especialmente discutida e rejeitada, na sociedade atual, como algo a ser evitado a qualquer custo. O sociólogo Richard Miskolci (2006) chama atenção para os sentidos atribuídos à gordura: “[...] o gordo é visto como um compulsivo, um descontrolado, ou seja, alguém ameaçado por uma versão contemporânea da loucura” (p. 687). Tal afirmação corrobora com os discursos sobre corpos femininos da análise aqui realizada, quando qualquer sinal de gordura se assemelha a um crime contra si mesma.

Outra questão bastante discutida nas mídias digitais e também nas pesquisas feministas diz respeito à invisibilidade das mulheres negras na mídia, de forma geral. Nos programas televisivos, na publicidade, na mídia impressa ou digital, a impressão é de que não há mulheres negras no Brasil, o que, sabemos, está bem longe de ser verdade. Nos poucos momentos que as mulheres negras aparecem na mídia, estão seguindo os padrões de beleza branca. A pele pode ser morena, mas não completamente negra, o cabelo deve ser alisado, clareado. Mesmo assim, geralmente, o foco está em seus corpos à mostra, permeados de discursos e atitudes sexualizados, sensualizados.

Da mesma forma ocorre com os grupos de mulheres mais velhas, de lésbicas, das que optam por não constituírem uma família padrão, que não querem ter filhos, enfim, as intersecções possíveis entre os modos de ser mulher e não se encaixar nos padrões de beleza e modo de vida socialmente impostos são inúmeras, o que nos faz perceber que é mais comum não se encaixar do que seguir determinados padrões. De fato, muitas não se sentem representadas e se incomodam com as representações apresentadas e reforçadas pela mídia em geral.

Compreendemos aqui a mídia não apenas como representativa da sociedade, mas como produtora e reformadora de padrões e fatos sociais, ao mesmo tempo que torna as demais formas de viver invisíveis, verificamos seu poder e influência dos discursos e formas de vermos e nos relacionarmos com o mundo social, ao mesmo tempo em que é influenciada pelos discursos dominantes na sociedade.

O sociólogo e estudioso de mídia David Gauntlett (2008) discute a relação entre o poder da mídia e o poder das pessoas na construção de identidades, e

afirma tratar-se de uma relação muito mais complexa do que pode parecer à primeira vista, já que os discursos midiáticos são diversos e, na maioria das vezes, contraditórios. Isso se justifica porque a mídia de massa está mais preocupada em gerar surpresa e lucro do que em ser coerente com os propósitos atuais, acompanhando a crescente incerteza da sociedade contemporânea.

Ainda de acordo com o autor, as pessoas reagem de forma ativa aos discursos midiáticos, sofrendo influências, mas não absorvendo simplesmente as mensagens sobre modelos de identidade e estilo de vida, e sim utilizando-as como mais um recurso para pensar e repensar suas vidas e seus valores.

Tal influência dos discursos midiáticos é inegável e importante, já que a mídia assumiu, nas últimas décadas, papel de destaque na regulação da sociedade de maneira bastante efetiva no controle dos corpos, ditando hábitos, comportamentos e formas aceitáveis e desejáveis. Apesar disso, nem sempre essas ações deliberadas são de controle, com o objetivo de ditar alguns padrões e esconder outros, a não ser no caso da publicidade, que tem o claro objetivo de apresentar seus produtos como necessários, tentando vender uma ideia de corpo ideal a ser alcançado. Fato é que as diferentes mídias, assim como quaisquer outras empresas, trabalham e decidem seus caminhos em prol do lucro a ser alcançado. Sendo assim, dentro da lógica capitalista de consumo, propagandas, reportagens, filmes, novelas, costumam deixar clara a necessidade de consumir sempre mais em busca do corpo perfeito, apresentado da forma idealizada, com acessórios igualmente adequados.

O teórico de mídia John Thompson (2011) atribui aos meios de comunicação

[...] uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si (Thompson, 2011, pp. 35-36).

Esse comportamento se torna mais evidente com o advento da internet e das mídias digitais em equipamentos cada vez mais portáteis, tornando o suporte midiático onipresente no cotidiano da maioria das pessoas. Não há nenhum ambiente ou momento em que não se possa estar com o aparelho celular, sempre ligado e conectado, pronto para avisar seu usuário sobre qualquer novidade ou interação, por exemplo. A tecnologia permite que o relógio de pulso também exerça esse papel e já há protótipos de óculos conectados à internet, com avisos e imagens visuais a todo instante.

A mídia digital possibilita não apenas acompanhar informações, propagandas, programações, de maneira passiva, mas interagir com pessoas, produtos, instituições, de maneira direta, pois é um mecanismo que reage imediatamente ao que nos é mostrado, expõe e discute opiniões e modos de ser, influenciando pessoas de todo o mundo, o mercado, as ações políticas e a própria mídia.

Dessa forma, o controle social é exercido pelos meios de comunicação, pela publicidade, e também pela própria sociedade que interage expondo opiniões, muitas vezes, de maneira intempestiva e sem filtros e defesas comuns em uma interação face a face. Tal controle fica bastante evidente em relação aos corpos, sobretudo os das mulheres, expostos a avaliações e julgamentos que vão

muito além de suas formas, evidenciando o desejo de controlar os comportamentos, os hábitos, a sexualidade, e garantir submissão e recato considerados marcas de feminilidade.

Para Bordieu (2002) o controle social sobre as mulheres acontece, principalmente, utilizando-se de uma insegurança criada e cultivada pela própria sociedade:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (Bordieu, 2002, p. 80).

O mais interessante é que a própria mídia muda constantemente seus padrões ideais, dependendo das reações do público e das exigências do mercado. Assim, mesmo que alguém consiga se aproximar da presumida perfeição hoje, estará longe deste ideal amanhã, quando a moda e os padrões mudarem, e por isso precisará consumir tudo novamente.

Para a blogueira e doutora em literatura Lola Aronovich (2011), a mídia, tal como a maior parte da sociedade, vê as mulheres ora como objetos de decoração, ora como seres maternais. Esses são os únicos papéis que as mulheres devem exercer: ser bonitas (ou seja, estar dentro do padrão de beleza branco e magro) para sempre, e/ou ter filhos.

Acrescento aí o papel de objeto sexual apresentado por Beleli (2007) e pela jornalista e historiadora Sandra de Souza Machado (2014). As autoras

ressaltam imagens publicitárias, no Brasil (Beleli, 2007) e no mundo (Machado, 2014), retratando a mulher como objeto sexual, sempre em posição de subalternidade. Tal discurso também é facilmente encontrado nas programações da televisão, nas reportagens e capas de revistas e jornais e na internet.

Gauntlett (2008), ao analisar conteúdos midiáticos bastante populares como filmes, vídeo clipes, revistas e conteúdos de internet, chama a atenção para os crescentes discursos ressaltando o poder feminino, baseado na independência física e emocional e na autoconfiança, mas sem deixar de ser sensual, explorando ainda mais a sensualidade com danças, roupas e discursos cada vez mais sexualizados.

Na discussão sobre a relação das mulheres com a publicidade, a comunicadora social Ana Veloso (2014) destaca três fatores que devem ser considerados em conjunto para que possamos compreender as críticas a essa relação: “[...] superexposição da imagem e do sexo das mulheres, a invisibilidade feminina no protagonismo das notícias e sua sub-representação nas etapas de produção e na alta gerência dos conglomerados de imprensa” (p. 409). Este conjunto mantém o *status quo* vigente há tantos anos, apesar das mudanças sociais ocorridas.

Mesmo com essa avalanche de exposição a regras e padrões de beleza e comportamento, muitas brasileiras não se sentem representadas pelas mulheres expostas na mídia e tomam dois caminhos opostos como reação: buscam enquadrar seus corpos nesses padrões, através do consumo de roupas, cosméticos, tratamentos, cirurgias plásticas, dietas alimentares, ou resistem a eles, rompendo com os estereótipos.

Estamos falando em mídia, entretanto, como uma única instituição, como se produzisse um único discurso, mas está bem longe disso. Seja através da televisão, dos jornais e revistas, rádios, internet, encontramos diversos e muitas vezes opostos discursos, reforçando e, ao mesmo tempo resistindo, aos padrões sociais vigentes, excluindo e incluindo diferenças. Além disso, nós próprios veículos de comunicação (jornais, revistas, rádios, internet, etc) encontramos uma distinção entre uma mídia mais “oficial” e outras conhecidas como “alternativas”. Todavia o discurso dominante alcança a maioria da população, por meio da mídia ou do meio social.

O espaço mais democrático da internet contribui para o desenvolvimento de disputas discursivas e ideológicas, oferecendo espaço aos discursos alternativos que são aproveitados por revistas digitais, *blogs*, grupos de discussões de resistência (objetos de análise), que também lutam para romper com os estereótipos, resistir à imposição de padrões, divulgando outras versões e amplificando a voz dos que resistem, mesmo à distância. A promessa de democracia, entretanto, é falha. Assim como na mídia impressa e televisiva, na internet, os grandes conglomerados empresariais, ligados a uma noção de mídia mais “oficial” dominam os espaços mais visíveis e acessíveis e conseguem divulgar seus websites de forma mais abrangente, fazendo da internet um prolongamento dos discursos produzidos nas demais mídias.

Discursos de ódio, preconceito e segregação são também frequentes na internet, muitas vezes de forma anônima, propagando ofensas de todas as formas e fazendo emergir grupos virtuais separados por ideologias, preconceitos, que dão força a esses discursos fora do ambiente virtual. As manifestações fazem

parte de um espaço democrático em disputa com os discursos de inclusão, integração, tolerância.

O Movimento Feminista trava essa luta há muito tempo, com inúmeras conquistas de direitos e de conscientização de homens e mulheres, mas há muitas outras batalhas a serem disputadas.

2.5 FOCOS DE RESISTÊNCIA: DISCURSOS FEMINISTAS QUESTIONANDO E APONTANDO CAMINHOS

O Movimento Feminista vem complementando e modificando os discursos ao longo da história, mas o corpo da mulher sempre fez parte, de alguma forma, desses discursos.

Para acadêmica feminista Elizabeth Grosz (1994), em seu ensaio “*Volatile Bodies*” de 1994, os discursos feministas sobre o corpo estão divididos em três categorias. A primeira, com autoras como Simone de Beauvoir, Shulamith Firestone, Mary Wollstonecraft, entende o corpo feminino como limitado e ao mesmo tempo privilegiado por diferenças biológicas, como a menstruação, a possibilidade de gravidez e a lactação. Essas especificidades biológicas dificultariam a luta pela igualdade de direitos, mas dotariam as mulheres de um poder de percepção especial. Trata-se de um discurso mais próximo do senso comum, justificando diferenças sociais entre os sexos por diferenças biológicas que tornavam as mulheres menos capazes de executar as mesmas tarefas dos homens e mais aptas às tarefas domésticas e de cuidado em geral.

A segunda categoria proposta por Grosz inclui as autoras Julia Kristeva, Michèle Barrett, Nancy Chodorow, as feministas marxistas, as feministas psicanalistas, e “[...] todas aquelas envolvidas com a noção de construção social

da subjetividade” (Grosz, 1994, p. 73), e atribui a desigualdade entre os sexos à dominação ideológica dos homens sobre as mulheres, não vendo o corpo como um obstáculo a ser vencido, mas como algo marcado socialmente. O pensamento construcionista dessa segunda categoria entende não ser o corpo biológico em si, mas fruto de significados sociais atribuídos a ele que oprimem as mulheres, havendo, conforme a autora, uma separação no pensamento construcionista entre corpo biológico e corpo social.

A terceira e última categoria proposta pela autora, incluindo autoras como Luce Irigaray, Hélène Cixous, Gayatri Spivak, Jane Gallop, Moira Gatens, Vicki Kirby, Judith Butler, Naomi Schor, Monique Wittig, confunde-se um pouco com a segunda ao não considerar dualismos, enfocando o corpo vivido, representado e utilizado de formas e em culturas específicas. Diferencia-se, entretanto, por se interessar menos pela questão da construção cultural da subjetividade do que pelos materiais com os quais essa construção é feita. A identidade, para esse grupo de autoras, passa a ser ainda mais fluída, relacional.

Essa divisão didática ajuda a compreender um caminho de desenvolvimento do discurso feminista sobre o corpo, abdicando de qualquer justificativa essencialista para uma suposta inferioridade da mulher. Desse modo, os padrões discursivos sobre papéis de gênero e sobre os corpos vão se tornando cada vez menos rígidos e menos universais.

O Movimento Feminista é composto, ao longo de toda a sua história, de múltiplos discursos e grupos, levando em conta diferentes culturas, gerações, sexualidades, etc. Os discursos feministas sobre os corpos das mulheres, em sua maioria, não aceitam mais a divisão dualista sexual dos corpos, e sim um *continuum* gradativo de corpos com extremos masculinos e femininos, negros,

brancos, grandes, pequenos. Assim, os diferentes repertórios sobre o corpo apresentam desdobramentos importantes nas teorias e pesquisas feministas, assim como nas pautas de discussões e lutas do movimento.

Pesquisas na área apontam alguns temas debatidos nas últimas décadas, e que ainda continuam em destaque, como a questão da sexualidade e da violência, ou seja, o controle e a limitação da sexualidade feminina por meio de tabus e proibições como, por exemplo, discussões sobre virgindade e castidade. Muitos grupos continuam reivindicando a autodeterminação das mulheres sobre seus próprios corpos, em relação ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção, bem como a desvinculação da sexualidade com a função biológica da reprodução, exigindo o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade.

Piscitelli (2000) aponta como um dos principais temas de estudos feministas nos últimos anos “[...] as maneiras como os corpos são moldados por formas de poder [...]” (p. 7), cujos impactos da mercantilização os fragmentam. Outra questão de relevância na pauta do movimento é a beleza feminina. Segundo o filósofo Gilles Lipovetsky (1997), para o feminismo contemporâneo, desconstruir a beleza corresponde a analisá-la como um instrumento de domínio dos homens sobre as mulheres, um dispositivo político cuja finalidade é separar os sexos. Essa cultura do belo não se limita a instigar mulheres umas contra as outras, ela divide e fere cada mulher em si mesma. Por meio das imagens do feminino veiculadas pelos meios de comunicação, o terror das marcas de idade são acentuados e geram complexos de inferioridade, vergonha, ódio ao corpo.

As feministas analisam essa ênfase na beleza feminina como um meio de opressão e apontam o importante papel da mídia na manutenção dessa prática

repressora. Os anúncios são elaborados para legitimar a sedução, o gosto pela juventude, as paixões narcisistas, a procura consumista da beleza. No Brasil, são duas grandes temáticas que, conforme a socióloga Lia Machado (2011), ganham espaço na movimentação feminista dos anos 1970 aos dias de hoje: a violência contra as mulheres e os direitos à saúde, à sexualidade, à reprodução.

Em relação à violência contra as mulheres, a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.240/06) é considerada um importante avanço, não apenas para coibição dos atos violentos, mas como ferramenta para uma discussão mais ampla sobre as diversas formas de violência de gênero na sociedade brasileira. Até então, os discursos sobre violência, tanto no cotidiano quanto nos documentos oficiais de instituições, como a polícia e o sistema de Justiça, traziam como violência apenas agressões que deixassem marcas visíveis como hematomas ou feridas. A lei ampliou esse conceito, entendendo como violência tudo aquilo que fere a integridade da pessoa, não apenas o caráter físico, mas também simbólico, psicológico, sexual, moral ou patrimonial (Machado, 2011).

As mestres em Direito Alexandra Rodrigues, Danielle Gadenz e Letícia de La Rue (2014) apontaram recentemente como principais pautas de discussão a violência doméstica, a imposição de padrões de beleza, a questão racial e a divisão sexual do trabalho. No âmbito local, identificaram debates acerca da proposta do Estatuto do Nascituro, da legalização do aborto no Brasil e do incentivo aos partos humanizados. Isto mostra como os discursos sobre o corpo se materializam de diversas formas nas pautas femininas e nas discussões feministas realizadas em ambientes virtuais.

Os principais temas de discussão e reivindicação do Movimento Feminista encontram eco no mundo virtual, em revistas eletrônicas, redes sociais,

comunidades virtuais ou blogs feministas. Nesse sentido, a internet pode ser utilizada como uma ferramenta a mais pelas ativistas e grupos feministas, que também encontram novas vozes, até então sem envolvimento com as lutas de resistência, que entram em contato com esses discursos pela primeira vez através da internet e passam a participar das discussões, podendo permanecer apenas no ativismo on-line ou, a partir de então, buscar outras formas de luta e organização.

CAPÍTULO 3 - FEMINISMOS NA REDE: MAIS UMA FERRAMENTA OU UM NOVO CAMINHO?

Discursos feministas estão presentes em muitos espaços disponíveis na internet, redes sociais, páginas de notícias, revistas virtuais, *blogs etc.* São discursos tão diversos quanto os feminismos, que retratam e produzem a todo momento novos sentidos, e também tensões no Movimento Feminista.

O papel e os espaços ocupados pela internet no movimento são, também, temas de tensão. Será que a internet pode acabar com o ativismo de rua? Pode substituí-lo? Ou será mais uma ferramenta para potencializar o ativismo da forma como ele já ocorria? Este Capítulo se dedica a essas questões.

3.1 ATIVISMO DE SOFÁ?

Os movimentos sociais exercem o que o sociólogo Manuel Castells (2013) chamou de contrapoder, pois resistem à dominação e buscam representar seus valores e interesses, principalmente através da comunicação livre, sem os controles das instituições que detêm o poder. Analisando estes recentes movimentos sociais que surgiram na internet e tomaram as ruas de diversos países nos últimos anos, ele traça alguns pontos em comum destas práticas ativistas.

Embora utilizem também o espaço urbano, a existência contínua do que o autor chama de ciberativismo tem lugar no espaço livre da internet, no qual não contam – nem necessitam – de uma liderança formal, de um centro de comando ou controle, nem de uma organização vertical. Essa estrutura descentralizada

aumenta as chances de participação no movimento, já que é constituído de redes abertas, sem fronteiras definidas.

Nesse sentido, a internet dinamiza os esforços de intervenção dos movimentos sociais na cena pública, graças à singularidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades e expressões de vida. Ainda que a internet não possa ser considerada, por si só, a fonte desse ativismo digital, tem papel essencial ao conectar as pessoas, propiciando o encontro, a troca de ideias e as discussões sobre metas e estratégias de ação, além de ampliar sobremaneira a divulgação de temas mobilizadores.

No ciberespaço, os movimentos sociais produzem manifestações em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estarem presos a um lugar ou tempo em particular. A internet e suas novas ferramentas de intervenção (campanhas virtuais, correio eletrônico, grupos de discussão, fóruns, manifestos on-line), muitas vezes, funcionam como uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos. Além disso, a internet tem uma importante função na transmissão das mensagens, informações e imagens dos diferentes movimentos.

Assim, um tema de protesto pode ser divulgado pela rede, encontrando adeptos em locais próximos e distantes, que podem rapidamente se organizar e promover diferentes formas de manifestações, on-line e nas ruas. Mesmo aqueles que não vão às ruas protestar podem contribuir organizando e divulgando notícias e imagens em tempo real, de dentro das suas casas, de seus sofás, desempenhando papéis importantes.

Protestos totalmente virtuais têm conquistado resultados importantes nos últimos anos, abaixo-assinados direcionados a presidentes e congressistas,

solicitando aprovações ou vetos de projetos, boicotes a empresas e produtos, protestos contra a cultura machista e contra o estupro. Quando o resultado não é esperado, atingem os alvos influenciando futuros discursos e decisões, além de propagar enunciados e ampliar discussões sobre os assuntos abordados. Afinal, o ativismo tradicional não é sempre marcado pelo sucesso instantâneo nas suas reivindicações.

Alguns autorxs e ativistas, entretanto, defendem que essa nova forma de prática pela internet não alcança os mesmos efeitos dos tradicionais protestos nas ruas e pode, inclusive, diminuir a força dos movimentos sociais, já que muitos, ao compartilharem nas suas redes sociais imagens e textos e participarem de grupos de discussão virtuais, acreditam estar já cumprindo com seu papel social e não buscam expandir suas atividades e protestos para além da rede.

Daí surgiu a expressão “ativismo de sofá”, ou ativismo preguiçoso, como uma forma pejorativa de se referir ao ciberativismo. Proveniente da palavra inglesa "*slacktivism*", uma junção dos termos "*slacker*" (preguiçoso) e "*activism*" (ativismo), formando a expressão "ativismo preguiçoso", foi criada pelo pesquisador e escritor bielorusso Evgeny Morozov, de acordo com o *blog Feminista Feminews*.⁴

Apesar da intenção de desqualificar o ciberativismo através do termo “ativista de sofá”, hoje a referência é utilizada com orgulho pelas pessoas que o praticam, argumentando que protestos e campanhas realizadas através da internet atingem mais pessoas em diferentes lugares e conseguem melhores resultados do que nas ruas.

⁴ Para saber mais, acesse o site Feminews.wordpress.com.

Há, ainda, quem tema pelo fim do ativismo de rua, apesar das experiências terem mostrado que quem pratica esse tipo de ação não deixa de ir às ruas para se restringir à internet. Outras pessoas que antes não se engajavam nos protestos por diversos motivos estão passando a se envolver, e o mais provável é que as duas formas de ativismo se complementem cada vez mais e caminhem juntas.

Ao falar em ativismo, entretanto, não se pode pensar apenas em protestos e movimentos organizados, as campanhas de conscientização, de promoção e de discussões de temas importantes à sociedade, com vozes e versões alternativas e distintas das oficiais, também fazem parte do projeto de discursivização de novas possibilidades, no que se refere à discussão sobre gênero. Discursos são a todo momento produzidos e propagados em panfletagens, nos palanques improvisados e, principalmente, pelos e-mails, redes sociais e *blogs* virtuais.

Questionamos, deste modo, se os *blogs* feministas podem também ser considerados ativistas, não apenas quando participam da organização de protestos, mas quando constroem e propagam discursos de resistência contra as formas existentes de opressão das mulheres, embasando e promovendo posições de empoderamento e resistência para tantas mulheres em todo o mundo.

3.2 MOVIMENTO FEMINISTA NAS MÍDIAS DIGITAIS: MULTIPLICANDO O ALCANCE DE DIFERENTES DISCURSOS SOBRE CORPO E BELEZA FEMININA

O Movimento Feminista se dedica a questionar e desconstruir os pilares sociais baseados na supremacia e dominação do homem branco ocidental, buscando incluir no curso da história, de diversas formas, as mulheres como

sujeitos iguais em capacidades, direitos e autonomia. Sua atuação nas mídias digitais segue esses mesmos objetivos básicos, mas com formatos distintos dos utilizados pelas ativistas das ruas e pelas teóricas do movimento.

Na internet, o tom do discurso segue um modelo mais confessional, de casos e experiências relatados de violência e submissão semelhantes em todo o mundo. Em um primeiro momento, parecerem apenas desabafos individuais sem maiores consequências, depois surgem os movimentos de resistência, autoafirmação e conscientização.

Muitxs militantes feministas enxergam hoje a internet como difusora de ideias. Clareana Cunha, em texto no blog da Marcha Mundial das Mulheres⁵, aborda a relação entre o Movimento e a internet. Verificamos, sobretudo, que “A internet desenvolve-se, no contexto da comunicação, como um oxigênio para os meios tradicionais e, para nós feministas, vem sendo o canal por onde conseguimos propagar nossas pautas e mobilizar para nossas ações” (Cunha, 2013).

O benefício maior dessa virtualidade é a oportunidade concedida de combate ao machismo, permitindo que as ativistas tornem-se também criadoras e difusoras de conteúdo, participando da criação de sentidos. Por isso, é importante ter um circuito de comunicadoras feministas, blogueiras e ativistas que coloquem na mídia uma nova perspectiva (Cunha, 2013).

Um importante exemplo foi a criação da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), que vem utilizando a rede para disseminar os objetivos do movimento. Ainda de acordo com o *blog* da MMM, o protesto foi criado em 2000, a partir de uma campanha contra pobreza e violência, intitulada “2000 razões para marchar

⁵ Para mais informações, acesse: marchadasmulheres.wordpress.com

contra a pobreza e a violência sexista” e teve como inspiração uma manifestação realizada em 1995, em Quebec, no Canadá, quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros, pedindo, simbolicamente “Pão e Rosas”.

Com grande atuação na internet, a Marcha também promove diversas ações nas ruas. De acordo com o blog, foram realizadas até agora três ações internacionais, nos anos 2000, 2005 e 2010. Em 2000, o grupo entregou à Organização das Nações Unidas (ONU) um documento com dezessete pontos de reivindicação, com cinco milhões de assinaturas, caracterizando a MMM como movimento internacional. A segunda ação a nível mundial foi realizada em 2005, com a divulgação da “Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade”, trazendo alternativas econômicas, sociais e culturais para a construção de um mundo fundado nos princípios da igualdade, liberdade, justiça, paz e solidariedade entre povos e seres humanos em geral, respeitando o meio ambiente e a biodiversidade. A terceira, realizada em 2010, teve mobilizações de diferentes formatos em vários países do mundo, expressando a solidariedade internacional entre as mulheres, enfatizando seu papel de protagonista na solução de conflitos armados e na reconstrução das relações sociais em suas comunidades, em busca da paz, tendo como tema “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”. A ação foi ancorada nos quatro principais pontos de ação do movimento: bem comum e serviços públicos, paz e desmilitarização, autonomia econômica e violência contra as mulheres.

No Brasil, o movimento conta com intensa participação, difusão de conteúdo na internet e ações públicas (passeatas, batucadas, distribuição e colagem de cartazes com mensagens feministas).

A Marcha das Vadias é também uma outra ação bastante reconhecida no cenário virtual brasileiro e mundial, graças à difusão globalizada. Originária do Canadá, de acordo com a blogueira feminista Cynthia Semiramis (2013), a Marcha das Vadias – “*Slutwalk*” – tem o objetivo de mostrar a indignação com o uso pejorativo do termo vadia, fruto da cultura machista da sociedade, palavra que simboliza a opressão sofrida pela mulher e conta sempre com mulheres expondo seus corpos, com roupas curtas, seios à mostra, evidenciando o corpo como um local de batalha política.

Segundo a autora do blog, a ação que começou na cidade de Toronto, em resposta às orientações de um policial durante uma palestra para universitárias: “Se a mulher não se vestir como uma vadia, reduz-se o risco de ela sofrer um estupro”, chegou a mais de 50 cidades no mundo. No Brasil, a primeira manifestação ocorreu em 4 de junho de 2011, em São Paulo.

Mais recentemente um movimento totalmente virtual chamou a atenção do Brasil com o slogan “Eu não mereço ser estuprada”. Trata-se, de acordo com as blogueiras feministas Jussara Oliveira e Camilla de Magalhães Gomes de uma campanha organizada no Facebook pela jornalista Nana Queiroz. Ela convidou usuárias da rede social a publicar suas fotos acompanhadas da frase “Eu não mereço ser estuprada”. Mais de 40 mil mulheres confirmaram a participação no site virtual do protesto.

O manifesto surgiu após o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgar uma pesquisa na qual 65,1% de quase 4 mil entrevistados responderam que mulheres que mostram o corpo “merecem ser atacadas”. Posteriormente, o Ipea retificou que esse percentual era, na realidade, de 26%.

Ainda assim, 58,5% dos entrevistados concordaram com a frase “Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”.

Hoje, as principais ferramentas utilizadas pelo ciberativismo feminino são os blogs, o Facebook e o Twitter. Uma recente e importante vitória do movimento, que teve grande apoio da logística virtual, foi a sanção do Projeto de Lei nº 03/2013, dando origem à Lei 12.845/13, que dispõe acerca do atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. Os movimentos realizaram uma campanha virtual em prol do esclarecimento sobre o objetivo da lei e da sanção integral pela Presidenta da República, com o apelo #SancionaTudoDilma no Twitter e por meio de uma petição pública on-line.

O alto nível de organização do Movimento Feminista fica evidente quando é realizada uma análise de sua atuação na internet, mostrando o modo como tem aproveitado as mais diversas plataformas para difusão de conteúdo e para disseminar suas reivindicações. Segundo Castells (2013), a organização no ambiente virtual é um ponto positivo, pois dificulta o combate ou a censura de seus ideais, uma vez que os movimentos sociais com suporte organizacional da rede, como o feminista, dificultam a identificação dos centros de comando e lideranças.

3.3 BLOGS FEMINISTAS

Um blog é uma página da *web* onde um *weblogger*, também conhecido como *blogger* ou blogueirx, registra assuntos que considera interessantes. O autor adiciona a publicação mais recente, também chamada de *post*, no topo da página, e abaixo ou acima do *post* podemos encontrar a data e a hora da divulgação.

A facilidade de criação e manutenção dos *blogs* e a possibilidade de escrever textos maiores do que os possíveis em outras ferramentas na internet, mesclando imagens, vídeos, *links*, com liberdade, fizeram deles um sucesso de utilização e acessos. Ademais, a possibilidade de interagir com xs leitorxs por meio dos comentários também contribuiu para a popularidade desse suporte. Os comentários podem ser lidos não somente pelx autorx do blog, mas por qualquer usuário que clicar no *link* e abrir a janela específica.

No início, caracterizavam-se, principalmente, como uma espécie de diários virtuais, nos quais xs autorxs escreviam sobre suas próprias experiências, sentimentos, projetos. Hoje encontramos diversas utilizações para os *blogs*, como divulgação de textos jornalísticos, contendo especialmente discursos que encontram pouco espaço nos meios de comunicação mais tradicionais, dicas de moda e relacionamento, críticas de cinema e literatura, divulgação de textos literários e de discursos dos movimentos sociais e especificamente para o foco dessa pesquisa, discursos feministas.

Ao fazer uma busca simples por meio de uma ferramenta de pesquisa na internet com as palavras “blog feminista” encontramos dezenas de *blogs* com o vocábulo ‘feminista’ no título, como *Blogueirasfeministas.com*, *Feminismoemdemagogia.wordpress.com*, *Feministacansada.com*, *conscienciafeminista.blogspot.com*, *coletivofeminista.blogspot.com*, e *feministassemfronteiras.blogspot.com*, e mais dezenas de outros nomes se descrevendo como feministas, como o *escrevalolaescreva.blogspot.com*, *cynthiasemiramis.org*, *naomekahlo.com* e o *blogueirasnegras.org*, entre outros. A grande maioria, na primeira página, oferece indicações de dezenas de outros *blogs* feministas e afins com *links* de acesso.

Percebemos, portanto, um importante foco de interesse nos discursos referentes às mulheres na rede. E ressaltamos a semelhança em alguns pontos, mas, em uma análise superficial, não parecem ser iguais em temas, focos, vozes e estilos discursivos. Alguns apresentam uma só voz nos discursos principais, ou são coletivos, uns mostram temas e linguagens mais voltadas ao universo acadêmico, outros são mais confessionais. Há *blogs* específicos para discursos sobre mulheres negras, violação dos direitos das mulheres, sexualidade, enfim, as possibilidades de intersecções são inúmeras e transformam um simples passeio pelas páginas em uma descoberta de um novo universo a ser explorado.

Em comum, além de discursarem sobre as mulheres e o feminismo, os *blogs* possuem a utilização de imagens e textos, a liberdade para receber comentários e abrir discussões e um certo tom de indignação pelas condições impostas às mulheres, propondo algum tipo de resistência. Assim são também os *blogs* selecionados para esta pesquisa e apresentados a seguir.

3.4 QUEM SÃO AS MULHERES QUE ESCREVEM E FREQUENTAM *BLOGS* FEMINISTAS?

Falar sobre os discursos das mulheres nos *blogs* feministas é dar visibilidade às mulheres que interagem nesses espaços discursivos, que, apesar da diversidade entre si, não representam todas do gênero feminino. Suas questões, os sentidos produzidos por elas, suas formas de viver e se relacionar, os repertórios e focos que utilizam estão relacionados a vários aspectos como, por exemplo, a região em que moram, a formação familiar, a classe socioeconômica, o nível de escolaridade, a idade, etnia e outras variedades.

No que tange o acesso à internet, vale dizer que, muitas no Brasil sequer têm acesso à internet. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio realizada em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), somente 50,1% da população do Brasil têm acesso à internet. E desse percentual, 51,9% são mulheres.

Não se pode esquecer, ainda, que questões relacionadas à sobrevivência, aos cuidados com a família, ao trabalho, dentre muitas outras, podem fazer com que muitas mulheres brasileiras passem pelos discursos analisados aqui de maneira pouco atenta, não sendo influenciadas da mesma forma.

Dentre as que questionam e discursam sobre seus corpos e padrões de beleza socialmente impostos, podemos encontrar ainda diferentes reações, discursos, repertórios, posicionamentos e expectativas de padrões de beleza, dependendo do ambiente social pelo qual circulam. Conforme exposto, um corpo de mulher magro, branco, esguio, é considerado belo em alguns grupos, enquanto um corpo grande, bronzeado ou negro, seios fartos, bumbum grande, é valorizado como mais belo e desejável em outros grupos.

Como esta pesquisa se refere aos discursos de *blogs* feministas, é preciso considerar que esses são produzidos por mulheres que têm acesso à internet, hábito de ler *blogs* que não são divulgados pela grande mídia, desenvoltura de escrita suficiente para escrever textos e/ou comentá-los, um mínimo de conhecimento e interesse por discursos feministas. Tais características sugerem um espaço que tende a ser ocupado por mulheres jovens, com nível de escolaridade superior e de classe média a alta.

Assim, ao passear pelos *blogs* feministas, é perceptível a presença de autorxs e perfis diversos em diferentes *blogs*. Tem-se, assim, *blogs* escritos de

mulheres negras para mulheres negras, de mulheres lésbicas para mulheres lésbicas, de mulheres gordas e magras, enfim, muitas são as possibilidades. Por isso, sem pretender esgotar o tema ou abordar todos os possíveis efeitos de sentido e perfis, esta pesquisa corrobora com a noção de que a generalização não é possível nem desejável, nem para o Construcionismo Social, nem para as teorias feminista.

4 ANÁLISE

Ao optar por utilizar os discursos dos *blogs* feministas, foi feito um levantamento de todos os *blogs* feministas brasileiros com a identificação de páginas variadas e estilos, discursos e focos. Optamos então por utilizar uma página que fosse coletiva, proporcionando o acesso a diferentes vozes e discursos, que apresentasse liberdade de escolha de diferentes temas e tivesse um grande número de acessos e participações, como foi o caso do www.blogueirasfeministas.com

4.1 O BLOG BLOGUEIRAS FEMINISTAS

O Blogueiras Feministas é o *blog* feminista coletivo mais famoso e acessado do Brasil. De acordo com informações do próprio site, sua história começou com algumas trocas de e-mails sobre política e feminismo entre a blogueira Maria Frô e colegas feministas em 2010, tornando-se posteriormente um grupo de discussões por e-mail.



Figura 1. Home das *Blogueiras Feministas*.

Criado pela blogueira Cynthia Semiramis, só depois veio a se tornar um *blog* com o objetivo de ampliar e disseminar as discussões e, principalmente, de juntar vários discursos feministas que circulavam na *web* em um mesmo local. Uma de suas autoras, Tica Moreno, assim o caracteriza na página do *blog*:

Este *blog* existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever *posts*, apontar manifestações do machismo na sociedade, *twitter*, fazer vídeos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa ideia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade.

O grupo de discussões sobre temas feministas ainda permanece paralelo ao *blog*. Conforme a doutora em Letras e Linguística e blogueira feminista Karla Avanço (2013), no início, para participar do *Blog*, era preciso estar na lista de discussões. Hoje, xs novxs autorxs precisam submeter os seus três primeiros textos a uma banca de avaliação formada por autorxs mais antigos, na tentativa de garantir que sejam textos inéditos e de um ponto de vista feminista.

O *blog* é administrado por Bia Cardoso e possui 74 autorxs cadastradxs. Além dos textos escritos de forma individual por essxs autorxs, tem-se os coletivos assinados com o nome do blog Blogueiras Feministas e outros de autorxs convidadxs, que não fazem parte da lista de cadastrados. Os *posts* são diários, às vezes, mais de um *post* por dia, diversos em estilos, focos e assuntos.

No ano de 2014, período delimitado para esta pesquisa, foram publicados 11 *posts* sobre a relação entre os corpos das mulheres e os padrões sociais de beleza, relacionados a seguir:

Tabela 1. Posts sobre corpos e padrões de beleza – B.F.

| Data | Título | Link | Autoria | Comen- tários |
|-------------|---|---|---------------------------------------|--------------------------|
| 14/1 | Jeniffer Lawrence faz com que você se sinta envergonhada com o seu corpo mais do que você imagina | http://blogueirasfeministas.com/2014/01/jennifer-lawrence-faz-com-que-voce-sinta-se-envergonhada-por-seu-corpo-mais-do-que-voce-imagina/ | Jenny Trout. Trad. Liliane Gusmão. | 25 |
| 2/4 | Machismo, saúde da mulher e cirurgias plásticas - o que as panelas têm a ver com isso | http://blogueirasfeministas.com/2014/04/machismo-saude-da-mulher-e-cirurgias-plasticas-o-que-as-panelas-tem-a-ver-com-isso/ | Karen Polaz | 3 |
| 14/4 | Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza | http://blogueirasfeministas.com/2014/04/quem-sao-as-mulheres-reais-das-propagandas-de-beleza/ | Bia Cardoso | 12 |
| 3/6 | Salto alto e uma bolsa na mão: seja linda sendo sem-vergonha no Brooklyn | http://blogueirasfeministas.com/2014/06/salto-alto-e-uma-bolsa-na-mao-seja-linda-sendo-sem-vergonha-no-brooklyn/ | Denise Jolly. Trad. Bia Cardoso. | 1 |
| 14/8 | Padrões de beleza que adoecem | http://blogueirasfeministas.com/2014/08/padroes-de-beleza-que-adoecem/ | Patrícia Sebastiany Pinheiro | 16 |
| 5/9 | Vai mesmo, gordinha! | http://blogueirasfeministas.com/2014/09/vai-mesmo-gordinha/ | Patrícia Sebastiany Pinheiro | 6 |
| 9/9 | Desafio sem make. Desafio para quem? | http://blogueirasfeministas.com/2014/09/desafio-sem-make-desafio-para-quem/ | Jessica Romero | 3 |
| 2/10 | Sobre o desafio sem maquiagem | http://blogueirasfeministas.com/2014/10/sobre-o-desafio-sem-maquiagem/ | Lara de Paula Passos | 5 |
| 6/10 | O lado positivo da feiura | http://blogueirasfeministas.com/2014/10/o-lado-positivo-da-feiura/ | Jessica Valenti.TradKaren Polaz | 10 |
| 28/10 | Linda. Como você é linda! | http://blogueirasfeministas.com/2014/10/linda-como-voce-e-linda/ | Vanessa Rodrigues | 3 |
| 3/12 | Nem vem tirar meu riso frouxo com algum conselho que hoje eu passei batom vermelho | http://blogueirasfeministas.com/2014/12/nem-vem-tirar-meu-riso-frouxo-com-algum-conselho-que-hoje-eu-passei-batom-vermelho/ | Nina Spin | 1 |

Por meio de diferentes enfoques e vozes, os *posts* têm em comum, não só as discussões envolvendo as diferentes relações entre os corpos das mulheres e os padrões sociais de beleza, mas os discursos dedicados a questionar e criticar

tais padrões. Três deles discutem outros temas em circulação na época em que foram publicados, como o “Jennifer Lawrence faz com que você se sinta envergonhada com o seu corpo mais do que você imagina”, que cita frases da atriz americana Jennifer Lawrence em diversas entrevistas para diferentes veículos midiáticos, os “Desafio sem make. Desafio pra quem?” e “Sobre o desafio sem maquiagem”, sobre uma campanha publicitária que desafiava as mulheres a divulgarem fotos dos seus rostos sem maquiagem.

Os outros utilizam como principal recurso os depoimentos pessoais das autoras para discutir questões referentes à disputa de poder sobre os corpos das mulheres, mas sempre com um discurso direcionado aos leitorxs e com um objetivo claro de influenciar e desconstruir padrões. Desses, selecionamos cinco *posts* com maior número de comentários para a análise proposta (disponíveis na íntegra no Anexo A), juntamente aos respectivos comentários, conforme apresentado a seguir.

Tabela 2. Informações preliminares sobre os *posts* selecionados

| N. | Data | Título | Link | Autoria |
|----|------|--|---|------------------------------|
| 1 | 14/1 | Jennifer Lawrence faz com que você sinta-se envergonhada por seu corpo mais do que você imagina. | http://blogueirasfeministas.com/2014/01/jennifer-lawrence-faz-com-que-voce-sinta-se-envergonhada-por-seu-corpo-mais-do-que-voce-imagina/ | Jenny Trout |
| 2 | 14/4 | Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza? | http://blogueirasfeministas.com/2014/04/que-m-sao-as-mulheres-reais-das-propagandas-de-beleza/ | Bia Cardoso |
| 3 | 14/8 | Padrões de beleza que adoecem. | http://blogueirasfeministas.com/2014/08/padrões-de-beleza-que-adoecem/ | Patricia Sebastiany Pinheiro |
| 4 | 5/9 | Vai mesmo, Gordinha! | http://blogueirasfeministas.com/2014/09/vai-mesmo-gordinha/ | Patricia Sebastiany Pinheiro |
| 5 | 6/10 | O lado positivo da feiura | http://blogueirasfeministas.com/2014/10/olado-positivo-da-feiura/ | Jessica Valenti |

4.2 QUEM SÃO AS BLOGUEIRAS FEMINISTAS?

O Blogueiras Feministas possui um *link* denominado “Quem Somos” que apresenta a proposta e suas autoras. Há, ainda, um espaço ao final de cada *post* para que cada autora se apresente e inclua uma foto. A primeira definição que encontramos ao acessar esse *link* deixa clara a preocupação com a pluralidade e a representatividade das mulheres autoras: “Somos de várias partes do país, com diferentes experiências de vida. Somos feministas”. Apesar dessa preocupação, o editorial do *blog* reconhece a impossibilidade de atingir esse ideal, afirmando que “[...] na maioria dos textos damos voz a mulher branca, heterossexual, cissexual, de classe média”, assumindo assim uma perspectiva parcial e localizada nos seus discursos.

Esse perfil inclui, ainda, de acordo com a cientista social Carolina Ferreira (2015), a experiência das autoras com outros *blogs*, muitas vezes, tendo também os seus próprios, além do nível de escolaridade superior completo ou em andamento.

Avanço (2013, p. 95) também comenta o perfil das autoras participantes:

Como faço parte do grupo, conheço muitas blogueiras, algumas até pessoalmente. Não me lembro de nenhuma pessoa que, ao se apresentar, tenha dito não ter curso superior, a não ser as adolescentes que ainda cursam ensino médio. A área de saber das participantes aparece com frequência seja como embasamento a alguma opinião, seja em pedidos de ajuda ou sugestões para a realização de trabalhos e pesquisas. Os hábitos de consumo comentados e discutidos também podem ajudar na caracterização do grupo como sendo de classe média. Algumas autoras já

falaram sobre a falta de diversidade no feminismo como um todo, mas também na nossa lista e no blog.

Essa questão da busca de representatividade das diferentes mulheres dentro do Movimento Feminista tem sido bastante discutida nos últimos anos (Gonçalves & Pinto, 2011, Fortes, 2013, entre outros). A crescente reivindicação de espaço e visibilidade de diferentes grupos, como o de mulheres negras, mulheres latino-americanas, mulheres Índias, lésbicas, bissexuais, transsexuais, indica um movimento feminista que tenta a cada dia alcançar um lugar mais plural e multifacetado, mas que, de acordo com as autoras feministas Eliane Gonçalves e Joana Plaza Pinto (2011), não perde a sua unidade:

“As redes e fóruns que emergem no Brasil, sobretudo a partir dos anos 2000, vinculadas explicitamente a um marcador de identidade política – raça, geração, sexualidade e classe – ou pretendendo realizar na prática a articulação desses marcadores, ao mesmo tempo em que parecem confirmar certa desilusão com a fictícia identidade ou irmandade que ligava as mulheres por uma mesma opressão, plasmada no ideário feminista dos anos 1970, não a rejeitam”. (p.25).

Isto pode sugerir que um princípio amplo de “igualdade na diferença” tende a dar sustentação às lutas práticas em favor das mulheres. No caso específico das autoras dos textos selecionados, apesar de o *site* não disponibilizar muitas informações, as matérias postadas demonstram indícios de seus perfis sociais e pontos de convergência que as unem, tornando-as parte de um mesmo grupo, mesmo que muitas vezes elas não se encontrem fora do ambiente virtual.

Apesar das blogueiras do *site* não se afirmarem como parte do grupo das Jovens Feministas, seus temas, modos de discussão e plataformas utilizadas para essas discussões as aproximam desse grupo, que, conforme afirmam Gonçalves e Pinto (2011), não se refere especificamente a uma idade cronológica, mas às características e demandas de uma geração.

Deste modo, as autoras afirmam, ao discorrer sobre a transmissão de ideais feministas entre gerações no Brasil, que as principais pautas de luta das últimas décadas permanecem, como autonomia do corpo, reprodutiva e sexual, por exemplo, mas as jovens feministas lutam por espaço e reconhecimento dentro do próprio movimento, para, inclusive, poderem incluir novos tópicos que possam surgir das novas configurações do mundo atual.

A internet, sobretudo os *blogs*, parecem estar sendo utilizados como um importante espaço para que jovens feministas divulguem suas ideias, discutam e se organizem, a fim de buscar o desejado reconhecimento dentro da ação. A grande quantidade de autorxs cadastradxs, convidadxs, participantes e textos traduzidos no Blogueiras Feministas, assim como o grande volume de publicações e visualizações, indicam uma certa “sede” pelos espaços de discussão.

Chama a atenção também a variedade de possibilidades de participação no *blog*, a abertura para a publicação de matérias de autorxs não cadastradxs e a possibilidade de divulgação de traduções, na tentativa de trazer diferentes vozes e olhares para a discussão na página. Entretanto, as autoras das matérias analisadas possuem mais semelhanças do que diferenças em seus perfis, no conteúdo e na forma como se apresentam, como se pode perceber nos trechos descritos a seguir.

Os cinco *posts* mais discutidos do ano de 2014 sobre padrões sociais e ocidentais de beleza para os corpos das mulheres, selecionados para esta análise, são de quatro diferentes autoras, sendo apenas uma delas cadastrada como participante do *blog*, a administradora da página Bia Cardoso. Dois textos são traduções de duas feministas americanas, não escritos especificamente para o *blog*, mas traduzidos e republicados por escritoras cadastradas, Jenny Trout e Jessica Valenti, e uma autora convidada, Patrícia Sebastiany Pinheiro, que assina dois dos cinco *posts*.

Bia Cardoso é a única autora cadastrada no site, dentre as autoras dos textos analisados aqui, sendo a única que apresenta imagem de identificação.



Figura 2. Imagem de uma das ativistas cadastradas no blog.

Bia Cardoso escreve também para mais dois *blogs*, *Blogueiras Negras*, que também é um *blog* feminista e coletivo, mas voltado para temas relacionados à raça negra; e o *Srta. Bia*, um *blog* pessoal com assuntos mais gerais. Jenny Trout é apresentada como escritora e blogueira, além de ser autora de romances nos Estados Unidos e tem também o seu próprio *blog*. E Jessica Valenti é uma autora feminista americana, apresentada no *site* com a seguinte descrição: “Jessica Valenti é feminista e luta por justiça social com senso de humor”. A última blogueira, Patrícia Sebastiany Pinheiro, é uma autora convidada com

publicações frequentes no *blog*. Ela escreve ainda para Brasil Post, Benfazeja, Psiconline Brasil e Puta Letra.

A apresentação delas como mulheres feministas é o principal ponto em comum entre as autoras. Ao optarem por assumir publicamente a identidade feminista, ressaltam um lugar de fala que reconhece a importância de um posicionamento político, lembrando uma importante máxima do feminismo: “o pessoal é político” ou ainda “falar de feminismo é falar do sujeito político”.

A pertença a um grupo de discussão de assuntos feministas por si só já diz desse perfil. Pessoas que não estão em contato com discursos feministas dificilmente irão buscar páginas virtuais voltadas a esses discursos, como é o caso do *blog*, e muito menos escrever a respeito dos feminismos e participar das discussões. A habilidade e o gosto pela escrita também são um ponto compartilhado por elas, assim como o conhecimento fluente em inglês, evidenciado pelas traduções publicadas.

Outra importante característica é a familiaridade com o ambiente virtual e, principalmente, com os discursos dos *blogs*. As blogueiras circulam e participam como autoras em outros *blogs* e *sites*, tanto coletivos quanto individuais, muitos deles também sobre feminismos, e utilizam o recurso da intertextualidade ao circularem por múltiplos espaços midiáticos, sobretudo na internet.

Os posicionamentos das autoras sobre maquiagem, gordura corporal, propagandas de produtos de beleza, discursos sobre atrizes de filmes internacionais indicam o acesso e acompanhamento de publicações, filmes e publicidade de mídia internacional, produtos de maquiagem e cosmética, que não estão acessíveis a todas as mulheres do Brasil. Muitas, por exemplo, não têm contato com discursos de atrizes internacionais, ou campanhas publicitárias, nem

podem optar por utilizar ou não maquiagem, já que nem sempre têm acesso a tais produtos de beleza. Outras podem ter tido acesso, mas não tinham recursos discursivos e analíticos suficientes para questioná-los ou incorporá-los aos seus repertórios.

Tais posicionamentos sugerem, ainda, a pertença a um grupo que valoriza um padrão de beleza mais próximo do europeu, de mulheres magras, brancas, conforme indicado por Sant'anna (2014) e explicitado no Capítulo 2. Dessa forma, podemos afirmar que essas autoras possuem também em comum a pertença a um grupo socioeconômico de classe média ou alta que tem acesso e possibilidades de refletir e opinar sobre as questões propostas, e que considera os debates sobre seus corpos importantes o suficiente para isso.

É importante lembrar, entretanto, que o perfil das pessoas identificadas como pertencentes à classe média no Brasil vem mudando nos últimos anos, assim como tem sido ampliado o acesso às Universidades e também à internet, como ressalta Ferreira (2015), ao falar sobre o perfil das blogueiras:

O olhar para o material de blogueiras feministas permite perceber que tanto quem o tem produzido atualmente como quem o lê são mulheres jovens, muitas em suas primeiras aproximações com o campo feminista e em meio a trajetórias universitárias, as quais, nos últimos anos no país, têm sido reconfiguradas em termos de classe, idade e região por meio de políticas sociais ligadas à educação (p. 223).

O Blogueiras Feministas ocupa, então, juntamente aos outros *blogs* e redes sociais, um espaço de divulgação e popularização dos discursos feministas para jovens de todo o país, apresentando a essas pessoas que até pouco tempo

atrás não tinham acesso a nenhum veículo alternativo de informações e discussões, outros discursos, outros focos e versões sobre os mais diversos temas, em contraponto com tantos discursos de misoginia, preconceito e intolerância que também circulam pela rede. Especificamente sobre corpo e beleza feminina, os *posts* e comentários analisados trazem múltiplos repertórios e sentidos, assim como informações sobre suas autoras, como se busca compreender nos próximos tópicos.

4.3 REPERTÓRIOS E SENTIDOS SOBRE CORPO E BELEZA

Os *posts* selecionados trazem discussões sobre a relação entre os corpos das mulheres e os sentidos sobre a beleza, além de dizerem muito sobre as diferentes relações das autoras com os padrões sociais de beleza vigentes. Buscando melhor visualizar esses discursos, o primeiro passo foi buscar, nos textos, repertórios sobre o corpo e a beleza.

O repertório, conforme mencionado no Capítulo 1, e de acordo com Spink (2008), compreende os termos utilizados para se referir a algo, e pode dizer muito sobre os sentidos produzidos e os posicionamentos assumidos, além de trazer informações a respeito do grupo social de pertença das autorxs. Pessoas de grupos diferentes, em períodos de tempo distintos, geralmente utilizam enunciados com características próprias.

Uma mesma pessoa, ao interagir em diferentes grupos sociais, também utiliza vocabulários, estilos e gêneros discursivos diversos. Assim, a escrita de um *blog* permite a utilização de um estilo mais casual e pessoal, diferente, por exemplo, do utilizado em um artigo científico, uma dissertação e também de uma

conversa face a face. O gênero discursivo ou *speech genres*, que, de acordo com Bakhtin (1994), são as formas mais ou menos estáveis de discurso adaptadas ao contexto, são também distintos de outras formas de interação e características dos *blogs*, assim como os enunciados.

Para esta análise, os repertórios utilizados pelas autoras para se referirem ao corpo da mulher e à beleza foram selecionados e incluídos na Tabela 3. Com o objetivo de buscar indícios de influência do discurso biomédico nos argumentos, foram incluídos também como categoria os “termos biomédicos”.

Tabela 3. Repertórios e vocabulários.

| Autor | Título | Repertórios corpo | Repertórios beleza | Termos biomédicos |
|------------------------------|---|--|--|---|
| Jenny Trout | Jennifer Lawrence faz com que você sintam-se envergonhada por seu corpo mais do que você imagina. | “rechonchuda”, “obesa”, “gorda”, “magro”, “desnutrido”, “esbelta”, “forte”, “em forma”, “curvilínea” | “Aceitável”, “doente”, “atraente” | “Anorexia”, “desnutrido”, “gordura corporal”, “epidemia”, “obesidade” |
| Patrícia Sebastiany Pinheiro | Padrões de beleza que adoecem. | “Magra”, “magreza”, “magrinha”, “cheinha”, “caveira”, “baleia”, “a ponto de sumir” | “Copo ideal”, “beleza”, “feia” | “Síndrome do pânico”, “medo patológico de emagrecer” |
| Jessica Valenti | O lado positivo da feiura. | Não há | “Imperfeição”, “linda”, “bonita”, “estranha”, “bela”, “pouco atraente” | “Deformidade”, “cirurgia corretiva”, “plástica”, “remodelação” |
| Bia Cardoso | Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza? | “Magra”, “gorda” | “Beleza”, “radiante”, “poderosa”, “determinada”, “mulher real” | |
| Patrícia Sebastiany Pinheiro | Vai mesmo, gordinha! | “Gordinha” | “Linda”, “livre”, “poderosa”, “bonito”, “feio”. | “Hábitos saudáveis” |

As palavras mais utilizadas para se referir aos corpos das mulheres nos *posts* são alusivas ao peso corporal. Assim, temos “gorda”, “gordinha”, “cheinha”, “obesa”, “rechonchuda”, “baleia”, “magra”, “magrinha”, “caveira”. Tal prevalência indica que o peso corporal é assunto importante para as autoras, e o fato desses

textos serem os mais comentados sobre o tema corpo e beleza feminina também indica que seja importante para frequentadoxs e leitorxs do *blog*.

Conforme explorado no Capítulo 2, o controle social do peso das mulheres acontece há muito tempo, desde a Idade Média, quando a gula passou a ser vista como pecado e a gordura corporal, como uma prova material da gula, passou a ser vigiada e evitada. Os sentidos sobre o corpo da mulher e a beleza feminina mudaram desde então, mas ainda hoje o peso corporal é vigiado de perto e a gordura permanece relacionada ao pecado, não mais religioso, mas agora como uma espécie de pecado social, travestido de cuidado.

Sant'anna (2014) compara os sentidos atribuídos ao regime alimentar na década de 1950 aos dias de hoje e afirma que, na época, a dieta tinha como propósito salvar a alma, fugindo do pecado da gula, enquanto hoje, com o corpo tomando da alma o lugar central nas vidas das pessoas, o regime busca salvar esse corpo das mazelas associadas à gordura corporal.

Foucault (2004) também trata dessa gradual transferência de atenção e poder da alma para o corpo, ressaltando a participação dos discursos provenientes da medicina nesse processo de virada de foco do controle social. O autor atribui papel importante também aos discursos sobre a moral, vinculados à medicina, produzindo sentidos sobre a necessidade de se cuidar do corpo.

Assim, o papel antes ocupado pelos discursos religiosos do cuidado de si agora tem sido utilizado pelo discurso da medicina. A gula pode não levar ao inferno após a morte, mas pode ocasionar morte, enfermidades ou mal-estar que precisam ser evitados, como se o inferno pudesse ser aqui para quem não se encaixa nos padrões de saúde.

O *post* “Jennifer Laurence faz com que você sinta-se envergonhada pelo seu corpo mais do que você imagina”, de Jenny Trout, explora essa faceta da gordura como um fardo, ligado a doenças e ao sofrimento, um sofrimento que só pode ser compreendido por quem o vive, de acordo com a autora. Esse é o texto que mais traz vocábulos que remetem à gordura (“rechonchuda”, “obesa”, “gorda”) e a termos biomédicos ligados ao peso (“obesidade”, “epidemia”, “anorexia”). Lembrando que se trata de um texto escrito por uma autora que vive nos Estados Unidos, país famoso pelos altos índices de obesidade e de doenças que podem estar relacionadas aos maus hábitos alimentares e que tem feito circular, nos últimos anos, discursos midiáticos e campanhas com ênfase nos discursos biomédicos para tentar reverter esse quadro.

Os textos da autora Patrícia Sebastiany Pinheiro, “Padrões de beleza que adoecem” e “Vai mesmo, gordinha!”, também trazem o peso corporal como questão central, mas com diferentes enfoques. O texto “Padrões de beleza que adoecem” trata do controle social sobre um corpo magro demais para os padrões de beleza e os desdobramentos disso nas relações sociais, utilizando termos como “magreza”, “magrinha”, “cheinha”, relacionando-os com termos médicos como “medo patológico” e “síndrome do pânico”. Já o texto “Vai mesmo, gordinha!” faz uma crítica ao discurso de ridicularização das mulheres gordas, buscando incentivar a resistência aos padrões de beleza e à exclusão social provocada e, para isso, utiliza-se de repertórios voltados à valorização da mulher gorda como “poderosa”, “livre”, “linda”.

A evidente preocupação com o peso corporal vem ao encontro das afirmações de Bordo (1997), Miskolci (2006) e Sant’anna (2014) sobre o medo de não se encaixar nos padrões sociais e, também, evidencia o quanto o controle

social está presente nos corpos das mulheres e nas disputas de poder sobre o corpo.

Foucault (2004), ao discorrer sobre tais disputas de poder e de dominação, esclarece que, cada vez mais, trata-se de uma dominação sem rosto, sem algoz, difusa nos discursos e relações sociais, mas a quem interessa garantir corpos que sejam úteis, prontos para o trabalho, mas também submissos às normas sociais. Para tanto, tais corpos precisam estar saudáveis, necessitam de agilidade e força, além de estarem assujeitados e serem dóceis.

Tais estratégias de dominação estão relacionadas, no mundo atual, à globalização, ao Capitalismo e aos governos e instituições que detêm poderes e se apoiam nos discursos de dominação para manter o *status quo* e gerar cada vez mais lucro, mais poder, mais assujeitamento.

A mídia, como uma instituição de grande poder, conforme afirmam Gautler (2008), Thompson (2011) e Veloso (2014), ocupa um lugar de destaque nessa divulgação e, portanto, na manutenção dos padrões e do controle social exercido sobre os corpos das mulheres, conforme explorado anteriormente. E a mídia digital, com sua capilaridade, sua onipresença, graças aos avanços tecnológicos, tem exercido esse poder de maneira cada vez mais intensa.

Ao analisar discursos de mulheres sobre seus corpos, sejam eles gordos ou magros, dentro ou fora dos padrões de beleza vigentes, a tendência é encontrar elementos que demonstram uma eterna insatisfação, e, mais do que isso, explicações diversas do porquê de serem como são, justificando a todo momento os três ou vinte quilos a mais ou a menos. Verificamos, deste modo, como a dominação e as disputas de poder social estão sempre presentes nos discursos e nas relações sociais.

O texto de Bia Cardoso, “Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza”, ao analisar os discursos sobre as mulheres reais das propagandas de produtos de beleza, busca valorizar as características do que chama de mulheres reais, utilizando termos como “poderosa”, “radiante” e “determinada”. Dessa forma, a autora discute sobre os padrões inatingíveis de beleza divulgados pela mídia e a possibilidade de aceitação dos corpos das mulheres como são, resistindo, assim, à possibilidade de assujeitamento.

Já o texto traduzido de Jessica Valenti, “O lado positivo da feiura”, propõe um debate sobre a necessidade de transgressão das mulheres em relação aos padrões sociais ocidentais de beleza, utilizando termos como “imperfeição”, “estranha”, “feia”, “deformidade”. O texto traz, ainda, mensagens de transgressão, questionando a necessidade da mulher ser bela, de se submeter ao julgamento e às exigências sociais, e de se tornar dócil.

Todos os textos, portanto, cada um à sua maneira, trazem indícios de relações e disputas de poder sobre os corpos das mulheres. Seja o poder exercido pelas instituições, ou o poder inerente às interações sociais e discursivas, ele transpassa e direciona as relações sociais de maneira importante. O conjunto dos textos também apresenta uma produção de diferentes sentidos sobre o corpo da mulher, às vezes, como um fardo, como algo a ser trabalhado e aperfeiçoado, ou a ser protegido da pressão social, uma ferramenta de inclusão ou exclusão social, de assimilação, protesto, transgressão.

A polissemia está, também, presente e é questão de debate dentro do feminismo. Se por um lado as feministas defendem a liberdade e a representatividade dentro do Movimento, buscando incluir diferentes discursos e

sentidos, por outro há sempre uma negociação e uma disputa de sentidos para saber quais seriam os mais legítimos, os mais importantes no momento.

De acordo com a psicóloga Karla Galvão Adrião (2008), o cerne das controvérsias dentro do feminismo está na identificação do sujeito político do feminismo. Há quem defenda que há um único sujeito, a mulher, que, apesar das diferenças, possui questões universais, enquanto outros grupos feministas acreditam que se deva falar em mulheres, tão diversas em necessidades, raças, nacionalidades, culturas, sexualidades, idades, que não há como estabelecer temas únicos que possam incluir todas na mesma luta. A partir dessa controvérsia fundamental, as interações, os sentidos produzidos, os posicionamentos assumidos e as lutas se tornam distintos e as disputas, constantes e inevitáveis.

A antropóloga feminista Cecília Maria Bacellar Sardenberg (2002) define o pensamento feminista como “[...] uma arena de tensões onde se embatem posicionamentos plurais e polêmicos, quando não conflitantes” (p. 11), mas defende que tal diversidade enriquece os discursos críticos, assim como os textos analisados aqui.

A diversidade está presente nos marcadores sociais envolvidos nos discursos, ao abordarem, ao mesmo tempo, dificuldades enfrentadas por mulheres gordas, magras, feias demais para se encaixarem nos padrões, evidenciando a interseccionalidade de características que, por si só, já tenderiam a provocar dificuldades nas relações sociais, mas que, relacionadas, potencializam, multiplicam e tornam mais complexas tais dificuldades que, de acordo com a socióloga Avtar Brah (2006), localizam tais discursos dentro de relações específicas de poder.

Assim, é preciso compreender, nas narrativas analisadas, que não se trata apenas de uma questão de peso corporal, de beleza, mas de uma gama de marcadores sociais que, juntos, geram relações específicas de poder e diferentes sentidos. Ao escreverem e publicarem suas experiências e sentidos sobre o corpo e a beleza feminina, as autoras buscam encontrar pares entre xs leitorxs, além de influenciar, provocar, ressignificar relações de poder. Assim, faz-se importante lançar um olhar sobre os comentários gerados por esses discursos que trazem indícios dos sentidos produzidos na interação texto-leitxr.

4.4 O PAPEL DOS COMENTÁRIOS

Ao assumir uma postura condizente com o Construcionismo Social na análise dos discursos, torna-se necessário estar atento ao que o campo de pesquisa traz de informação, e não apenas àquilo que se espera encontrar. Desse modo, buscamos não a descoberta de alguma verdade universal, mas a compreensão de vivências únicas, materializadas nos discursos, que são também parciais e fluidos.

Ao incluir os comentários dos textos na análise, esperávamos encontrar interações e discussões que remetessem a novos sentidos e evidenciar a construção de novos conhecimentos. Entretanto, a dinâmica dos comentários não contemplou a expectativa de interação imaginada. O espaço de comentários serve, sobretudo, como suporte para os inúmeros relatos, uma forma de narrar experiências pessoais que se relacionam com o tema do texto. Cada comentarista participa uma única vez, e a autora, geralmente, não responde os

comentários. Logo, os comentários parecem continuações do texto principal, ratificando o tema como pertencente também aos leitorxs.

Nas palavras de Spink (2010), “Para o Construcionismo, entretanto, a verdade é a verdade de nossas concepções, de nossas instituições, de nossas relações, de nossos acordos sociais” (p. 13). Isso não quer dizer que não haja produção de sentidos nas interações, como a existente entre autoras, leitorxs, comentadorxs, mas que não se dá da maneira como se espera encontrar. Ainda de acordo com Spink (2010):

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (p. 34).

Dessa forma, ao postar um comentário, os participantes não apenas contam suas experiências, mas o efeito de sentido produzido nas interações com o texto. Para Spink (2010), “Na perspectiva da linguagem em uso, o sentido é sempre interativo: os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato ou são endereçados a uma outra pessoa e esses endereçamentos se interanimam mutuamente, mesmo quando os diálogos são internos” (p. 35).

Sendo assim, mesmo que não haja a interação textual esperada, existe interação e produções de sentido diversas, como no texto “Jennifer Lawrence faz com que você sintasse envergonhada por seu corpo mais do que você imagina”, de Jenny Trout, quando a leitora Stella faz a seguinte reflexão:

Olá, sou uma menina magra. Tenho 1,60 de altura e peso 52. Sei que sou magra e não faço esforço nenhum, assim como a Jennifer. Minha genética (ou sei lá o que) faz do meu corpo o que ele é hoje. Enfim, digo isso porque eu nunca tinha lido um texto que me fizesse pensar sobre o assunto como agora. A verdade é que eu sofri e sofro para me encaixar em padrões de beleza, mesmo com meu corpo, já fiz dietas, já tentei ficar bombadinha na academia e todas aquelas besteiras. Mas verdade seja dita, eu não tenho ideia do que é ser gorda de verdade. Não sei o que como uma pessoa como Melissa McCarthy sente-se sobre o próprio corpo, nem as pressões sociais. Sinto que esse assunto é muito parecido com a questão do estupro, quando tratada por homens. Eles simplesmente não sentem como nós, não passam pelas mesmas experiências e não os mesmos medos. Seja a ser ridículo e ofende comentários como os da Jennifer sobre peso, ela simplesmente não sabe do que está falando.

Da mesma forma, o texto “O lado positivo da feiura”, de Jessica Valenti, provoca a seguinte reflexão na Fernanda Lisboa:

Texto perfeito, resume tudo o que eu sempre pensei. Na verdade, foi a primeira vez que ouço/leio/vejo alguém falando que autoestima e bem estar não nos fazem seguir em frente da melhor maneira possível. É claro que é muito mais fácil fazer as pessoas se transformarem e não incomodarem do que mudar todo o sistema. Parabéns.

Já o texto de Bia Cardoso “Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza?” traz o seguinte comentário de Camilla Santos:

Há muito tempo eu venho percebendo a apelação da mídia sobre padrões de beleza. Atualmente ser magra, nem tá tando na moda, o que interessa é ser "gostosa", rs. Mas eu vejo como muita gente reclama e ao mesmo tempo alimenta todo esse ciclo. Isso acontece enquanto atinge a si própria. Exemplo? Aquela mulher que vive reclamando da mídia, quando ela não se vê igual às modelos das campanhas; mas quando vê uma gordinha, é a primeira a comentar, a primeira a rir, a primeira a "pré-conceituar". Acredito que os produtos de beleza nos ajudam sim a ficar mais confiantes e nos sentirmos mais bonitas; mas não alienadas. Não a ponto de achar que uma máscara de cílios, uma maquiagem vai resgatar a nossa autoestima. As propagandas são muitas vezes apelativas e discriminatórias, mas podemos usar os produtos que elas vendem sem fazer o mesmo. As pessoas podem usar branco quando quiserem. Mas o branco realmente engorda.

As produções de sentido provocadas pelas interações com os textos são frequentes, mesmo que isso não seja explicitado nos comentários, já que a grande maioria dxs leitorxs não comenta no *site*. Deste modo, notamos que os objetivos propostos – de promover desconstruções de paradigmas e construções de novos sentidos sobre as mulheres, influenciando, a partir do direcionamento dos discursos, as maneiras como as leitoras do *blog* se posicionam –, diante de questões relacionadas aos seus corpos e aos padrões sociais de beleza na sociedade, estão sendo cumpridos.

Os discursos seguem diferentes posicionamentos em relação aos padrões sociais de beleza. Em alguns momentos apresentam argumentos que denotam

tentativas de adequar os corpos a padrões, sobretudo como forma de serem aceitas e valorizadas em seus grupos sociais.

Em outros momentos, defendem a necessidade de resistência à imposição de padrões como único caminho para a aceitação social, reforçando a beleza de ser diferente, ou a coexistência de diferentes belezas, em consonância com os discursos feministas que tratam da afirmação da diferença como algo positivo e importante.

Ademais, compreendem tentativas de transgressão desses padrões de beleza, questionando a eterna necessidade de ser e de se sentir bela, aceita, admirada, de devotar seus esforços e seus corpos ao outro e não à própria felicidade.

4.5 ENTRE SUBORDINAR-SE, RESISTIR E TRANSGREDIR

O Blogueiras Feministas tem como um de seus principais objetivos fornecer, por meio dos seus textos, instrumentos para uma mudança cultural que possibilite uma convivência mais justa e igualitária entre homens e mulheres, como afirmam as autoras do *blog*: “[...] nosso objetivo é desconstruir e romper relações de poder”.

Avanço (2013) também ressalta a estratégia das blogueiras de utilizar os *posts* para provocar reflexão, resistência e mudanças através de ressignificações:

As BF não estão preocupadas só com a discussão dos efeitos dos discursos, elas também apresentam estratégias de resistência e mudança, passando primeiramente por uma reflexão sobre a linguagem, para se pensar na necessidade de se despertar a consciência para as incoerências

de nossos discursos e de se multiplicar os discursos e as vozes até se pensar no uso de uma linguagem inclusiva e as possibilidades de resignificação (p. 109).

Os questionamentos relacionados à imposição de padrões e aos mecanismos de controle social estão em todos os textos selecionados, assim como os depoimentos que trazem desdobramentos dessas disputas de poder sobre os corpos das mulheres para as relações sociais, como retrata Patrícia Sebastiany Pinheiro:

Eu não me sentia feia, até que começaram a dizer que eu seria muito mais bonita se ganhasse uns quilinhos. Eu não me sentia menos gente, até alguém dizer que “eu era legal, mas muito magrinha”. Eu me sentia inteira antes de me dizerem que eu estava a ponto de sumir. A preocupação com o corpo, a associação que fiz entre o corpo ideal e a felicidade, me tirou grande parte da tranquilidade de viver, da espontaneidade, da segurança.

Conforme os dizeres de Jessica Valenti:

Se o nosso objetivo final para as meninas é simplesmente que elas se sintam “confiantes” — especialmente em relação à sua aparência — então, criamos uma armadilha em que qualquer coisa que faça uma garota se sentir melhor com sua aparência, não importa o quão prejudicial, é uma solução razoável. (Quantas vezes uma cirurgia plástica foi precedida por uma explicação do tipo: “Eu estou fazendo isso por mim!”?) Jessica Valenti

Os comentários seguem o mesmo padrão sobre “padrões de beleza que adoecem:

Evito me olhar no espelho, muitas vezes deixo de ir a compromissos pq (sic.) nenhuma roupa cai bem, tenho andado curvada na esperança de ficar invisível e me isolado em casa cada vez mais pra não ouvir nenhum tipo de comentário e nem o conselho da moda, que é te mandar fazer academia pra ganhar massa. Eu não quero gastar meu tempo dentro de uma academia e nem gastar dinheiro pra isso só pq (sic.) toda mulher TEM que ter a coxa grossa e bunda grande. Também não quero deixar de usar tal roupa pq (sic.) irão julgar meu corpo, me chamando de doente ou fazendo piadinhas de que to em estado terminal. Tenho tentado trabalhar minha autoestima e em breve irei fazer tratamento psicológico mais uma vez. Espero que um dia possamos apenas sermos nós mesmas, mulheres magras ou gordas, sem rótulos. Que haja respeito à diversidade.

E ainda sobre “Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza?”: Foram mulheres que riram da minha aparência física na escola. Todos os dias. Dos 12 aos 17 anos. Riram da minha ginecomastia. Riram do meu suor corporal. Riram dos meus trejeitos. Fizeram me sentir vergonha e raiva de mim. Levaram-me à uma perspectiva autodestrutiva que quase me levou ao suicídio. 10 anos se passaram e ainda hoje, no metro ou no trabalho, quando escuto mulheres rindo, lembro-me da escola e daquela sensação humilhante. Aprendi desde muito cedo como é hipócrita e falacioso este discursinho de que as mulheres são as grandes vítimas da sociedade pautada pelos padrões de beleza. Como se as academias de

musculação não estivessem cheias. Como se não houvesse garotos injetando anabolizantes e chegando a óbito. Eu não esqueço e não perdo.

Os depoimentos pessoais são a principal estratégia utilizada, tanto nos *posts* quanto nos comentários, evidenciando uma importante característica da pós-modernidade apontada por Guiddens (1991), Beck, Guiddens e Lash (1995) e Hall (2006), e discutida no Capítulo 3: a questão do projeto reflexivo, a tendência ao individualismo, à valorização da própria experiência como forma de buscar alguma segurança e estabilidade em um cenário de tantas mudanças sociais e de um poder social tão difuso.

Beck, Guiddens e Lash (1995) ressaltam que o individualismo não é uma escolha, mas talvez o único caminho que nos sobrou. E esse caminho traz também novas questões sobre os limites entre público, ou político, e privado, ou pessoal. Como bem indicado pela filósofa política Susan Moller Okin (1998), os limites entre público e privado tendem a ser bastante diferentes para homens e mulheres, além de mais confusos e difusos do que se pode imaginar em uma análise superficial.

Ainda de acordo com a autora, as feministas vêm, ao longo do tempo, buscando demonstrar que, ao reservar às mulheres atribuições resguardadas por limites do ambiente privado, perdem oportunidades de discutir temas importantes a toda a sociedade, como a violência doméstica, as relações de poder dentro da família, a divisão do trabalho doméstico etc.

Muitas feministas do *blog* fazem uso de experiências pessoais como argumentos para seus textos, tornando-as públicas, e utilizam a face política

dessas vivências como forma de ilustrar. Tal estratégia, de politização do privado, é bastante utilizada pelo feminismo.

A análise dessas práticas discursivas utilizada aqui, ao olhar para as produções de sentido do cotidiano, definidas por Spink (2010) como “[...] as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, posicionam-se e produzem sentidos nas relações cotidianas” (p. 23), possibilita lançar luz sobre esses movimentos de transgressão dos limites entre público e privado e seus desdobramentos.

Tais narrativas são seguidas, muitas vezes, de trechos direcionados aos leitorxs, normalmente falando da necessidade de se resistir ao controle social dos corpos. As estratégias deixam clara a intenção política das autoras de escrever para x outrx, para ser lido e com o objetivo de transmitir mensagens, e não apenas de contar histórias ou, de alguma forma, utilizar o espaço como um diário pessoal. Assim, os relatos trazem diferentes formas de se relacionar, de questionar e de reagir a tais controles sociais.

Nos posts selecionados, notamos a prevalência de três maneiras de se posicionar diante dos padrões sociais e ocidentais de beleza, compreendendo posicionamentos fluidos, como atesta Spink (2010), que tendem a se alternar ao longo de uma interação discursiva das seguintes maneiras:

1. Buscando se adequar aos padrões sociais, através de regimes alimentares, tratamentos estéticos, cirurgias plásticas, ou ainda apresentando justificativas para a impossibilidade de se enquadrar.

Para Jenny Trout:

Quando Jennifer Lawrence diz que é: “idiotice” passar fome para fazer

outras pessoas felizes; ela diz isso com a leveza de quem provavelmente jamais vai precisar fazer essa escolha para ser aceita ou adaptar-se a um padrão. Sim, vão pedir a ela que faça dieta para interpretar uma personagem. Sim, ela está exposta a mesma pressão para adequar-se a uma expectativa cultural como todo mundo. Mas, uma mulher que tem a aparência de Jennifer Lawrence não tem que comprar roupa pela internet porque as lojas físicas não têm o tamanho dela. Uma mulher que tem a aparência de Jennifer Lawrence provavelmente não vai ter que lidar com a intervenção de um estranho numa Pizza Hut por que ele está preocupado com sua “saúde”. Se uma mulher que tem a aparência de Jennifer Lawrence vai ao médico se queixar de uma doença vão lhe oferecer exames diagnósticos e não uma dieta alimentar. Jennifer Lawrence pode dizer que é “idiotice” fazer dieta, mas ela não tem que lidar com preconceitos ou doenças relacionadas com seu peso. Jennifer Lawrence, provavelmente, não vai ter que passar fome para emagrecer ou ter que fazer uma cirurgia para reparar a bacia ou a rótula aos 35 anos.

Já Patrícia para Sebastiany Pinheiro:

O seguinte pensamento passou a martelar 24h por dia na minha cabeça: “Para ser bonita e aceita, preciso engordar”. Assim, passei a fazer milhares de tratamentos, a comer coisas que não tinha vontade mesmo quando estava sem fome, e a frequentar academias (coisa que detesto fazer).

Tais tentativas de se encaixar, de alguma forma, nos padrões sociais de beleza tendem a tornar as mulheres mais vulneráveis às constantes mudanças de

padrões, em uma busca incessante por novas tecnologias, mecanismos e apetrechos de modificação corporal. Assim, apesar de, à primeira vista, este parecer ser um caminho mais fácil para as mulheres, ceder aos mecanismos de dominação, manter seus corpos sempre prontos e, ao mesmo tempo, submissos, tornando-os dóceis, como analisa Foucault (2004), pode ser uma tarefa árdua.

Poderia haver, entretanto, resistência na subordinação? No entanto, notamos que os limites entre a divisão didática escolhida aqui para ilustrar os movimentos desses discursos não são tão fixos. Em um mesmo texto, a autora transita entre posições de resistência, transgressão e subordinação, mostrando a contradição dos discursos.

Nas palavras de Avanço (2013), "Nós (BF) também somos cheias de incoerências. Às vezes desconstruímos discursos essencializantes, às vezes repetimos discursos hegemônicos" (p. 121). Tal contradição pode ser compreendida, conforme as interações do tempo vivido das autoras com todos os conhecimentos construídos ao longo de suas vidas, e nas vozes que se materializam nos seus escritos.

A imposição dos padrões não se dá apenas por meio da mídia ou dos grupos sociais, as próprias mulheres exigem, reprimem e impõem a partir de uma concepção internalizada do que é ser mulher. Desconstruir tantos discursos a todo momento pode tornar-se uma luta constante com a sociedade, com os pares mais próximos, mas também consigo mesmo e com as histórias de vida de cada um.

2. Resistindo a esses padrões de beleza através da apresentação da possibilidade de outras formas de beleza, mesmo fora dos padrões dominantes:

Patrícia Sebastiany Pinheiro: Entendo que a beleza não conhece formas, que não é medida em quilos. Ela reside, ao contrário, exatamente na tranquilidade de ser exatamente aquilo que nós mesmas quisermos ser.

Bia Cardoso: Gostaria que as marcas de cosméticos explorassem mais o prazer que há em criar diferentes belezas por meio de seus produtos. A possibilidade de ser várias mulheres em dias diferentes sem deixar de ser quem realmente somos, sem regras de como usar tal coisa ou uma lista de imperfeições que devemos esconder. Há diversão em usar produtos que tragam diferentes cores aos nossos sentidos. Há também questões culturais e sociais envolvidas no mito da beleza que é reforçado diariamente.

Conforme mencionado, a resistência é um tema importante e sempre presente nos discursos feministas. Bordo (1997) afirma, discorrendo sobre os mecanismos de controle social sobre os corpos das mulheres:

[...] vejo nossos corpos como um local de luta, onde temos de trabalhar para manter nossas práticas diárias a serviço da resistência à dominação de gênero e não a serviço da 'docilidade' e da normatização. Penso que isso exige uma atitude decididamente cética em relação às pretensas vias de liberação e prazer oferecidas por nossa cultura. Requer também a percepção das relações frequentemente contraditórias entre imagem e prática, entre retórica e realidade (Bordo, 1997, p. 37).

Resistência foi também a palavra-chave escolhida pelas blogueiras feministas para guiar seus discursos em 2015, de acordo com a coordenadora Bia

Cardoso, mostrando a força e a importância do tema em seus repertórios. As ações e textos ligados a esse assunto em 2015 no *blog* destacaram, desde escritos e protestos contra projetos de lei considerados retrocessos nas conquistas dos direitos das mulheres, passando pelo Projeto de Lei nº 5069/2013, que dificulta o registro de denúncias de casos de violência sexual e criminaliza qualquer fornecimento de informação sobre métodos abortivos, inclusive por profissionais da saúde e em casos de estupro, e o Estatuto da Família, até a resistência do Movimento Feminista como um todo, que, com a crescente visibilidade na mídia em geral, vê crescerem também os ataques e manifestações contrárias.

Algumas vezes o que começa com a resistência pode se tornar transgressão, ou seja, mais do que não aceitar imposições de maneiras como devem ou não ser os corpos das mulheres, para que sejam consideradas belas, alguns textos e comentários questionam a necessidade de ser bela, de mudar para ser aceita nos grupos sociais.

3. Transgredindo a noção de beleza, principalmente através de questionamentos sobre a necessidade de ser e de se apresentar bonita.

Conforme afirma Bia Cardoso:

Devemos dizer a verdade às meninas: “Linda” é besteira, um padrão criado para tornar mulheres em boas consumidoras, ocupadas demais chafurdando em autorrepugnância para perceber que somos cidadãs de segunda classe. Vamos entregar a confiança das mulheres aos cosméticos ou vamos começar a lutar coletivamente para que mais e mais mulheres sintam-se bem consigo mesmas e sejam mais seguras para

enfrentar a vida e seus medos?

Segundo Jessica Valenti:

Não há nada de errado em aceitar o feio. Não há problemas em se sentir inferior — nós não nos sentimos feias ou inferiores por causa de algum déficit na nossa confiança, nós nos sentimos assim porque estamos sistematicamente treinadas para acreditar nisso. Porque a sociedade depende disso. Autoestima não vai mudar isso — a mudança na cultura vai.

O conceito de transgressão é importante nos repertórios do Construcionismo Social e das teorias feministas pós-modernas que compartilham ideais que sugerem mudanças paradigmáticas no modo de se fazer ciência, com pressupostos que desafiam, sobretudo, a visão positivista, universalizante e generalizante do mundo, conforme afirma a psicóloga feminista Conceição Nogueira (2001), que aponta, ainda, como posturas transgressoras comuns o questionamento de verdades essencialistas e a noção de conhecimento como construído histórica e socialmente, sendo, portanto, sempre parcial, fluido e tendo a linguagem como foco principal.

Tais posturas de transgressão, assim como a resistência e a adequação, tendem a não ser tarefas fáceis no dia-a-dia, nem para xs construcionistas, nem para xs feministas, nem para as autoras dos textos aqui analisados. A filósofa Judith Butler (2004), ao defender que os corpos, assim como as identidades, são construções sociais discursivas, deixa clara a impossibilidade de se resistir e/ou transgredir sem que haja um grupo social de apoio. Afinal, os discursos e normas

que nos constituem enquanto sujeitos exercem um poder ao qual estamos subordinados.

Grupos como o Blogueiras Feministas, mesmo de forma virtual, com base nos discursos que reconhecem outras formas de existência social, proporcionam possibilidades de resistência e transgressão. Tais possibilidades, entretanto, trazem diversas consequências. Para Butler (2004), posicionar-se minimamente fora das normas do que é considerado normal pode desencadear reações violentas da sociedade, que buscará a todo custo retomar o equilíbrio e o controle, exercendo seu poder de coerção.

Dessa forma, podemos afirmar que os posicionamentos assumidos e as estratégias utilizadas nos textos sugerem relações conflitantes com os mecanismos sociais de controle dos corpos e com as consequências sociais dessas relações, além de mostrar o importante espaço que essas questões ocupam nas suas interações sociais e nos seus discursos.

Sant'anna (2014) oferece um panorama da importância de buscar a beleza para muitas mulheres brasileiras ao afirmar que:

Misturado ao milenar sonho de rejuvenescer, o embelezamento virou uma prova de amor por si mesmo e pela vida – não somente um dever – mas um merecido prazer; não simplesmente um truque para ser amado, mas uma técnica para se sentir adequado, limpo e decente (p. 16).

Bordo (1997), ao analisar o espaço que a busca pela beleza tem ocupado nas vidas das mulheres, mostra-se preocupada:

[...] em comparação com qualquer outro período, nós, mulheres, estamos gastando muito mais tempo com o tratamento e a disciplina de nossos

corpos, como demonstram inúmeros estudos. Numa época marcada pela reabertura do âmbito público às mulheres, a intensificação de tais regimes parece diversionista e desmobilizadora (p. 20).

Discursos feministas como esses analisados aqui, questionando a necessidade de as mulheres se submeterem a tais padrões sociais, falando de resistência e até de transgressão do belo como uma necessidade feminina, constituem uma reação importante a tantos empreendimentos de controle social discutidos ao longo desse trabalho, pois, como explica Litosselitti (2006), ao resistir e contestar discursos dominantes e pressuposições embutidas, fazemos parte do processo de mudar as percepções da experiência, bem como os papéis e as identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção pela análise dos discursos do *blog* Bloqueiras Feministas, buscando sentidos sobre corpo e beleza feminina, não se deu de forma simples e rápida. Houve antes um processo de mergulho nos pressupostos teóricos, nos discursos feministas e nos *blogs*, já que nenhum desses campos era conhecido até então.

Tal imersão no campo trouxe questões que não foram respondidas em nenhum desses ambientes, mas que poderiam ser, se fosse possível fazer com que esses discursos dialogassem entre si. Verificamos que a questão da beleza feminina não é tema central no feminismo, mas o é nas vivências de muitas mulheres e, por isso mesmo, merece ser o foco de atenção não apenas do feminismo, mas também da psicologia.

Ao analisar os textos publicados no *blog*, percebemos que a “beleza feminina”, sobretudo as constantes tentativas de imposição de um padrão de beleza, são percebidas e provocam reações que sugerem um novo momento social para as mulheres. Um momento de ruptura, de questionamento sobre as relações de poder e de ressignificações, não apenas sobre os sentidos de corpo e beleza, mas sobre os valores e papéis sociais atribuídos às mulheres. Tal percepção está em consonância com as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade como um todo, nomeada aqui de pós-moderna, assim como nos modos de viver, de se relacionar, de fazer e pensar a ciência.

Sabemos que as mudanças sociais não ocorrem de maneira rápida e pura. Sempre haverá um pouco do velho, do atual e um pouco do novo em todos os discursos e interações. Isso também acontece com os discursos analisados e as

práticas discursivas, conforme explicam Spink e Medrado (2013), de modo que a compreensão das práticas discursivas precisa levar em conta tanto as permanências como, principalmente, as rupturas históricas, pela identificação do velho no novo e vice-versa, possibilitando a explicitação da dinâmica das transformações históricas e impulsionando sua transformação constante.

Os repertórios utilizados pelas autoras para se referirem aos corpos das mulheres, em sua maioria relacionando beleza ao peso corporal e à saúde, como “magrinha”, “baleia”, “gordinha”, “corpo aceitável”, “anoréxica”, deixam claro o quanto a valorização ou não desses está ligada diretamente aos padrões sociais de beleza vigentes, que são também uma construção histórica e, como tal, trazem consigo elementos de diferentes épocas e contextos, e do discurso biomédico.

Mas também passa a conter termos e sentidos ligados aos discursos feministas, como “livre”, “poderosa”, “empoderamento”, “determinada”, “real”, que remetem a diferentes valores atribuídos às mulheres e seus corpos, valores relacionados a uma tomada de poder das mulheres sobre si mesmas.

Recente pesquisa feita e divulgada pelo *blog* “thinkolga.com”⁶ em parceria com a Agência Ideal sobre a utilização dos termos feminismo e empoderamento feminino na internet mostra que houve um importante aumento nas buscas por esses termos no buscador Google em 2015. E ainda que a produção de textos contendo a expressão “empoderamento feminino” em matérias de mídia tradicional e em blogs cresceu 137%.

É importante lembrar que discussões sobre o controle social exercido sobre os corpos das mulheres não são novidade para o Movimento Feminista,

⁶ Para saber mais a respeito confira a pesquisa na íntegra em www.thinkolga.com - <http://thinkolga.com/2015/11/27/mulheres-inspiradoras-de-2015>, retirado em 01/12/2015.

mas atingem agora um alcance jamais visto, renovando as esperanças de mudanças ainda mais significativas nas vidas das mulheres.

O *blog* *Blogueiras Feministas* ocupa um espaço importante nesse novo momento do feminismo, conseguindo levar a um número incalculável de pessoas os preceitos, temas, conceitos e discussões do Movimento Feminista. Mas permanece dando voz às mesmas mulheres que já possuem um espaço estabelecido e reconhecido: as mulheres brancas, de classe média ou alta, que são formadas ou estão cursando uma Universidade.

Esta pesquisa, ao optar por lançar luz a esses discursos, está também privilegiando essas mulheres, em detrimento de outras. Mas acreditamos que a questão da beleza feminina está presente nas relações sociais de muitas outras mulheres, talvez com diferentes sentidos e intensidade, e esperamos que outras pesquisas possam avançar nessa direção.

A pesquisa traz contribuições em diferentes níveis e sentidos, primeiramente ao abordar e relacionar temas ainda pouco explorados pela psicologia, como as relações sociais através da internet, o papel da internet e mais especificamente dos *blogs* para os movimentos sociais, a importância dos discursos como produtores de realidades e a importância dos discursos sobre os corpos das mulheres para as relações sociais e para as vidas das mulheres.

Ao ressaltar os discursos das mulheres feministas na internet sobre corpos femininos e beleza, esta pesquisa evidencia a emergência e popularização de diferentes posicionamentos feministas para o controle social exercido sobre os corpos das mulheres através dos padrões sociais de beleza, posicionamentos cientes de tal controle, questionando-o e propondo, cada uma a sua maneira, novas formas de existir nesse mundo.

A pesquisa também evidenciou muitas aproximações entre os discursos feministas atuais e os discursos do *blog*, semelhanças estas explicadas pelos perfis das autoras, mulheres feministas atuantes não apenas no *blog* pesquisado, mas em diversos outros, além de fazerem referência a protestos de rua e grupos de estudos feministas.

A polissemia de sentidos sobre o corpo e a beleza da mulher, assim como as estratégias discursivas encontradas na pesquisa, ressaltam, em última análise, os mecanismos de controle social dos corpos e os modos criados para lidar com tais controles.

Acreditamos que ainda haja um vasto campo de oportunidades e necessidades de pesquisa e compreensão das relações entre mulheres, corpo, beleza, mídia e feminismos, e que a compreensão cada vez maior dessas relações, possa contribuir para melhorar as interações sociais e as vidas das mulheres e para lançarmos luz sobre um importante movimento de insubordinação social que está acontecendo e que, esperamos, possa construir uma sociedade mais justa para todos.

REFERÊNCIAS

- Adrião, K.G. (2008). *Encontros do Feminismo: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Aronovich, L. (2011). Mídia e mulher. Em J. G. Sousa, B.S. Apostolova, L. G. Fonseca (Org.), *O direito achado na rua, vol. 5. Introdução Crítica ao Direito das Mulheres*. Brasília: CEAD, FUB.
- Avanço, K. (2013). *Entre efeitos e estratégias de linguagem numa produção de conhecimento situado: Blogueiras Feministas (re)pensando concepções e construindo novas práticas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Brah, A. (2006). *Diferença, diversidade, diferenciação*. Em *Cadernos Pagu*, 26, 329-376.
- Bakhtin, M. (1994). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. (P. Dentzien, trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, U., Guiddens, A., Lash, S. (1995). *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (M. Lopes, trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Beleli, I. (2007). Corpo e identidade na propaganda. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, 15,193-215.
- Blogueiras Feministas. Blog <http://blogueirasfeministas.com/>.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. (2^a. ed., M. H. Kuhner, trad.). Rio de Janeiro: Beltrand Brasil.
- Bordo, S. R. (1997). O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. Em A.M. Jaggar, S.R. Bordo. *Gênero, corpo, conhecimento* (B.L. de Freitas, trad.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.

Borges, L. S., & de LM Cordeiro, R. (2007). Psicologia Social, construccionismo y abordajes feministas: diálogos desconcertantes. *Fermentum. Revista Venezolana de Sociología y Antropología*, pp. 599-616.

Borges, L. S. (2014). Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias. *Revista Psicologia e Sociedade*, 26, 280-289.

Brasil. (2006) Lei Maria da Penha, nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da Casa Civil. Suchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília-DF.

Butler, J. (2004). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cunha, C. (2013, 1º de agosto). *Marco civil Já*. Feminismo nas Ruas e nas Redes até que todas sejamos livres. Marcha Mundial das Mulheres: Feminismo 2.0. Retirado em 1º de agosto de 2013 do site <http://marchamulheres.wordpress.com/2013/10/18/marco-civil-ja- até que todas sejamos livres>.

Davies, B. E. & Harré, R. (1990). *Positioning – the discursive produção oficial selves*. *Journal for the theory of social behaviour*. Vol 20, pp. 40-63.

Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher*. São Paulo: Senac.

Deleuze, G. (1992) *Conversações* (P. P. Pelbart, trad.). São Paulo: Editora 34.

Durozoi, G. (1996). *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papirus.

Durkheim, E. (1970). *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense

Ferreira, C.B.C. (2015). Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. *Cadernos Pagu*, 44, 199-228.

- Fortes C. (2013). O corpo negro como tela de inscrição dinâmica nas relações pós-coloniais em Portugal: a afro como (pre)texto. *Cadernos Pagu*, 40, 229-254.
- Foucault, M. (1994). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2004). *História da sexualidade III – o cuidado de si*. São Paulo: Relógio D'água.
- Gauntlett, D. (2008). *Media, gender and identity - an introduction*. New York: Routledge
- Gergen, K.J. (1985). O movimento do Construcionismo Social na psicologia moderna (E.J. Soar Filho, trad.) *Revista Interthesis*, Florianópolis, v.6, n.1, 299-355.
- Gonçalves E., Pinto, J.P. (2011). Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro. *Cadernos Pagu*, 36, 25-36.
- Grosz, E. (1994). Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, 14, 45-86. Capítulo 1 de Elizabeth Grosz. *Volatile bodies*. Toward a corporeal feminism. (C.Holtermann, trad.) Bloomington e Indianapolis, Indiana University Press, 1994, pp.3-24.
- Guanaes, C. (2006). *A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social*. São Paulo: Vetor.
- Guiddens, A. (1991). As consequências da modernidade (R. Ficker, trad.) São Paulo: Unesp.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª ed., T.T. da Silva e G. L. Louro, trad.). Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Haraway, D. (1995). *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Revista Pagu*, 5, 17-44.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2014

- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Le Breton, D. (2011). Entrevista de David Le Breton a Bárbara Duarte. *RBSE 10* (28): 176-184. ISSN 1676-8965. Retirado do mês de abril de 2011 do site <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>
- Le Breton, D. (2013). *Antropologia do corpo e modernidade* (3^a.ed., F. Lopes, trad.) Petrópolis: Vozes.
- Lessa, F. S. (2001). *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu a Agorá*. Rio de Janeiro: LHIA-IFCS.
- Lipovetsky, G. (1997). *A terceira mulher*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Litosselitti, L. (2006). *Gender & language: theory and practice*. Londres: Hodder Arnold.
- Machado, L. Z. (2011). Feminismo brasileiro: revolução de ideias e políticas públicas. Em J. G Sousa, B. S. Apostolova, L. G Fonseca (Org.). *O direito achado na rua (Vol 5)*. Introdução Crítica ao Direito das Mulheres. Brasília: CEAD, FUB.
- Machado, S.S. (2014). Em C Stevens, S.R Oliveira, V Zanello (Org.). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Marcha Mundial das Mulheres (MMM). Movimento social. Blog marchadasmulheres.wordpress.com
- Méllo, R. P. (2006). *A construção da noção de abuso sexual infantil*. Belém, PA: Editora da Universidade Federal do Pará.
- Miskolci, R. (2006). *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. Ed. setembro-dezembro.
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. Artigo. Retirado dia 20 de novembro de 2015 do site <http://bibliotecafeminista.org.br>.

- Okin, S.M. (1998). Gênero, público e privado. *Estudos Feministas*, Florianópolis.
- Ortega, F. (2008). *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Pscitelli, A, Gregori, M.F.(2000) Apresentação. *Revista Pagu*,14, 7-11.
- Rodrigues, A.G., Gardenz, D. & Rue, L.A. (2014). Feminismo.com: o movimento feminista na sociedade em rede. *Revista Eletrônica Derecho y cambio social*. ISSN: 2224-4131, Depósito legal: 2005-5822.
- Roiz, D.S. (2009). A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval. *Cadernos Pagu*, jul-dez.
- Sant'anna, D. B. (2000). As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, 14, 235-249.
- Sant'anna, D.B. (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Sant'anna, D. B. (2014). *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Sardenberg, C. M.B. (2002). Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? Em A.A COSTA e C.M.B SARDENBERG (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador, Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, vol.8 Coleção Bahianas.
- Semiramis, C. (2013). *Respondendo dúvidas sobre Marcha das Vadias*. Retirado dia 1º de março de 2015 do site <http://blogueirasfeministas.com/2013/05/respondendo-duvidas-sobre-marcha-das-vadias/>.
- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro, BVCE.
- Spink, M. J.& Medrado, B. (2013). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Em

M.J. Spink. *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo, SP: Cortez.

Spink, P. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma pesquisa pós-construcionista. *Revista Psicologia e Sociedade*, pp. 18-42.

Spink, P. (2014). Documentos de domínio público e a produção de informações em a produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: BVCE. p.207-226.

Thompson, J. B. (2011). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. (3^a.ed.) Petrópolis: Ed. Vozes.

Veloso, A. (2014). Em C. Stevens, S.R. Oliveira, V. Zanello, V. (Org.). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Florianópolis: Ed. Mulheres.

Anexos

ANEXO A – POSTS E COMENTÁRIOS

Blogueiras Feministas

Jennifer Lawrence faz com que você sinta-se envergonhada por seu corpo mais do que você imagina – Postado em: 14/01/2014

Texto de Jenny Trout. Tradução de Liliane Gusmão.

Publicado originalmente com o título ‘Jennifer Lawrence body shames you more than you might have realized’ no blog Sweaters For Days em 11/12/2013. Republicado com alterações no site Huffington Post com o título: ‘Jennifer Lawrence Body-Shames You More Than You Might Realize’ em 01/03/2014. A tradução foi feita a partir do texto republicado no Huffington Post.

A seguir, algumas citações que a atriz americana Jennifer Lawrence fez ao longo dos anos sobre seu próprio peso:

“Prefiro parecer rechonchuda na tela e uma pessoa na vida real” - Mirror

“Em Hollywood, eu sou obesa. Sou considerada uma atriz gorda. Eu sou Val Kilmer naquela foto na praia.” – HuffPost

“Eu como tanto quanto um homem das cavernas. Eu sou a única atriz sobre a qual não existem rumores sobre anorexia.” – Entertainment Weekly

“Eu nunca vou passar fome para fazer um personagem. Eu não quero garotas pensando, ‘Oh, eu quero ter o corpo da Katniss, então não vou jantar hoje’. [...] Meu objetivo é que meu corpo fique forte e em forma, não magro e desnutrido”- Entertainment Weekly

“Se qualquer um tentar sussurrar a palavra ‘dieta’ junto de mim, minha reação é mandar se f*der” – The Gaurdian

“O que voce vai fazer? Ficar faminta todos os dias para fazer outras pessoas felizes? Isso é uma idiotice” – The Daily Mail

O Tumblr a glorifica em gifs como um modelo de espirotuosidade e aceitação corporal, mas uma coisa que talvez tenha escapado a sua atenção durante a glorificação orgástica de JLaw na internet, é que Jennifer Lawrence é uma mulher de 20 anos, atraente e em forma.



Jennifer Lawrence no evento Globo de Ouro 2014. Foto de Jason Merritt/Getty Images.

Vamos admitir que ela está, talvez, um ou dois tamanhos acima do padrão aceitável para Hollywood. É admirável que, sendo ela estrela de uma franquia de filmes endereçados a jovens e adolescentes, esteja preocupada com os efeitos que uma aparência muito esbelta de sua personagem possa trazer para sua audiência, que já é diariamente bombardeada com mensagens negativas sobre seus corpos. Mas, a forma pela qual suas afirmações são feitas — e como seus zelosos fãs interpretam suas palavras — só reforçam padrões culturais e perpetuam o mito de que apenas um tipo de corpo é aceitável.

Eu não vou abordar o fato do quanto é absurdo uma garota como Jennifer Lawrence ter que justificar seu corpo maravilhoso para todos os consumidores midiáticos do mundo. Todos sabemos que isso é um absurdo. Ao invés disso, vou focar no fato de que na tentativa de acalmar nossa própria inquietude com nosso peso, nós, a internet, decidimos ignorar o quanto a imagem *Animal Spirit*¹ das garotas gordas do mundo, atribuída a Jennifer Lawrence, é na verdade *body-shaming*².

Para começar, consideremos as citações dela. Ela diz preferir aparecer rechonchuda na tela, mas parecer com uma pessoa na vida real? Essa é uma mensagem positiva só para as pessoas que se consideram rechonchudas e ainda é feita ofendendo pessoas magras. Pessoas que podem ser magras porque são doentes ou porque são esbeltas naturalmente. Mas, quando alguém diz que prefere ‘parecer uma pessoa’ do que ser magra, a mensagem que se passa é que uma pessoa magra não parece gente.

Eu gostaria de saber, Internet, qual é a porcentagem de gordura corporal necessária que uma mulher deve ter para ser considerada gente?

Eu estou certa que algumas das minhas companheiras gordas leram essa frase e bocejaram. Nós sabemos que ter mais peso não nos garante o direito de ser considerada uma pessoa, porque nossa suposta falta de autocontrole e dignidade é continuamente relacionada com esse percentual de gordura corporal. Pessoas gordas não são gente em nossa cultura. Elas são ‘pessoas gordas’. Então, o que essa citação faz? Ela não está empoderando ninguém a não ser as mulheres que pareçam com Jennifer Lawrence. E não é nenhuma coincidência que ela seja tão curvilínea como nos dizem que é o padrão de preferência masculina.

Eu não consigo evitar de pensar nesses .gifs flutuando pela internet. Esses .gifs de Jennifer Lawrence falando sobre como ela ama comer, sobre o quanto ela come, sobre o quanto ela adora as batatas fritas do McDonald’s. A internet teria aceitado essas citações se elas tivessem vindo de uma atriz mais gorda? Alguém como Melissa McCarthy?

Eu percebi uma coisa engraçada sobre Melissa McCarthy. Além do óbvio: ela é engraçada. Eu notei que quando Jennifer Lawrence fala sobre peso, ela fala sobre o quanto ela come e de como ela não vai fazer dieta para ficar magra. Quando Melissa McCarthy é citada sobre o seu próprio peso ela diz isso:

“Eu não sei por que não sou mais magra. Eu não bebo refrigerantes; não gosto de doces e nós temos uma alimentação muito saudável em minha casa. Nós amamos brócolis e sopa de legumes, quase sempre temos um pote de sopa na geladeira — é uma delícia!” – Fox News

“Eu não perco peso fácil” – People.com

“As vezes, eu queria magicamente vestir 38 e não ter que pensar mais sobre isso” – Us Magazine.



Atriz americana Melissa McCarthy no evento Globos de Ouro 2014. Foto de PerezHilton.com/AP Images.

Porque Melissa McCarthy é uma mulher gorda, ela não tem direito de fazer comentários impertinentes sobre aceitação corporal. Ela tem que se desculpar por seu corpo. Todas as citações poderiam dizer a mesma coisa: “Desculpe eu ser gorda e vocês terem que olhar para mim, minha gente.” E isso é só o que ela está autorizada a dizer pelos moldes da nossa cultura. Se Melissa McCarthy dissesse: “Se qualquer um tentar sussurrar a palavra ‘dieta’ junto de mim, minha reação é mandar se f*der”; a resposta certamente não seria: “Que forte e corajosa! Que ótimo modelo a ser seguido!”. A resposta seria: “Que péssimo exemplo! Encorajar as pessoas a serem doentes. Nós vivemos um epidemia de obesidade! Abram seus olhos, gordura não é saudável, sexy ou aceitável! Como ela ousa dizer uma coisa assim.” Mesmo as afirmações mais leves que ela fez sobre ser

feliz com seu próprio corpo e consigo própria já foram suficientes para que a internet reagisse ferozmente falando sobre saúde e escolhas saudáveis de estilos de vida. Imagine se Melissa McCarthy tivesse feito tantas declarações sobre comida e McDonald’s. Não teria sido nem fofo, nem engraçado, teria sido grotesco. Olhem aquela gorda se comportando como uma humana com fome e desejando comer coisas que não são saudáveis. Como é grotescamente engraçado ver pessoas gordas comendo. Quando Jennifer Lawrence faz esses comentários é aceitável, porque o corpo dela ainda preenche os requisitos de voluptuosidade feminina de quadris largos e pescoço fino, ditados por nossa cultura.

Quando Jennifer Lawrence diz que é “idiotice” passar fome para fazer outras pessoas felizes; ela diz isso com a leveza de quem provavelmente jamais vai precisar fazer essa escolha para ser aceita ou adaptar-se a um padrão. Sim, vão pedir a ela que faça dieta para interpretar uma personagem. Sim, ela está exposta a mesma pressão para adequar-se a uma expectativa cultural como todo mundo. Mas, uma mulher que tem a aparência de Jennifer Lawrence não tem que comprar roupa pela internet porque as lojas físicas não tem o tamanho dela. Uma mulher que tem a aparência de Jennifer Lawrence provavelmente não vai ter que lidar com a intervenção de um estranho numa Pizza Hut por que ele está preocupado com sua “saúde”. Se uma mulher que tem a aparência de Jennifer Lawrence vai ao médico se queixar de uma doença vão lhe oferecer exames diagnósticos e não uma dieta alimentar. Jennifer Lawrence pode dizer que é “idiotice” fazer dieta, mas ela não tem que lidar com preconceitos ou doenças relacionadas com seu peso. Jennifer Lawrence, provavelmente, não vai ter que passar fome para emagrecer ou ter que fazer uma cirurgia para reparar a bacia ou a rótula aos 35 anos.

A razão que autoriza Jennifer Lawrence a ser um modelo de positividade corporal para jovens e adolescentes rechonchudas é o fato dela ser uma

representante da beleza padrão. A imagem pública de Jennifer Lawrence foi construída baseada na ridicularização de meninas gordas. Ela pode dizer que é obesa pelos padrões de Hollywood, mas essa afirmação é risível quando mulheres como Melissa McCarthy trabalham para mesma indústria e não gozam do privilégio de se auto-afirmarem sem remorsos. E Lawrence só está autorizada a fazer esta afirmação por estar dentro do padrão de beleza convencional.

A mensagem de aceitação corporal baseada nas declarações de Jennifer Lawrence só empodera aquelas que estão dispostas a ignorar o fato de que suas afirmações reforçam os padrões culturais existentes, ao invés de subvertê-los.

Notas da Tradução

¹*Animal Spirit* - Em religiões pagãs, um espírito animal ou totem deve representar as características ou habilidades que uma pessoa deveria aprender ou ter. Na internet, dizer que alguém ou alguma coisa é seu espírito animal significa afirmar que determinada pessoa ou coisa é o que você gostaria de ser.

²*Body-shame ou body-shaming* - É a ação de ridicularizar ou constranger pessoas pela sua forma corporal ou peso ou os dois. Não existe no português uma tradução literal para a expressão.

Comentários

| Post 1 - Jennifer Lawrence faz com que você sinta-se envergonhada por seu corpo mais do que você Imagina 14/01/2015 | | | |
|---|--------------------|---------|--|
| | Autor | Data | Comentário |
| | Renata | 14/jan. | [...] a questão da JLaw é que ao redor dela a pressão é pra não ficar gorda – e aí ela diz “foda-se essa merda”. Eu sei como é isso, já fui bem magra comendo de tudo e achei que nunca fosse engordar, aí tive um problema e engordei e minha mãe me chamava de obesa (vestindo 40) até que cheguei quase no 48 e emagreci um pouco depois. São pressões diferentes que se sofre e acho que antes de ficar catando defeito nos outros, seria legal apoiar quem tenta não embarcar na paranoia. O artigo seria mais honesto se em vez de mirar nas pessoas e suas declarações (e no que os leitores fazem delas), mirasse na cultura que ainda obriga a gente a ter que ficar discutindo peso e beleza. Sei lá, fiquei com a impressão de que ela diz que mulheres dentro do padrão são hipócritas por criticá-lo e as que estão fora e não criticam são coitadinhas sem voz. Só que não é nada disso. As declarações dela são bem vindas sim e tem mulheres fora do padrão se auto-afirmando sem remorsos por aí, mesmo que sejam tão poucas quanto as que estão dentro e não se deixam levar pela pressão. |
| | Ruthlea Nascimento | 14/jan. | Mas apesar de concordar que o ideal seria que vivêssemos num mundo onde a Melissa McCarthy pudesse falar as mesmas coisas que a J. Lawrence sem ser apedrejada, penso que a postura da Jennifer Lawrence já é uma pequena evolução. E digo isso porque, apesar de não ser gorda, sou considerada “cheinha” pros padrões. Tenho 1,55 de altura, peso 62kg e já ouvi alguns comentários do tipo “ê, tá precisando perder essa barriguinha, hein?” ou até mesmo “nossa, como você engordou!”. Não chegavam a me ferir, eu sou mais eu e cantarolava uma musiquinha sobre bifes, gordura e alegria só pra tirar sarro, mas meu ponto é: vivemos numa sociedade tão maluca que o corpo esbelto é cobrado até de quem usa tamanho 40 ou 42, não só das mulheres como a Melissa McCarthy. Então penso que, enquanto lutamos pelo direito de todas as mulheres a serem como são sem serem criticads, no dia que a Jennifer Lawrence não precisar falar de dieta ou peso, estaremos mais perto do dia que a Melissa McCarthy esteja plenamente livre para ser como é. Abraços! |

| | | | |
|--|----------|---------|--|
| | Stella | 14/jan. | <p>Olá, sou uma menina magra. tenho 1,60 de altura e peso 52. Sei que sou magra e não faço esforço nenhum, assim como a Jennifer. Minha genética (ou sei lá o que) faz do meu corpo o que ele é hoje. Enfim, digo isso porque eu nunca tinha lido um texto que me fizesse pensar sobre o assunto como agora. A verdade é que eu sofri e sofro para me encaixar em padrões de beleza, mesmo com meu corpo, já fiz dietas, já tentei ficar bombadinha na academia e todas aquelas besteiras. Mas verdade seja dita, eu não tenho ideia do que é ser gorda de verdade. Não sei o que como uma pessoa como Melissa McCarthy sente-se sobre o próprio corpo, nem as pressões sociais. Sinto que esse assunto é muito parecido com a questão do estupro, quando tratada por homens. Eles simplesmente não sentem como nós, não passam pelas mesmas experiências e não os mesmos medos. Seja a ser ridículo e ofende comentários como os da Jennifer sobre peso, ela simplesmente não sabe do que está falando.</p> |
| | Mauricia | 14/jan. | <p>Eu acho que quando você fala “Eu não vou abordar o fato do quanto é absurdo uma garota como Jennifer Lawrence ter que justificar seu corpo maravilhoso para todos os consumidores midiáticos do mundo.” você tá só fazendo a mesma coisa que ela. Se o corpo dela é maravilhoso, se é um absurdo alguém com esse corpo ter que se justificar... bem, você sabe quem tá sendo empoderado com seu texto, né? A diferença entre vocês duas é que cabe a Jennifer falar sobre o próprio corpo e o próprio comportamento alimentar. Se ela tem esse corpo e se sente bem, tem esse comportamento e se sente bem, sem se sujeitar a outras regras de beleza (mesmo que obviamente ela não precise, também obviamente ela está no lugar em que é mais sujeitada a isso), então eu não entendo bem porque estamos reclamando de alguém que certamente diria que Melissa McCarthy é linda como é, influenciando toda uma geração no processo.</p> |
| | Nathalia | 14/jan. | <p>Entendo os pontos que você quis levantar mas não posso concordar com eles pois achei certos argumentos bem exagerados, por exemplo quando a Jennifer fala “Prefiro parecer rechonchuda na tela e uma pessoa na vida real”, não acho que ela está ofendendo pessoas magras, ela está dizendo que aquela magreza que nós vemos nas telas é praticamente inalcançável e que ela prefere ser uma pessoa comum do que perseguir aquele modelo que pode ser muito prejudicial tanto pra ela quanto pras fãs. Ela não está ofendendo pessoas magras por natureza, ela está criticando um modelo em que pessoas que não são assim e não poderão ser assim de forma saudável, se submetem pra serem aceitas.</p> |
| | Ariadne | 14/jan. | <p>Exatamente o que eu pensei, aliás, é muito típico de textos americanos essa abordagem culpabilizante em relação às pessoas. Isso é jogar o bebê fora junto com a água do banho, culpar uma atriz jovem que se pronuncia contra os padrões inatingíveis de beleza enquanto se busca combater a gordofobia, as culturas opressoras agradecem intactas.</p> |
| | Maria | 14/jan. | <p>Eu sempre achei que essa história de “não entraria numa dieta por causa de um papel” fosse um pouco de falta de profissionalismo também. Se a pessoa se comprometeu a participar de um projeto e não segue as recomendações por não se sentir à vontade, então nem deveria entrar no trabalho, deveria achar algo que a deixe mais feliz e mais confortável. É tipo o caso daquela atriz ruiva que assinou contrato dizendo que ia cortar os cabelos na novela mas, num último apelo ao diretor, pediu para não fazê-lo. Poxa, aquilo não é você, é um >personagem<. Claro que se isso afeta a auto estima da pessoa, ela tem mais é que procurar algo que a satisfaça, sim.</p> |

| | | | |
|---|----------|---------|--|
| | Beta | 14/jan. | <p>Exatamente o que pensei! Um pouco distorcida e forçada esta matéria. E não, não pensaria nada disso que a matéria falou sobre a Melissa McCarthy. Aliás... acho que essa matéria não entra muito nos padrões brasileiros, porque aqui ainda não temos todo esse preconceito todo com pessoas acima do peso. Nos EUA a coisa é muito mais forte e escancarada. E sim, estou longe de ser magra e em forma. Exatamente o que pensei! Um pouco distorcida e forçada esta matéria. E não, não pensaria nada disso que a matéria falou sobre a Melissa McCarthy. Aliás... acho que essa matéria não entra muito nos padrões brasileiros, porque aqui ainda não temos todo esse preconceito todo com pessoas acima do peso. Nos EUA a coisa é muito mais forte e escancarada. E sim, estou longe de ser magra e em forma.</p> |
| | Viviane | 15/jan. | <p>Vou fazer o caminho contrário. Assumo aqui minha gordofobia, que odeio e desprezo. Luto todos os dias contra esse preconceito, essa ideia absurda de que ser gordo não é saudável. Não me orgulho disso, ok? Como acabei de dizer, luto contra isso. Sou uma pessoa que acredita na tolerância e aceitação das diferenças, sejam elas quais forem e por essa razão sofro tanto com essa visão enviesada que tenho concernente as pessoas gordas. Acredito que a porra da televisão me fez muito mal, a visão dos padrões de beleza, de uma forma só de ser pessoa e mulher me transformaram nesse ser preconceituoso que sou. Ontem, mesmo antes de ler este post, em um diálogo comigo mesma, resolvi que evitaria assistir essas baboseiras para que parasse de ver a vida e as pessoas de forma tão enquadradas. Assumo aqui que sou preconceituosa, que luto contra isso e que estou no caminho. Espero que não me condenem por isso, porque não estou falando que esteja certa, não estou. Estou assumindo aqui que não quero ter essa visão e que como sempre é muito bom levar uns tapas argumentativos para poder repensar os próprios equívocos e erros.</p> |
| 0 | Carolina | 15/jan. | <p>Eu entendi que a Jennifer se referia as atrizes de hollywood que se martirizam para parecerem perfeitas e por isso disse "prefiro parecer uma pessoa real", não foi sobre o resto das pessoas magras do mundo. Acho ela sincera quando fala que isso não é algo que ela considere importante, e despreza a cobrança para que estejamos sempre perfeitas. Eu sinto que ela empoderou essas mulheres que são cobradas em estarem sempre perfeitas, em forma, esbeltas. As que mesmo já estando magras precisam ficar mais magras pra agradar mais, que vivem em um luta sem fim. Em 2011, Adele disse que "não faria dieta pois não pretendia emagrecer" e todo mundo aplaudiu do mesmo jeito. É verdade que dizer que "dieta" é algo que não se deve fazer é realmente uma alegação errada pois é uma questão de saúde, mas basta interpretar a atriz com empatia. Veja bem, ela já sente-se bem com seu corpo e vem alguém ditar regras sobre o peso que ela deve ter, ela poderia ser mais gorda e o sentimento seria o mesmo. Enfim, é uma questão de ter empatia tanto pelas mulheres mais gordas, as com o corpo meio JLaw e as top models.</p> |

| | | | |
|---|----------|---------|---|
| 1 | Nathalia | 15/jan. | <p>Fiquei com a mesma impressão que você. Querendo ou não, mesmo que não seja obesa, a postura da Jennifer diante do mercado de Hollywood é considerada louvável por mim. O que eu vejo é sempre uma tentativa de dizer para as adolescentes que a acompanham que elas devem se aceitar. Se ela usa o próprio corpo como exemplo, que mal faz? Eu sou considerada obesa e eu vejo todas essas declarações dela como uma forma de mostrar que ela se preocupa, mesmo que ela encaixe nos padrões. Gostei especialmente dessa parte do seu comentário: “Sei lá, fiquei com a impressão de que ela diz que mulheres dentro do padrão são hipócritas por criticá-lo e as que estão fora e não criticam são coitadinhas sem voz. Só que não é nada disso. As declarações dela são bem vindas sim e tem mulheres fora do padrão se auto-afirmando sem remorsos por aí, mesmo que sejam tão poucas quanto as que estão dentro e não se deixam levar pela pressão.” É interessante SIM pensar nos vários aspectos de declarações de atores e atrizes, mas eu acho que tem coisas muito mais importantes pra se preocupar do que tentar achar defeitos em uma mensagem positiva sobre amor próprio e respeito próprio.</p> |
| 2 | Ro | 15/jan. | <p>Agradeço a todas que comentaram aqui, todas! Quando li o texto, eu tive um rompante ‘nossa, como a Jennifer Lawrence é gordofóbica! Que hipocrisia!’, e, depois, lendo os comentários, refleti melhor. De fato, ela está sim se afirmando contra opressões para que ela seja extremamente magra, como é o padrão de Hollywood. Mas acho que o que o texto quis evidenciar, talvez de uma forma infeliz, não é o discurso da Lawrence, mas a reação a ele. E nisso o texto é impecável. Jennifer Lawrence falando que se orgulha de ter um corpo real é socialmente aceito e bem visto, é considerado saudável; agora, uma atriz gorda dizer a mesma coisa recebe um tratamento social muito negativo, já que ela já vive sob o rótulo de ‘pessoa doente’. É bem provável que o colesterol e a glicemia da Melissa McCarthy estejam super controlados e em melhores níveis que os da Jennifer Lawrence, mas certamente ela não sofre esse etiquetamento — quem é rotulada como ‘obesa doente’ é a Melissa, e há toda uma patrulha contra isso. A patrulha gordofóbica nunca vai atacar a Jennifer Lawrence, mesmo que as veias delas se entupam de gordura. À diferença do texto, acredito que, em vez de atacarmos a Lawrence por ser adepta de um corpo dito real, deveríamos apenas nos conscientizar da diferença de tratamento e do privilégio dela, sem agredi-la e respeitando o corpo dela na mesma medida que o da Melissa McCarthy.</p> |
| 3 | Priscila | 22/jan. | <p>“Meu objetivo é que meu corpo fique forte e em forma, não magro e desnutrido.” “Desnutrida” foi o que sempre me chamaram durante minha adolescência. Sofri muitas vezes preconceito por ser magra, da mesma forma como pensam que gordinhos são preguiçosos, pensam magros não gostam de comer. Como se fosse uma opção em todos os casos... Sou geneticamente assim. Não entendo essa necessidade de querer defender um lado do preconceito, ofendendo outro, no caso pessoas magras. “Homem gosta de carne pra pegar, quem gosta de osso é cachorro” “nossa, você deve está doente, é anorexia?” “mulher de verdade tem curvas” “nem tem peito, cadê a bunda, pernas magricelas” e bla bla blá.</p> |

| | | | |
|---|--------|--------|---|
| 4 | Márcia | 22/jan | <p>Não vou julgar só por este texto. Mas também pelo outro que li no Geledés, que foi o primeiro que li sobre o tema, e que tem link encaminhando para cá. Mas, honestamente, também me preocupa a rapidez com que foi descartada a fala a respeito de possíveis declarações gordofóbicas da atriz. E olha, ela pode ser gordofóbica sem ter uma noção exata disto, pois do alto de um privilégio não vê. Acontece. O que eu li no outro texto, e venho dizer aqui, é, vamos ler, ler de novo, tentar se colocar no lugar de quem diz, e depois, só depois descartar, e nem de forma tão veemente como eu estou vendo. Pois eu sinto isto, no que diz respeito à questão racial. Muita gente se comporta assim, dizendo rapidamente à pessoas negras que tal pessoa ou situação não foi racista. Ou em outras, quando vi rapidamente pessoas desconsiderando isso ou aquilo como transfóbico. Considero que há de ser cuidadosx com todos xs companheirxs de opressão, e não tô percebendo muito isso nos comentários. E outra,coisa: uma coisa é uma pessoa magra, ou padrão de beleza, ou curvilínea, ou sei lá, ser empática e se colocar a favor de um grupo, uma causa e tal. Mas é fundamental que ela se coloque sim, numa posição mais humilde, de pessoa empática. Não de uma representante do grupo. Acho que nós mulheres, sabemos muito bem disto, pelo menos na causa feminista. Apoiadores, podemos ter. Mas o protagonismo, é nosso. Não sei bem se me fiz entender, mas é isto.</p> |
|---|--------|--------|---|

Padrões de beleza que adoecem

Postado em: 14/08/2014 Texto de Patrícia Sebastiany Pinheiro.

Sempre fui magra. Anos após entrar na adolescência, comecei a ganhar um pouco de corpo. Mais ou menos, até os 15 anos, me sentia bonita, não tinha maiores problemas com meu peso.

Por volta dos 16 ou 17 anos, enquanto ainda estava no ensino médio, em decorrência de algumas doenças físicas e, posteriormente, traumas emocionais, comecei a emagrecer bastante. Mas eu não percebia a diferença, me alimentava consideravelmente bem e levava uma vida normal. Foi quando os outros começaram a apontar e a criticar minha magreza.

E assim, dia após dia, eu, que mais magrinha ou mais cheinha sempre havia vivido bem dentro do meu próprio corpo, passei a ouvir calada os diversos comentários negativos dispensados ao meu corpo magro, comecei a internalizá-los e a acreditar neles.

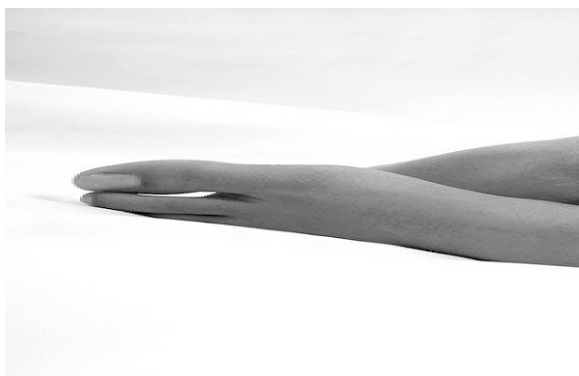


Foto de Elena Ocho no Flickr em CC, alguns direitos reservados.

O seguinte pensamento passou a martelar 24h por dia na minha cabeça: “Para ser bonita e aceita, preciso engordar”. Assim, passei a fazer milhares de tratamentos, a comer coisas que não tinha vontade mesmo quando estava sem fome, e a frequentar academias (coisa que detesto fazer).

Cada quilo que eventualmente eu perdia, acabava comigo. A cada: “Nossa, como você tá magrinha”, lá ia eu novamente tentar descobrir como juntar os pedaços e levantar da cama

no outro dia sem ter medo de colocar uma calça que, aos meus olhos, iria sobrar mais ainda na cintura.

Passei a desenvolver uma espécie de síndrome do pânico, um medo patológico de emagrecer. Medo de ficar doente e emagrecer. Medo de comer uma coisa estragada e emagrecer. Colocando assim, parece bobo, mas a preocupação com o corpo, a associação que fiz entre o corpo ideal e a felicidade, me tirou grande parte da tranquilidade de viver, da espontaneidade, da segurança; me fazendo preocupada, pessimista, detalhista, extremamente ansiosa e facilmente deprimida.

Fiz e ainda faço muita terapia para conseguir lidar com esse padrão de pensamento que, mesmo que de forma um pouco menos acentuada, ainda insiste em me puxar para baixo. Mas hoje, consigo entender que apesar de eu ter permitido que todo esse medo tomasse uma proporção gigantesca na minha vida, eu não o construí sozinha.

Eu não me sentia feia, até que começaram a dizer que eu seria muito mais bonita se ganhasse uns quilinhos. Eu não me sentia menos gente, até alguém dizer que “eu era legal, mas muito magrinha”. Eu me sentia inteira antes de me dizerem que eu estava a ponto de sumir.

O que mais dói é saber que eu sou mais uma dentre as milhares de mulheres que experienciam situações como essa; que, na tentativa de engordar ou emagrecer, adoecem para atingir um padrão de beleza que nos é empurrado todo dia. E é por isso que meu estômago revira a cada capa de revista que eu vejo carregada de dietas para emagrecer. É por isso que não faço questão de ter a amizade de uma pessoa que chama uma mulher de “caveira” ou de “baleia”.

É por todos esses comentários maldosos a que eu e muitas mulheres ainda somos submetidas que precisamos do feminismo, pois, diferentemente de vitimização, como muitos o definem, ele é, sim, o abrigo de vozes que lutam contra todas essas imposições que já tiraram o meu brilho do olhar; é a certeza de que o belo e o correto sempre serão nada mais do que aquilo que NÓS MESMAS desejamos ser.

Comentários

| | Autor | Data | Comentário |
|--|-------------------------|---------|---|
| | Fernand am lisboa | 14/ago. | É preciso termos uma auto-estima boa para não nos abalarmos com essas críticas tão constantes nas nossas vidas. Muitas pessoas não têm a menor noção do mal que causam às vidas de quem criticam dessa forma, mas outras são sádicas ou invejosas mesmo. Falta sensibilidade e cautela. Lutemos contra isso para que as pessoas se conscientizem. |

| | | | |
|--|-----------------------------------|---------|--|
| | Dani | 16/ago. | <p>“Eu não me sentia feia, até que começaram a dizer que eu seria muito mais bonita se ganhasse uns quilinhos. Eu não me sentia menos gente, até alguém dizer que “eu era legal, mas muito magrinha”. Eu me sentia inteira antes de me dizerem que eu estava a ponto de sumir.” Exatamente assim que me senti quando os primeiros comentários vieram de pessoas da minha própria família em tom de deboche ou abismo quando ainda era pre adolescente. Sempre fui naturalmente magra e diferente do tipo físico deles. A coisa foi persistindo, vindo de pessoas não tão próximas, estranhos na rua (homens na maioria), “amigos”... Já tive fases em que parecia ter superado, mas hoje, mesmo adulta, to numa fase crítica e sofrendo bastante. Evito me olhar no espelho, muitas vezes deixo de ir a compromissos pq nenhuma roupa cai bem, tenho andado curvada na esperança de ficar invisível e me isolado em casa cada vez mais pra não ouvir nenhum tipo de comentário e nem o conselho da moda, que é te mandar fazer academia pra ganhar massa. Eu não quero gastar meu tempo dentro de uma academia e nem gastar dinheiro pra isso só pq toda mulher TEM que ter a coxa grossa e bunda grande. Também não quero deixar de usar tal roupa pq irão julgar meu corpo, me chamando de doente ou fazendo piadinhas de que to em estado terminal. Tenho tentado trabalhar minha auto estima e em breve irei fazer tratamento psicológico mais uma vez. Espero que um dia possamos apenas sermos nós mesmas, mulheres magras ou gordas, sem rótulos. Que haja respeito à diversidade. Obrigada por compartilhar esse texto e parabéns à autora!!! É um afago no coração.</p> |
| | Patricia Sebastiany Ribeiro | 8/ago. | <p>Ah, Dani! Posso te dar um abraço? Hehe Passo EXATAMENTE pela mesma coisa. É bom ver que não estamos sozinhas; com essas trocas e desabafos vamos ficando cada vez mais fortes e internalizando, ainda que lentamente, que, desde que estejamos saudáveis, somos lindas de qualquer maneira. Fico feliz que meu texto tenha te ajudado de alguma forma, essa era minha intenção. Gostaria que alguém tivesse me dito tudo isso há muito tempo, por isso, quando me senti empoderada o suficiente, decidi tornar tudo isso público. Conte comigo para o que for!</p> |

| | | | |
|--|----------------|---------|---|
| | Thay | 8/ago. | <p>Patrícia, adorei seu relato, e me senti encorajada a falar sobre isso, ainda que apenas em um comentário de sua publicação.Sou magrinha desde que me conheço por gente, e apesar da preocupação da minha mãe com meu IMC abaixo da média, os médicos sempre garantiram que era uma pessoa saudável. A estética começou a pesar para mim na adolescência, quando cheguei a altura que tenho hoje (1,68) mas ainda tinha corpo de menina. Ouvi muitos comentários negativos também, e a impressão que tenho é de que os apelidos para quem estava acima do peso sempre eram reprimidos com mais seriedade do que os clássicos “Olívia Palito”, “você não come, menina?”, e as pessoas sem a menor intimidade rodeando meu pulso com as mãos para comentar a “finura”. Usei calcinha com enchimento, legging embaixo da calça jeans, meias no sutiã... Hoje soa uma maluquice, mas era escrava da roupa para me sentir bem! Tive amigos, relacionamentos, oportunidades de emprego e recebi vários elogios, o que mostra que minha aparência só era estranha para poucos bobos, mas é impressionante como um espinho no meio de toda roseira pode mexer conosco né?! Felizmente tive e tenho uma família que nunca me deixou tomar remédios para engordar, e que me levou ao médico quantas vezes necessário para me convencer de que essa sou eu, e que ganhar uns quilinhos tudo bem, mas encorpar horrores sem comprometer a saúde ou incluir a academia na rotina diária, sem chance. Bom, todo esse comentário para dizer que hoje com 22 anos e ainda abaixo dos 50kg me aceito melhor, aprendi a valorizar meu corpo com as roupas certas mesmo que o traje padrão da balada seja “vestido a vácuo”, e vejo beleza em mim. Se eu estou conseguindo, você e todas as magrinhas também podem, afinal, quando me aceitei de verdade, minha percepção passou a ser seletiva: parece que só recebo comentários positivos.</p> |
| | Fran | 9/ago. | <p>Sabe o que é pior?? Esse inferno nunca acaba!!!! A patrulha NUNCA vai parar... Eu também sempre fui magra, mas alguns anos atrás eu fiquei muito doente, perdi MUITO peso. Peguei 4 intoxicações alimentares seguidas. Até meu organismo se recuperar 100% foram mais de 6 meses. Qualquer coisa com tempero mais forte, com um pouco mais de gordura era hospital na certa!!! Mas a patrulha foi insana, foi brutal e cruel. Fui insultada de tudo o que vocês podem imaginar. Comer na frente dos outros era um martírio, pois meu prato era sempre vigiado – Onde já se viu ser magra desse tipo, parece um cadáver!!! Vai comer só esse pouquinho de arroz?? Não tem vergonha na cara não??? Anos mais tarde, agora com peso normal também não está bom!! Agora estou “gorda” demais!! Tá na hora de emagrecer um pouquinho – olha só – tá sobrando aqui e ali!!!E essa pele?? Não tem vergonha de ser assim branca não?? Vai tomar ferro que isso é anemia!!!Por que não pinta esse cabelo?? Faz umas mechas pelo menos!!!(expressão de horror na cara) – Meu deus tua sobancelha!!!! Não percebeu que já cresceram meia dúzia de pelos???? Sério, as vezes eu me sinto gado em uma feira de agropecuária, sendo avaliada para saber qual o meu valor no mercado!!!</p> |
| | Poliana Guinle | 30/ago. | <p>Texto muito bom mesmo,eu tbm sempre fui magra e quando comecei a fazer academia com 17 anos ao contrario do q se pensavam eu não ganhei corpo,emagreci ainda mais,as pessoas vivem nesta busca eterna de reparar e comparar as pessoas,cada um é cada um,se ta magro demais é ruim,se ta um pouco gordinha é pq ta gorda,hj tomo anticoncepcional pq tenho muitas colicas,acabei ganhando uns quilos a mais,mas eu não me importo,por isto eu me tornei assexuada pq o homem é muito visual e esses padrões acabam com nós mulheres,tem q ta maquiada,cabelo bonito,corpão violão mas sem gordura,salto alto,mini vestido,chamar a atenção a todo custo até quando não se quer chamar,chato isso.</p> |

O lado positivo da feiura

Postado em: 06/10/2014 Texto de Jessica Valenti. Tradução de Karen Polaz
Publicado originalmente com o título: “The Upside of Ugly” no site The Nation em 02/08/2012.



Imagem de uma matéria da televisão americana sobre Nadia Ilse. Fonte: The Nation.

Nadia Ilse, uma vítima de *bullying* de 14 anos de idade, recebeu recentemente US\$ 40.000 em cirurgia plástica gratuita da Little Baby Face Foundation, uma organização que ajuda crianças com deformidades faciais. Parece uma história muito boa até você ouvir qual era a “deformidade” de Ilse: Suas orelhas eram um pouco de abano.

A suposta cirurgia corretiva da adolescente de Georgia (nos Estados Unidos) incluiu ter suas orelhas coladas de volta, uma plástica no nariz e uma remodelação no queixo. Esta é a nossa cultura agora: meninas adolescentes pensando que a menor imperfeição percebida — qualquer desvio a partir do que elas veem nas revistas — equivale à deformidade e a necessidade de correção cirúrgica.

Há vários culpados para apontar: misoginia, cultura pop e a indústria da cirurgia plástica, para começar. Mas há também um problema mais insidioso: a noção de autoestima como uma panaceia para as meninas.

Tenho certeza que a mãe de Ilse — que procurou a instituição de caridade que subsidiou a cirurgia de sua filha — estava bem intencionada. Sua filha estava sendo insultada e ela queria que a filha se sentisse bem consigo mesma. E, de fato, a reação de Ilse após a cirurgia parecia indicar que ajudou. “Eu estou linda, isso é exatamente o que eu queria, eu amo isso”, disse ela.

Claro que Ilse se sente melhor sobre si mesma — o mundo é cruel e se adaptar aos padrões de beleza tradicionais pode aliviar o sofrimento adolescente, pelo menos um pouco. Mas esse é o problema em ensinar jovens mulheres de que a chave para a felicidade e o sucesso é a autoestima.

Se o nosso objetivo final para as meninas é simplesmente que elas se sintam “confiantes” — especialmente em relação à sua aparência — então, criamos uma armadilha em que qualquer coisa que faça uma garota se sentir

melhor com sua aparência, não importa o quão prejudicial, é uma solução razoável. (Quantas vezes uma cirurgia plástica foi precedida por uma explicação do tipo: “Eu estou fazendo isso por mim!”?)

Pode haver um pouco de controvérsia sobre jovens meninas que partem para medidas drásticas para se sentir bonitas, mas nós nunca parecemos questionar se a ideia de se sentir bonita é um objetivo digno em primeiro lugar. Devemos dizer a verdade às meninas: “Linda” é besteira, um padrão criado para tornar mulheres em boas consumidoras, ocupadas demais chafurdando em autorrepugnância para perceber que somos cidadãos de segunda classe.

Meninas não precisam de mais autoestima ou mantras de como sentir-se bem e amar elas mesmas — o que elas precisam é de uma boa dose de uma raiva justa. Mas, em vez de ensinar às mulheres jovens a reconhecer e a utilizar sua raiva muito justificável, nós dizemos a elas para sorrir e para amar a si mesmas.

Quando eu era mais jovem, eu implorei aos meus pais para me deixarem fazer uma plástica no nariz. Como Ilse, fui insultada na escola e odiava meu nariz tão exaustivamente que eu tinha certeza de que meu rosto era uma afronta às pessoas ao meu redor. Meus pais, o crédito é deles, nunca consideraram me deixar fazer a cirurgia. Eles simplesmente me garantiram que eu era bonita do jeito que eu era. Mas aqui está o ponto: eu sabia que não era verdade. Eu era uma garota esperta, e eu percebi que em comparação com o que era considerado bonito, eu parecia absolutamente estranha.

Como minha amiga escritora, Jaclyn Friedman, me disse uma vez, o problema não é que as meninas não sabem o seu valor — o problema é que elas absolutamente sabem o seu valor na sociedade. Mulheres jovens sabem exatamente quão feias a cultura acredita que elas sejam. Então, quando nós ensinamos às meninas a simplesmente “amar a si mesmas”, estamos implicitamente dizendo a elas para aceitar o mundo como ele é. Nós estamos dizendo que ser bonita é algo que vale a pena ser, quando deveríamos estar dizendo a elas que uma cultura que exige tanto é tóxica.

De muitas maneiras eu sou feliz por ter sido considerada pouco atraente quando criança — há um lado positivo em ser feia. Eu desenvolvi um agudo senso de humor, uma defesa contra as provocações. Eu pensava mais profundamente sobre como pessoas podem ser boas e más. Eu comecei a escrever. Eu encontrei o feminismo.

Não há nada de errado em aceitar o feio. Não há problemas em se sentir inferior — nós não nos sentimos feias ou inferiores por causa de algum déficit na nossa confiança, nós nos sentimos assim porque estamos sistematicamente treinadas para acreditar nisso. Porque a sociedade depende disso. Autoestima não vai mudar isso — a mudança na cultura vai.

Enquanto adulta, eu posso olhar para trás e saber que, assim como muitas crianças, só me levou um tempo para ser quem eu sou. Eu pareço como eu deveria parecer. Mas o mais importante, eu sei que raiva e ação podem ser mais gratificantes do que ser bonita.

Pessoas que promovem a autoestima em meninas têm as melhores intenções no coração. E o amor próprio e autocuidado são certamente objetivos dignos — mas não sozinhos. Porque o que nos faz sentir melhores com nós mesmas nem sempre é o que é melhor para nós, ou para os outros a longo prazo. A vida não deveria ser uma campanha de bem-estar.

Este é um país de merda para crescer, especialmente sendo uma menina.

E todas nós queremos dar, às jovens mulheres, as ferramentas necessárias para ter sucesso. Então, vamos ensinar às meninas a sobreviver a uma cultura misógina com um punho, não um sorriso.

Comentários

| Post 3 - O Lado Positivo da Feiura - Jessica Valenti - 06/10/2014 | | | |
|---|----------|---------|--|
| | Autor | Data | Comentário |
| | Thalita | 6/out. | Fiz cirurgias no nariz e no queixo. Posso dizer que salvaram a minha vida. Eu tinha uma verdadeira deformidade no queixo, ele era praticamente inexistente. Parecia faltar um pedaço no meu rosto. Aguentei <i>bullying</i> pesado na escola por minha aparência (por 12 anos!) – mulher, feia e inteligente, onde já se viu? Como ousa? Pessoas me paravam na rua (principalmente homens) e se sentiam no direito de dizer o quanto eu era feia (mulher feia, onde já se viu?) ou simplesmente me ofendiam com gritos mesmo... pois é, não são apenas as cantadas grosseiras que incomodam. Incrível como certos homens acham que tem a prerrogativa de avaliar mulheres na rua. Aposto que muitos sequer se olham no espelho. Bom, fiz as cirurgias, recomendadas por um cirurgião plástico muito sério. Hoje, posso dizer que tenho um rosto normal. Os xingamentos pararam. Mas as marcas ainda estão aqui dentro. Sou formada em curso superior, trabalho, estudo, tenho um relacionamento estável com uma pessoa maravilhosa. Porém, tenho muitas dificuldades com interações sociais. Sempre acho que incomodo ou que estou fazendo algo errado. Faço até hoje tratamento psiquiátrico e tomo remédios contra depressão e ansiedade. Fui tão ofendida que desenvolvi síndrome do pânico e mal conseguia sair na rua. Ficar dentro dos padrões me salvou (porque antes eu pensava em suicídio), mas não me curou, de maneira alguma... |
| | Fernanda | 6/out. | Texto perfeito, resume tudo o que eu sempre pensei. Na verdade foi a primeira vez que ouço/leio/vejo alguém falando que autoestima e bem estar não nos fazem seguir em frente da melhor maneira possível. É claro que é muito mais fácil fazer as pessoas se transformarem e não incomodarem do que mudar todo o sistema. Parabéns |
| | Bruna | 16/out. | Pessoas me paravam na rua (principalmente homens) e se sentiam no direito de dizer o quanto eu era feia (mulher feia, onde já se viu?) ou simplesmente me ofendiam com gritos mesmo...” Acontecia a MESMA coisa comigo. Eu botava o pé pra fora de casa e era BARANGA pra baixo. As marcas das ofensas continuam até hoje! |
| | Lair | 22/out. | É bem isso. O mundo infelizmente é muito cruel. Imbecis aos montes, essa é a verdade. Ainda bem que hoje em dia existe internet para compartilhar esse tipo de experiência. Minha irmã mais velha também sofreu por causa do nariz e minha mãe me colocou na faca bem cedo pra “consertar” minha orelha de abano, antes que isso pudesse me prejudicar psicologicamente... Foda, mas me polpou. Não sei se um dia a crueldade do ser humano terá fim. |

Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza?

Postado em: 14/04/2014 por: Bia Cardoso

O ser humano ama o belo e o que lhe dá prazer através dos sentidos. Em nossa sociedade, o conceito de beleza está muito atrelado a imagem de corpos físicos e isso tem inúmeras consequências, especialmente para mulheres. Em seu livro ‘O Mito da Beleza’¹, Naomi Wolf diz: “À medida que as mulheres se

liberam da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social” (p.12).



Foto do ensaio político-poético 'PELOS PELOS' da Além – Coletivo de Arte.

A publicidade é um meio de comunicação que vende beleza há muitos anos e, cada vez mais, tem utilizado como tema principal a autoestima feminina. Então, dá-lhe comercial dizendo que se você usar o produto x ou y, ficará radiante, poderosa e determinada. Semana passada, assisti dois comerciais que achei bem interessantes e pedi opiniões de amigas sobre eles.

Avon e os quilinhos a mais

O primeiro é da Avon, uma conhecida marca de cosméticos que produz e apoia campanhas de combate a violência contra a mulher. A peça publicitária chama-se 'Quilinhos' e mostra o seguinte monólogo:

Parabéns, eu acordei gorda de novo. Por que? Porque você não resistiu aquele último brigadeiro da festa. Comeu e hoje acordou parecendo um balão de gás hélio, inchado. Agora toca começar a dieta da proteína, dos pontos, do tipo sanguíneo, da pêra, da lua... Parabéns pra você, que se comportou a semana inteira e errou justo no dia da festa. Aquele vestido que você comprou... Sabe aquele vestido lindo branco? Esquece. Vai ficar todo marcado, ridículo. Vai colocar esse corpinho redondo, cheio de brigadeiro para dançar na pista... Vai... (nesse momento, a atriz passa a máscara de cílios e o tom do monólogo muda). Uau! Nossa, tá linda! Você está maravilhosa! Tá gostosa, vitaminada, olha só pra você! Quer saber? Com um quilinho a mais ou um quilinho a menos, você vai rechear aquele vestido! Vai sambar, se acabar. Os caras não querem ter onde pegar? Então, pronto meu amor. Tá linda, gata, poderosa, olha só pra você. Quer saber? Tá mega pra cima. Fui!

Opa! Então, para deixar de me achar gorda e feia, basta usar uma máscara de cílios? Simples, moleza, é só comprar todo o catálogo da Avon. Por que nunca pensei nisso antes?

Há muita gordofobia e dois discursos bem negativos que despontam: culpa e erro. O espelho funciona como um elemento de identificação, porém, o que vemos é uma mulher branca, jovem, bonita dentro dos padrões e magra dizendo que está gorda. As pessoas costumam achar isso engraçadinho. Não pensam no quanto é fácil para alguém magra e dentro dos padrões estéticos dizer que é gorda, sem sofrer as consequências de uma sociedade gordofóbica.

Além disso, ninguém engorda porque comeu um brigadeiro. Culpar as mulheres pelo que são e fazem é um expediente recorrente. Então, a culpa é sempre sua, seja por não estar bonita, por não ter tempo, por trabalhar demais, por ter comido um doce. É um erro deixar-se levar pelo prazer de um brigadeiro numa festa. É um erro ter prazer?

Fora isso, há o reforço da ideia de que pessoas gordas não devem usar branco, porque engorda. E, para fechar com chave de ouro, quando o discurso ganha outro tom, a sua autoestima tem que estar relacionada ao que os homens querem e não ao fato de você se sentir bem com seu corpo. Uma amiga também apontou que com tantas mulheres fazendo dietas perigosas e morrendo por causa de transtornos alimentares é, no mínimo, burrice veicular um comercial desses.

Esse estereótipo retratado na propaganda da Avon existe. Conheço, acredito que você também, mulheres magras que afirmam que estão gordas e feias, que se culpam absurdamente porque comem um doce e vivem em dietas restritas. É um modelo bem reproduzido em inúmeras revistas femininas. Essa mulher é real. A pergunta é: devemos deixar que as mulheres sigam assim? Culpadas e resolvendo instantaneamente sua autoestima com maquiagem, para dali alguns dias voltar a encarar o espelho sem essa muleta?

Dove e o adesivo da beleza

A outra peça publicitária é da marca Dove, que há alguns anos desenvolve a campanha “Beleza Real”. O vídeo é internacional, com legendas em português e chama-se ‘Adesivos’, em sua descrição diz:

Dove está comprometida a criar um mundo onde a aparência é uma fonte de confiança, não de ansiedade. Então criamos Dove: Adesivos e convidamos mulheres a descobrir como um bom estado de espírito pode despertar a beleza que vive dentro de cada mulher. Faça parte dessa jornada que vai encorajar mulheres de todo o mundo com a mensagem de que beleza é um estado de espírito.

Diferentes mulheres são convidadas a usar um adesivo da beleza, chamado RB-X, e gravar vídeos contando sobre suas percepções. Após 15 dias, retornam para relatarem a experiência e saberem o que há nesse novo produto. Entre os relatos estão frases como: “Hoje acordei me sentindo revigorada”; “Estou me sentindo mais confiante”; “Me sinto muito bem comigo mesma hoje”; “Tem horas que olho pra alguém e acabo sorrindo, sem saber porque”.

É fácil sacar, logo no início, que o adesivo é um placebo. Algumas pessoas comentaram comigo: no fim das contas, a Dove está chamando essas mulheres de burras. Será? Achei que o comercial apela para a fragilidade que sentimos quando não estamos satisfeitas com nossa aparência. Um ponto positivo dessa e de outras propagandas da Dove, como a muito compartilhada ‘Retratos’, é que a

mensagem quer gerar questionamentos nas mulheres, o que é sempre melhor do que entregar soluções prontas. Porém, Dove limita esses questionamentos aos sentimentos individuais de cada mulher e, em nenhum momento, questiona a razão pela qual tantas mulheres diferentes se acham feias a ponto de acreditarem que um adesivo as tornou mais bonitas. Será que a indústria da beleza tem algo a ver com isso? Talvez não, né? As mulheres de todo mundo precisam aprender que beleza é um estado de espírito, né, Dove?

Nessa peça da Dove, temos uma diversidade de mulheres, tanto de etnias, como de corpos. Entre minhas amigas, os comerciais da Dove são os que mais gostam, porque conseguem se identificar minimamente, se sentem mais representadas. Num mundo em que somos constantemente bombardeadas com imagens de corpos magros, altos e caucasianos como símbolos máximos de beleza é muito comum nos satisfazermos com um ou outro comercial que busca outros modelos, mesmo que as mulheres desses comerciais, na maioria das vezes, não sejam consideradas feias. Afinal, na maioria das vezes elas são bonitas, apenas não conseguem se ver assim. Por que será?

As propagandas da Dove, em geral, tem uma estética de consultório médico, tudo muito branco e clean. Também, na maioria das vezes, envolvem um experimento ou pesquisa, agregando valor “científico” a uma peça publicitária. Sabemos que são várias as maneiras de persuadir uma consumidora. Algumas marcas de cosméticos focam na beleza feminina que irá atrair os homens, como se eles estivessem sempre disponíveis para serem enfeitiçados por um perfume ou uma pele macia. Outras, vão querer nossa identificação, apoio e cumplicidade, pois, apesar de venderem inúmeros produtos para combater coisas naturais em você, como pêlos, axilas escuras ou suor, elas sabem exatamente como você se sente, sendo massacrada diariamente pela indústria da qual fazem parte e que te faz se sentir tão inadequada.

Ainda bem que as marcas de cosméticos e a publicidade são tão legais com as mulheres, não é mesmo? Tudo que elas querem é apenas nos ver mais bonitas e autoconfiantes. Minha avó nunca teve que pensar no quanto suas axilas eram escuras porque a tecnologia não era tão avançada, ainda bem que hoje tenho uma solução para isso. Ufa!

Quando você parou de se achar bonita?

Há um comercial da Dove, me foi apresentado esses dias, que gostei, chama-se: ‘Câmera Tímida’.

Comercial Dove – Câmera Tímida

Traz uma situação que vejo constantemente, mulheres se escondendo de câmeras por vergonha e timidez. Porém, quando crianças, muitas vezes elas não eram assim, eram mais espontâneas, não se preocupavam como estavam vestidas ou se tinham acabado de acordar. No fim, há a pergunta: quando você parou de se achar bonita? Será que foi quando começamos a ter contato com imagens da mulher na mídia?

Gostaria que as marcas de cosméticos explorassem mais o prazer que há em criar diferentes belezas por meio de seus produtos. A possibilidade de ser várias mulheres em dias diferentes sem deixar de ser quem realmente somos, sem regras de como usar tal coisa ou uma lista de imperfeições que devemos esconder. Há diversão em usar produtos que tragam diferentes cores aos nossos sentidos. Há também questões culturais e sociais envolvidas no mito da beleza que é reforçado diariamente.

Num mundo cada vez mais imagético por conta das redes sociais, nossas exigências por beleza ficarão mais altas ou mais baixas? Aposto na primeira opção. Vamos entregar a confiança das mulheres aos cosméticos ou vamos começar a lutar coletivamente para que mais e mais mulheres sintam-se bem consigo mesmas e sejam mais seguras para enfrentar a vida e seus medos?

Comentários

| Post 4 - Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza? - Bia Cardoso - 14/04/2014 | | | |
|---|----------------|---------|---|
| | Autor | Data | Comentário |
| | paulomarcaioli | 17/abr. | Foram mulheres que riram da minha aparência física na escola. Todos os dias. Dos 12 aos 17 anos. Riram da minha ginecomastia. Riram do meu suor corporal. Riram dos meus trejeitos. Fizeram me sentir vergonha e raiva de mim. Levaram-me à uma perspectiva auto-destrutiva que quase me levou ao suicídio. 10 anos se passaram e ainda hoje, no metro ou no trabalho, quando escuto mulheres rindo, lembro-me da escola e daquela sensação humilhante. Aprendi desde muito cedo como é hipócrita e falacioso este discursinho de que as mulheres são as grandes vítimas da sociedade pautada pelos padrões de beleza. Como se as academias de musculação não estivessem cheias. Como se não houvesse garotos injetando anabolizantes e chegando a óbito. Eu não esqueço e não perdo. |
| | Camilla Santos | 20/abr. | Há muito tempo eu venho percebendo a apelação da mídia sobre padrões de beleza. Atualmente ser magra, nem tá tando na moda, o que interessa é ser "gostosa", rs Mas eu vejo como muita gente reclama e ao mesmo tempo alimenta todo esse ciclo. Isso acontece enquanto atinge a si própria. Exemplo? Aquela mulher que vive reclamando da mídia, quando ela não se vê igual às modelos das campanhas; mas quando vê uma gordinha, é a primeira a comentar, a primeira a rir, a primeira a "pré-conceituar". Acredito que os produtos de beleza nos ajudam sim a ficar mais confiantes e nos sentirmos mais bonitas; mas não alienadas. Não a ponto de achar que uma máscara de cílios, uma maquiagem vai resgatar a nossa auto-estima. As propagandas são muitas vezes apelativas e discriminatórias, mas podemos usar os produtos que elas vendem sem fazer o mesmo. As pessoas podem usar branco quando quiserem. Mas o branco realmente engorda. |

Vai mesmo, gordinha!

Postado em: 05/09/2014 Texto de Patrícia Sebastiany Pinheiro.

Lendo o texto que Mariliz Pereira José escreveu para a Folha: "Vai, gordinha", admito que me senti incomodada. Por se tratar de um veículo de informação com tamanha visibilidade, me entristece e me preocupa ver uma gordinha que se exercita sendo comparada, nas palavras da cronista, a "um queijo provolone amarrado se desmanchando".

Ao dar uma proporção gigantesca aos 7 quilos que adquiriu em um ano, a autora confessa que toma banho à luz de velas para evitar visualizar o próprio corpo, se auto intitula uma "gordinha esperta" por saber vestir-se de forma a parecer mais magra, além de afirmar que se submete à atividades físicas que detesta. Não pretendo aqui, de forma alguma, atacar a escritora ou desmerecer seu trabalho, mas, analisando sua abordagem, percebe-se que, durante todo o texto, a pessoa "gordinha" é associada, unicamente, a algo negativo, indesejado e digno de compaixão, o que é, a meu ver, totalmente problemático.

Ao mostrar seu sofrimento para adequar-se aos padrões de beleza, a autora, ao invés de utilizar a exposição de suas próprias vivências como uma forma de criticar e questionar tais construções, peca ao fazer exatamente o oposto: reforçá-las. Mas, cara Mariliz, sei que você não tem intenções de promover o ódio e o preconceito, já vi muitas mulheres fazendo comentários como os seus. Sinto que muitas vezes, nós, mulheres, estamos apenas reproduzindo o que nos foi ensinado desde pequenas: criticar mulheres por suas formas físicas.



Foto de Liora K e Jes Baker. Parte do projeto fotográfico “EXPOSE: SHEDDING LIGHT ON COLLECTIVE BEAUTY”, que busca mostrar a beleza de mulheres comuns e reais.

Mariliz, entendo que a beleza não conhece formas, que não é medida em quilos. Ela reside, ao contrário, exatamente na tranquilidade de ser exatamente aquilo que nós mesmas quisermos ser; e jamais no que é moldado pela opinião alheia. Eu também me solidarizo com a gordinha que está lá suando na esteira, seja por qual motivo for, porque acredito que ela está disposta a mudar, de ver a vida de outras formas. Coisa que talvez o seu amigo que não gosta de gordinhas ou mesmo você que não gosta de regatas parecem não estar.

Hábitos saudáveis de vida são importantes e devem, sim, ser estimulados, mas tão importante quanto é que possamos definir claramente nossos próprios interesses e metas para que elas jamais se confundam com aquelas que, desde muito cedo, acabam construindo para nós. E é por isso que não podemos fechar os olhos para a reprodução da gordofobia que, de alguma forma, se encontra presente em suas palavras; é preciso que, apesar de todos termos direito à preferências pessoais, se lute contra a imposição do que é “bonito” e do que é “feio”, se lute contra discursos que possam denegrir o outro.

Por isso, Mariliz, desejo profundamente que, com 7 quilos a mais ou a menos, você possa se sentir bem com o seu próprio corpo; que nunca venha a sofrer de dor lombar, mas que não deixe de comer pizza com seus amigos para

comemorar as coisas boas; que use roupas que te fazem sentir linda, mas que jamais abdique do seu conforto; que tome banho pelada, com um espelho na frente e com todas as luzes da casa acesas para poder se lembrar todos os dias do quão poderosa você é; e que, quando for capaz de se sentir incondicionalmente linda e LIVRE, passe a encorajar todas as gordinhas e magrinhas a fazerem o mesmo. Vai mesmo, gordinha! Vai mesmo, mulher!

Comentários

| Post 5 - Vai mesmo, gordinha! – Patrícia Sebastiany Pinheiro - 05/09/2014 | | |
|---|---------|---|
| Autor | Data | Comentário |
| Angela | 11/set. | <p>Me preocupa ouvir que a autora do texto original tem vergonha de olhar para o seu corpo com as luzes acesas. Penso 'que triste!'. Também sou gordinha, acima do peso e tenho minhas neuras. Por exemplo, os meus braços me incomodam. Sempre me incomodaram, mas como minha avó diz, 'é da família', então tive de me conformar. O segredo é desencanar. Sempre fui rodeada de amigas magras que iam à praia com frequência. Me sentia uma alienígena, ou melhor, como se tivesse engolido um... Conforme fui crescendo e amadurecendo percebi q estava me julgando com base nas 5 meninas neuróticas que me rodeavam (sério, contar calorias aos 15 anos?). Parei para pensar: sou alta, proporcional, não tenho barriga de chope... Sou um mulherão mesmo! Grande linda e gostosa! Canalizei a Marilyn, a Elizabeth Taylor e todas aquelas divas do glamour. Tá, a auto-estima não vai automaticamente, mas é como dizem em inglês, 'fake it until you feel it', e foi isso que eu fiz e continuo fazendo. Eu me destaco por que sou grande? Então vou me vestir bem e me emperequetar para me destacar por que sou linda.</p> |
| Laura | 1/out. | <p>Li esse texto da Mariliz e fiquei muito triste – me ofendeu, dentre muitas coisas, ela dizer que gordinha não gosta de exercício. A vida inteira fui acima do peso "ideal", a vida inteira fui viciada em exercício físico. Sempre adorei, mas em academia, pista de corrida, eu vejo uns olhares tortos, como se eu não merecesse estar lá pq meu corpo é fora do padrão. Estou com o pé lesionado e estou enlouquecendo porque tenho que ficar um bom tempo sem correr – abstinência de endorfina. Obrigada pela sua leitura.</p> |

ANEXO B – LICENÇAS DE USO DOS POSTS

Termos de Uso

Se você quer divulgar nossos textos na internet, a melhor maneira é publicar um trecho e linkar o post original, pedindo a pessoa que continue lendo em nosso blog. Isso gera tráfego tanto para seu site como para o nosso.

Porém, se quiser copiar o texto completo, nosso blog está licenciado em creative commons com as seguintes permissões:

– Você pode copiar ou redistribuir esse conteúdo. Remixar, transformar ou construir em cima dos textos;

– Você deve explicitar, no início do texto, a autoria original (nome da autora e link para o texto original) e informar se houve modificações no texto;

– Não é permitido uso comercial. Portanto, se você tem um site ou blog com publicidade não pode copiar textos desse blog sem estabelecer uma parceria formal conosco;

– O texto republicado também deve estar licenciado nesses mesmos termos.

Além dessas permissões pedimos que:

– O texto seja republicado 24 horas depois da publicação original. Para termos um tempo de audiência exclusiva.

– O nome da autora ou autor e o link para o texto original devem vir na primeira linha do texto. Informando ao leitor que trata-se de uma republicação.

Para publicações impressas, as regras são as mesmas, mas os textos não podem ser modificados.

Agradecemos se nos avisar que utilizou um de nossos textos. Evite copiar textos sem citar autoria e fonte. Disseminar informação também significa informar a seus leitores quem a produziu.